

Sergipe

Cultura e Diversidade



Conhecer
Reconhecer
Valorizar



Sergipe
Cultura e Diversidade



Sergipe

Cultura e Diversidade





GOVERNO DE SERGIPE

Governador do Estado	MARCELO DÉDA CHAGAS
Vice-Governador do Estado	BELIVALDO CHAGAS SILVA
Secretária de Estado do Planejamento, Habitação e do Desenv. Urbano	MARIA LÚCIA DE OLIVEIRA FALCÓN
Secretário de Estado da Comunicação Social	CARLOS ROBERTO DA SILVA
Secretária de Estado da Cultura	ELOÍSA DA SILVA GALDINO
Secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico, da Ciência e Tecnologia e do Turismo	JORGE SANTANA DE OLIVEIRA
Diretor-Presidente da Empresa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Sergipe	CARLOS HERMÍNIO DE AGUIAR OLIVEIRA
Diretor-Presidente da Empresa Sergipana de Turismo	JOSÉ ROBERTO DE LIMA ANDRADE

COMISSÃO ORGANIZADORA DA I JORNADA SERGIPANA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Secretária Adjunta do Planejamento, Habitação e do Desenvolvimento Urbano	ANA CRISTINA DE CARVALHO PRADO DIAS
Superintendente de Desenvolvimento, Captação de Recursos e Programas Especiais	GLEIDENEIDES TELES DOS SANTOS
Gerente do Projeto Identidade, Cultura e Desenvolvimento dos Territórios Sergipanos	MARCEL DI ANGELIS SOUZA SANDES
Secretário Adjunto da Cultura	MARCELO RANGEL LIMA
Coordenadora de Marketing da Empresa Sergipana de Turismo	CAROLINE PORTUGAL
Gerente da Unidade de Atendimento Coletivo – Indústria Serviço Brasileiro de Apoio às Empresas – Sebrae/SE	PAULO AFONSO MARQUES DE SOUZA
Diretor do Teatro Tobias Barreto	LINDOLFO AMARAL







Apresentação dos
Lambe-sujos e
Caboclinhos em
Laranjeiras. Ao fundo,
a Igreja Matriz.



Sumário

15	Sergipe: conhecer, reconhecer e valorizar
19	A cultura como vetor estratégico do desenvolvimento e da inclusão social
31	Diversidade e riqueza
	Receita da identidade e beleza do povo sergipano
34	Manifestações tradicionais
34	Tradições religiosas
35	Artesanato
36	Espetáculos e Danças
40	Música
40	Literatura popular
40	Folguedos de Guerra, Luta e Libertação
44	Manifestações contemporâneas
44	Festas e Eventos
47	Teatro e música
48	Artesanato
51	Territorios de Identidade

53 Grande Aracaju

56 Encontro Cultural de Laranjeiras

58 Chegança

60 Lambe-sujos e Cabloclinhos

63 Taieiras

64 Cacumbi

65 São Gonçalo

66 Ciclo da folia

68 Procissão do Fogaréu

69 Procissão do Encontro

70 Ciclo junino

71 Pé-de-Serra

72 Caceteira do Rindu

73 Samba de Pareia

74 Samba de Coco

76 Candomblé/Umbanda

77 Nagô

78 Mamulengo

79 FASC

80 O Mercado

81 Caranguejada

83 Alto Sertão

86 Cavallhada

87 Casamento do Matuto

88 Rendas

91 Artesanato em Madeira

92 Presença Indígena

93 Toré

94 Cangaço

96 Artesanato em Couro

97 O Vaqueiro, o Boiador e o Berrante

98 Cordel

99 Violeiros e Cantadores

100 Festa do Leite e Semana da Vaca Leiteira

102 Festa do Quiabo

103 Pituzada

105 Médio Sertão

108 Procissão do Madeiro

110 Festa do Boi

111 Festival de Jegues

112 Bonequeiras

113 Galinha de Capoeira com Fava

115 Baixo S. Francisco

118 Bom Jesus dos Navegantes

119 Pastoril

120 Banda de Pífanos

122 Guerreiro

123 Zé Pereira

125 Maracatu

126 Cavalgada

127 Queima de Judas

- 128 Bordadeiras
- 130 Artesanato em Cerâmica
- 132 Artesanato em Palha/Cipó
- 134 Festa da carne do Sol
- 135 Peixada em panela de barro

137 Sul Sergipano

- 140 Quadrilha Junina
- 143 Batucada Pisa Pólvora
- 144 Barco de Fogo
- 147 Encontro de Carros-de-boi
- 148 Festa da Laranja
- 149 Refogado de Aratu

151 Agreste Central

- 154 Feiras
- 156 Os Caretas
- 157 Embeleco
- 159 Penitentes
- 160 Trezenário de Santo Antônio e Festa do Caminhoneiro
- 161 Brinquedos Artesanais
- 162 Filarmônicas
- 163 Buchada de Carneiro

165 Centro Sul

- 168 Grupo Parafuso
- 170 Silibrina
- 171 Tecelagem
- 173 Bordado
- 174 A Capoeira e o Berimbau de Boca
- 175 Maculelê
- 176 Festival da Mandioca e a Maniçoba
- 177 Lombo em Panela de Barro

179 Leste Sergipano

- 182 Reisado
- 183 Sarandagem ou Sarandaia
- 185 Batalhão/Bacamarteiros
- 186 Festa do Mastro
- 187 Samba de Aboio
- 188 Renda Irlandesa
- 190 Festival de Arte Arthur Bispo do Rosário
- 191 Robalo do Molho de Camarão

194 Referências Bibliográficas







Sergipe: conhecer, reconhecer e valorizar



em cultura não há desenvolvimento. E esse fato tem sido negligenciado durante décadas de política desenvolvimentista. Se observarmos a história, veremos que durante cinco séculos, o Brasil buscou caminhos monocromáticos para a trama da sua história.

Como diria Sérgio Buarque de Holanda, nós ficamos como caranguejos, arranhando o litoral.

Sem dúvidas, um estado como Sergipe, cujo litoral foi abençoado com cinco grandes barras fluviais, que juntamente com a cana de açúcar foram por décadas os motores da economia sergipana, além da disponibilidade de recursos minerais e da existência de um significativo pólo de comércio e serviços como Aracaju, deve valorizá-lo como estratégia de desenvolvimento. Por outro lado, esquecer o seu interior significa inviabilizar um projeto de desenvolvimento mais justo, equitativo e sustentável, que garanta a inclusão dos seus cidadãos pelo direito e pela renda.

Interiorizar, mais na alma que no território, é dar sustentabilidade ao desenvolvimento, mas isso não é uma ação simples. Ela passa pela observação da diversidade que se formou entre os rios São Francisco e Real, entre o Oceano Atlântico e o sertão nordestino. Para isso, é necessário delicadeza ao tratar de elementos sensivelmente entrelaçados, a saber: cidadania, cultura e economia.

Felizmente, em Sergipe, o progresso econômico não sufocou a diversidade. Além do turismo de sol e mar e das manifestações da cultura de massa, existem por todo o nosso território belas representações feitas do nosso mais genuíno “barro”, original deste valioso chão. Essa é uma das características mais marcantes aos olhos de quem nos visita e é isso que o leitor verá ao longo deste livro “Sergipe: Cultura e Diversidade”.

Se somos muito diversos, isso se deve ao fato de que a natureza de um espaço formado por tantas diversidades ambientais e trocas culturais o imuniza em relação ao risco de homogeneização. Desta forma, devemos aproveitar as oportunidades que o nosso espaço nos oferece e criar, a partir das nossas mais sinceras vocações, possibilidades de negócios, de geração de emprego e renda e de melhoria da qualidade de vida dos sergipanos, buscando a integração na diversidade e o aporte do fator cultural à equação do desenvolvimento.

Um rápido exame nos mostra que, não raro, os países mais desenvolvidos também são aqueles que mantêm mais vivos os elementos importantes da sua cultura, aqueles traços que os une enquanto conjunto singular. Nesse sentido, Sergipe dá um passo à frente ao realizar um primeiro levantamento para melhor conhecer esse patrimônio que, muitas vezes, não é material, mas é tão importante quanto nosso patrimônio físico-ambiental.

Em Sergipe, o progresso econômico não sufocou a diversidade. Além do turismo de sol e mar e das manifestações da cultura de massa, existem por todo o nosso território belas representações feitas do nosso mais genuíno “barro”.



Com o Planejamento Participativo, criamos em Sergipe uma imensa “ágora” onde a cultura foi incorporada à política de desenvolvimento territorial, tornando real um compromisso assumido em nosso Plano Estratégico de Governo. E se a nova forma de governar para o futuro de Sergipe dá voz ao nosso colorido vário, cabe então aos sergipanos contribuírem, em parceria com o seu governo, para a construção dos seus caminhos, exaltando e preservando toda a sua diversidade, construindo, juntos e efetivamente, um Sergipe Para Todos.

Tenho, por tudo isso, não apenas a honra, mas um inegável orgulho em poder compartilhar com o maior número possível de pessoas o acesso a essa demonstração da beleza, grandeza e criatividade da gente sergipana. Entrego ao povo de Sergipe um registro daquilo que somos e da força e originalidade da imaginação popular no mundo do trabalho, da religião e das festas. E se imaginarmos, ao longo dos 500 anos de história brasileira, os milhares de sergipanos que construíram e reconstróem nossa cultura, posso dizer que este livro tem milhares de autores e centenas de anos de vivência.

Que seja de utilidade e de prazer lúdico a todos quantos o lerem.

Marcelo Déda Chagas
Governador do Estado de Sergipe

Ao lado, Cheiroso, o Mateus do Reisado do Balde de Laranjeiras. Abaixo, pintura sobre cerâmica, de Ismael Pereira.







A cultura como vetor estratégico do desenvolvimento e da inclusão social



Ao ler este livro, o leitor será arrastado para um domínio onde governam a emoção e o encantamento com a beleza e a diversidade cultural sergipanas. A riqueza das ilustrações e cartografias e a sutileza dos estudiosos que descreveram as manifestações selecionadas para esta publicação, transportarão o leitor por alguns momentos para o mundo daqueles que fazem a nossa Cultura.

Cultura e desenvolvimento. O global, igual, padronizado e enlatado versus o local, diferenciado e único. Dois temas cuja relação tem sido há muito explicitada, emergem com força mais uma vez no início do século XXI. Desta vez, o foco são os países em desenvolvimento e a pergunta que se põe é: existe possibilidade de gerar desenvolvimento a partir do fortalecimento da cultura?

A resposta ainda está sendo construída. São muitas as experiências, os caminhos, e o debate é rico. Nesse sentido é que vários países passaram a criar órgãos e institutos com a finalidade de conceder ao tema um tratamento específico. Desse movimento são ilustrativas as criações de Institutos de Pesquisa, autônomos ou vinculados a Universidades, em sua maioria visando dar um tratamento científico ao tema, especialmente na vertente da economia da cultura e da economia criativa.

“A necessidade de se conhecer melhor o setor cultural já se impôs, a partir dos anos 1970, em países europeus – principalmente a França, um dos primeiros a incluir a cultura no plano de metas nacional – nos Estados Unidos e em outros países-membros da Unesco que incorporaram o conceito de cultura em suas estratégias de desenvolvimentos social e econômico”¹.

Além dos pioneirismos europeu e americano, as iniciativas de países da América Latina no âmbito do Convênio Andrés Bello² merecem destaque, especialmente o caso do México, que elaborou, no espaço delimitado do seu Sistema de Informações Culturais, além do seu Atlas de Infraestrutura Cultural e das pesquisas de costumes e consumos culturais, um levantamento de caráter qualitativo, assemelhado ao que agora apresentamos, descrevendo as suas principais manifestações, a abrangência geográfica e a periodicidade da ocorrência, grupos envolvidos, as funções sociais e culturais que cada manifestação exerce no interior do grupo que a pratica, além dos riscos que enfrentam e as possíveis medidas de salvaguarda que permitiriam protegê-las e promovê-las.

A publicação deste livro, que tem como fonte principal o levantamento cultural, é uma mostra panorâmica de toda a beleza e riqueza das manifestações culturais do povo sergipano.

No Brasil, foram publicadas duas edições do Sistema de Informações e Indicadores Culturais, fruto do convênio entre o Ministério da Cultura e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o desenvolvimento de uma base contínua de informações relacionadas ao setor cultural e construção de indicadores culturais. Essa base de dados é parte integrante do Sistema Nacional de Cultura que, a exemplo dos Sistemas de Saúde e Assistência Social, prevê o estabelecimento de princípios e diretrizes comuns, divisão de atribuições e responsabilidades entre os entes da federação, compartilhamento de recursos e criação de instâncias de controle social das políticas do setor, bem como um compartilhamento público e transparente e a integração de dados e indicadores coletados pelos municípios, os estados e o governo federal, para gerar informações e estatísticas da realidade cultural brasileira.

A reconhecida capacidade do IBGE e a implementação do Sistema Nacional de Cultura levam-nos a entrever um caminho promissor a respeito das pesquisas na área cultural em todo o Brasil, uma vez que estados e municípios, ao se associarem ao sistema, devem criar instrumentos de gestão para acompanhamento e avaliação das políticas públicas de cultura, ou seja, seus Sistemas Estaduais e Municipais de Informações e Indicadores Culturais.

No entanto, o recorte dado pelo IBGE às atividades culturais deixa de fora grande parte das produções da cultura popular, pois estas, por sua vez, não podem computar dados para as contas nacionais, em virtude do seu alto grau de informalidade, o que faz com que seu acompanhamento preciso seja uma tarefa difícil.

As classificações atualmente existentes, sem dúvida, não delineiam fielmente o que compõe o setor cultural, o que não é uma falha dos pesquisadores que sobre o assunto se debruçam, mas um desafio posto pela natureza do próprio objeto pesquisado: a fluidez da cultura.

Foi com a disposição de compreender a diversidade cultural de Sergipe e torná-la fonte de auto-estima, emprego e renda para os seus habitantes que a experiência do Planejamento Participativo incorporou, além da economia e da infraestrutura, a cultura. A metodologia da territorialidade, implementada pelo Governo sergipano, baseada nos territórios de identidade do Ministério do Desenvolvimento Agrário, pressupõe 5 dimensões: a social, a político-institucional, a ambiental, a econômico-produtiva e a cultural, que também se constituem como bases do Programa Mais Cultura.

Os Territórios da Cidadania do Governo Federal estimulam a Sociedade Civil a se auto-organizar para buscar o desenvolvimento. O Ministério da Cultura passou a ver a cultura não apenas como fenômeno restrito às manifestações artísticas, ampliando o conceito para o campo mais vasto da criação humana no seu sentido histórico-antropológico, fato que teve grande importância no que se refere à incorporação da contribuição popular ao processo de formação da sociedade brasileira.

O Governo de Sergipe, em uma ampla consulta popular realizada em 2007, estabeleceu oito Territórios de Planejamento baseados na sua identidade cultural. Em 2008, trabalhou com os delegados do Planejamento Participativo



Artesanato em cerâmica inspirado nas gravuras dos cordéis.



(PP) os símbolos-ícones e as festas mais representativas de cada território. Em 2009, aprofundando ainda mais nessa direção, trabalhou o tema cultura nas conferências do PP, fazendo um primeiro levantamento das manifestações culturais existentes em todos os territórios, com destaque para a escolha dos principais elementos da gastronomia de cada um deles.

Igreja de Bom Jesus dos Navegantes em Laranjeiras.

Mosteiro das Carmelitas em São Cristóvão.

Sergipe: Cultura e Diversidade

Produzir este livro significa registrar e divulgar para um público amplo aquilo que mais nos representa e singulariza, com base em uma abrangente pesquisa empírica e bibliográfica e preenchendo uma lacuna dos registros e levantamentos acerca da cultura no estado de Sergipe. Trata-se, portanto, de um primeiro levantamento do nosso acervo cultural do ponto de vista qualitativo e especializado.

Antes deste livro, em 1977, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro realizou pesquisas para elaboração do Atlas Folclórico do Brasil, onde o Estado de Sergipe foi a grande surpresa, por contar, naquela ocasião, com 220 grupos populares em atividade. Um resultado que fez de Sergipe, à época, a maior reserva de folclore de todo o País.

Na realidade, a novidade deste material que publicamos agora reside em três aspectos: a “arquitetura” do processo de pesquisa e do seu aperfeiçoamento, a atualidade do levantamento e a idéia de registrar o grau de dinamismo em que se encontram as manifestações. Essa informação é de extrema importância para todos, especialmente para algumas secretarias, como a Secretaria de Estado do Planejamento, Habitação e do Desenvolvimento Urbano (Seplan), que tem como missão coordenar o planejamento das políticas públicas no Estado de Sergipe; a Secretaria de Estado da Cultura (Secult), que tem trabalhado para promover a Política Cultural do Estado de forma territorializada e integrada, de modo a assegurar a produção e o acesso aos bens e serviços culturais e garantir a diversidade cultural sergipana buscando

As classificações atualmente existentes, sem dúvida, não delineiam fielmente o que elas vêm a ser, o que não é uma falha dos pesquisadores que sobre o assunto se debruçam, mas um desafio posto pela natureza do próprio objeto pesquisado: a fluidez da cultura.

desenvolver a cultura em seus aspectos social, humano e econômico, e como a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, da Ciência e Tecnologia e do Turismo (Sedetec), que é responsável pela política de desenvolvimento econômico e turismo.

Por se tratar de uma obra que se pretende acessível a um público que deseja conhecer Sergipe, especialmente aos empresários da área da economia da cultura e do turismo e àqueles que nos visitam e aos nossos estudantes, futuros responsáveis pelos rumos de Sergipe, esta publicação não registra exaustivamente tudo aquilo que foi levantado na pesquisa de campo, mas, apenas os eventos mais importantes de todos os territórios, tanto do ponto de vista sociocultural quanto da sua capacidade de gerar renda e benefícios para os seus agentes e afins.

O fato de não incluirmos nele informações que são altamente mutáveis, certamente, conceder-lhe-á maior tempo de representatividade do que é Sergipe, o que não quer dizer que ignoremos o movimento contínuo da cultura. Desta forma, o nosso rol de informações não inclui dados acerca da produção (oferta) e demanda de bens e serviços culturais, nem aspectos relativos à gestão cultural no nível municipal ou informações sobre os gastos públicos com cultura e o perfil socioeconômico da mão-de-obra ocupada em atividades culturais, pesquisas que já são sistematicamente elaboradas e atualizadas pelo IBGE e que podem ser encontradas nos sites www.ibge.gov.br ou www.cultura.gov.br.

Mercado Antônio Franco, construído em 1926, foi restaurado para servir de espaço de comercialização do artesanato sergipano em Aracaju.



É importante, também, ressaltar que o objetivo deste livro não foi criar um Guia ou Catálogo Cultural, e sim registrar a diversidade da cultura sergipana. Apesar disso, para os leitores que tenham interesse em visitar ou entrar em contato com os indivíduos e grupos que fazem a cultura sergipana, estão disponíveis no site www.seplan.se.gov.br, no link “Programas - Planejamento Participativo”, os Relatórios das Conferências Municipais do Planejamento Participativo – Ciclo 2009-2010, que contêm informações sobre onde encontrá-los, assim como está disponível em meio digital esta e outras publicações.

Cabe destacar, ainda, que os resultados do nosso levantamento indicam forte correlação com as informações do Suplemento de Cultura da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC 2006, do IBGE, no tocante às atividades artísticas e artesanais existentes nos municípios sergipanos, revelando que este primeiro levantamento, que agora apresentamos, será de grande valia aos diversos fins a que se propõe.

O caminho percorrido

A necessidade da produção deste livro nasceu durante o Planejamento Participativo. Essa enriquecedora experiência, acontecida em Sergipe a partir de 2007, mobilizou milhares de participantes em todos os municípios e escolheu as prioridades de investimentos que devem integrar a ação governamental e o orçamento público. A decisão de conhecer melhor a cultura de cada território do nosso Estado decorre da decisão preliminar de tornar a cultura um vetor do desenvolvimento local, do fortalecimento da cidadania e da melhoria da qualidade de vida da população. Além da riqueza empírica quando do contato proporcionado pelo Planejamento Participativo com mais de 35 mil sergipanos nos 3 primeiros anos de Governo, o Plano Estratégico da Administração Estadual, que preconiza a necessidade de inclusão pelo direito e pela renda, bem como o Desenvolver-SE (Plano Estadual de Desenvolvimento Econômico para 10 anos), ao definir a economia da cultura como um dos pilares do desenvolvimento sustentável em um horizonte de longo prazo, foram os fundamentos documentais dessa decisão.

O Projeto “Identidade, Cultura e Desenvolvimento dos Territórios Sergipanos” foi elaborado e o primeiro passo foi a realização de um seminário, reunindo grandes nomes da antropologia, economia, geografia, história, planejamento e políticas públicas e representantes de várias áreas governamentais e da sociedade civil brasileira e sergipana.

Resultou dele um quadro referencial para tratar o tema – cujas contribuições estão publicadas em uma Coletânea, facultando o acesso de um público mais amplo ao conteúdo das exposições e dos debates. Desse encontro, resultou também a recomendação técnica da realização de um levantamento do acervo da cultura com vistas a conhecer melhor o universo a ser trabalhado, da elaboração de uma interpretação de fundo histórico e antropológico da formação cultural do nosso Estado e de medidas de promoção e fortalecimento de nossas expressões.



Imagem de Santa Católica em artesanato de fibra de coqueiro.

Nesse sentido é que o II Ciclo do Planejamento Participativo, com o tema “Construindo Parcerias para o Desenvolvimento Territorial”, forneceu a base institucional para a realização de um levantamento inicial durante as conferências municipais. Na mesa temática: “Cultura, Desenvolvimento e Inclusão” foram identificadas as manifestações culturais dos municípios, principais dificuldades e ações complementares para o seu desenvolvimento, informações consolidadas em relatórios entregues aos delegados do Planejamento Participativo e gestores municipais com a finalidade de proporcionar aos habitantes dos municípios o conhecimento mais acurado da sua realidade, além de subsidiar a formulação dos Planos Plurianuais dos municípios sergipanos³.

Essas informações serviram de orientação para, em uma segunda fase, realizarmos um levantamento cultural qualificado dos oito territórios de identidade sergipanos, ratificando ou atualizando as informações obtidas durante o PP, a partir de uma pesquisa de campo encomendada pela Seplan e realizada em agosto de 2009 por professores dos Departamentos de Geografia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, coordenados pelos professores Maria Augusta Mundim Vargas e Paulo Sérgio da Costa Neves.

Nessa segunda etapa, o auxílio institucional das Prefeituras e das pastas responsáveis pela política cultural nos municípios foi de grande importância ao nos receberem para a realização de entrevistas. Ao todo, foram realizadas 349 entrevistas nos 75 municípios sergipanos, entre temas gerais, com representantes de órgãos municipais ligados à cultura, historiadores e intelectuais dos municípios e entrevistas de foco específico, realizadas com os grupos responsáveis pela realização das manifestações.

Dessa forma, as informações sobre as manifestações foram em seguida alvo de um trabalho interpretativo que possibilitou um entendimento mais aprofundado sobre suas origens, evolução, situação atual, significado e importância em suas dimensões mais relevantes.

Para fins do registro e mapeamento, a técnica escolhida foi a matriz lugar/atributo que possibilitou a produção de mapas coropléticos, onde foram registradas mais de 500 manifestações/expressões segundo os municípios, de acordo com a nomenclatura original dada pelos entrevistados, o que sublinha o valor desse registro inicial que esperamos incluir no nosso futuro sistema de informações e indicadores culturais. Após essa fase, procedeu-se o agrupamento das informações em tipologias e categorias para facilitar o trabalho interpretativo e de mapeamento.

A matriz se estrutura da seguinte forma: nas linhas estão as tipologias e as manifestações que compõem cada uma delas e nas colunas estão os municípios e os territórios.

Além de indicar a ocorrência da manifestação, as matrizes contaram com o uso da variável cor, que permitiu uma leitura rápida do grau de dinamismo das manifestações, em um gradiente definido da seguinte forma:



Imagem de anjos em barro confeccionados em Santana do São Francisco.

Cor	Especificação
	Expressam, mobilizam, são a imagem do município.
	São muito importantes para os grupos que as produzem.
	Manifestações que não acontecem mais.
	Eventos cívicos.
	Realizadas pelas Prefeituras.

Por exemplo:

No grupo das Manifestações Tradicionais, a Cavallhada apresentou forte ocorrência no território do Alto Sertão Sergipano, indicando sua ocorrência regionalizada.

Situado também no grupo Manifestações Tradicionais, o Bordado apresenta forte ocorrência em todos os territórios exemplificados, revelando ser uma manifestação disseminada em todo o Estado de Sergipe.

Grandes Grupos de Manifestações	Território	Alto Sertão Sergipano		
	Município	Canindé do São Francisco	Poço Redondo	Monte Alegre de Sergipe
Manifestações Tradicionais	Cavallhada			Não foi encontrada
	Bordado			

Grandes Grupos de Manifestações	Território	Baixo São Francisco Sergipano		
	Município	Malhada dos Bois	Muribeca	Telha
Manifestações Tradicionais	Cavallhada	Não foi encontrada	Não foi encontrada	Não foi encontrada
	Bordado			

Grandes Grupos de Manifestações	Território	Médio Sertão Sergipano		
	Município	Nossa Senhora das Dores	Feira Nova	Cumbe
Manifestações Tradicionais	Cavallhada	Não foi encontrada	Não foi encontrada	Não foi encontrada
	Bordado			

“Com efeito, a maior densidade de determinada manifestação na linha sinaliza sua ocorrência generalizada no espaço e as cores colaboram para identificar o grau de importância, seja para o município, seja para o território e até mesmo para Sergipe (como no caso do bordado). Já a maior densidade de manifestações nas colunas, indica a diversidade de manifestações existentes em um mesmo município ou território”⁴.



“Afim, nossa abordagem passa pelo entendimento de que a produão cultural é formadora do espaço e, como tal, o seu mapeamento é, também, uma construção social (Martinelli, 1991)”⁵.

Para a produção deste livro as informações foram extraídas da matriz e reclassificadas em três novas categorias: trabalho, fé e festa. Portanto, são estas categorias que o leitor encontrará ao longo da publicação, junto com a indicação da sua ocorrência geográfica através do uso de ícones.

Outras agregações de informações foram produzidas para fins interpretativos, mas o leitor não as encontrará neste livro, assim como as matrizes utilizadas para o mapeamento, pois entendemos ser uma informação que terá mais valor para fins de política pública e atualização da pesquisa, o que não significa dizer que não será disponibilizada para o público. As informações que aqui não foram contempladas pela limitação deste material serão disponibilizadas no portal dos territórios assim que se definirem as estruturas do Sistema de Informações Geográficas de Sergipe e do Sistema Estadual de Informações e Indicadores Culturais.

Acreditamos, também, na continuidade do Planejamento Participativo, canal institucionalizado de diálogo entre Estado e Sociedade, como forma de promover novos estudos, bases estatísticas e políticas públicas, no sucesso do Projeto Economia da Cultura e Turismo de Sergipe como norte de desenvolvimento e constante discussão e nas iniciativas que têm sido desenvolvidas pela Sudene e pelo Minc no sentido do mapeamento e sistematização dessas informações.

Cabe ressaltar que, pela natureza da pesquisa (foi entrevistada apenas uma pequena “amostra” das pessoas que fazem a cultura sergipana), algumas informações deixaram de ser captadas, especialmente pelos vieses que a subjetividade dos entrevistados imprimia às entrevistas. Portanto, se este trabalho pode ser considerado inédito, não significa dizer que seja definitivo ou imune a falhas, pelo contrário, o universo levantado nos impõe o imenso desafio de continuar a identificar e compreender toda a dinâmica da diversidade cultural sergipana.

“Dessa forma, a produção do material visual dessa pesquisa insere-se no esforço recente e ainda em processo de discussão e construção de uma cartografia cultural. Apresentamos diferentes maneiras de perceber, compreender e representar a cultura, dentre mapas, matrizes e quadros, mas, sobretudo, com a certeza de que se constitui obra aberta a novas medições e traços representativos da cultura sergipana”⁶. Enfim, trata-se de uma obra incompleta e cuja construção coletiva permitirá que levemos à frente este primeiro ensaio.



Personagem confeccionado pelo artesão Liu Filho, em Simão Dias.



Roteiro de Viagem

O conteúdo deste livro está agrupado em três capítulos: Manifestações Tradicionais, Manifestações Contemporâneas e Territórios de Identidade.

Os dois primeiros capítulos representam as interpretações proporcionadas pela pesquisa. As manifestações culturais foram organizadas em dois grandes grupos: “as tradicionais/enraizadas, que são aquelas herdadas e mantidas tal como apropriadas no passado, saberes transmitidos de geração a geração, conservando suas raízes, e as ressignificadas/contemporâneas – aquelas cuja evolução apresenta variações na composição e estrutura, incorporando novos elementos e também o novo, recentemente apropriado, sem raízes no passado”⁷.

No terceiro, um perfil sumário de cada território, situando o quadro geográfico, ecológico, econômico, histórico e humano do contexto tratado abre cada separatriz para que o leitor possa compreender, com clareza, o significado de cada manifestação catalogada e sua relação com o espaço e a cultura onde está implantada.

Mapas, iconografias, fotografias e legendas explicativas ilustram o livro, além das descrições das manifestações culturais mais significativas em seus territórios de identidade, redigidas como verbetes didáticos para mais fácil entendimento dos leitores.



Foto A: Quadrilheira se apresentando com vestimenta em apologia ao cangaço.

Foto B: Confeção de bolsas em palha de tabua ou toboa, em Pacatuba.

Foto C: Boneca de pano confeccionada em alusão ao Pastoril.

Página ao lado:

Foto A: Músico integrante do Samba de Pareia tocador de “onça”.

Foto B: Artesanato de barro em alusão ao cangaço.



Cabe destacar que o fato de uma manifestação estar representada em um dos territórios não significa dizer que ela não ocorra nos demais. A ocorrência geral das manifestações está representada na forma de ícones no quadro “Principais Manifestações” que abre cada território, onde estarão informadas as principais manifestações de cada município de Sergipe. Já a distribuição das manifestações na forma de verbete indica o território onde elas têm maior importância. Nesse sentido, a publicação visa também reforçar os elementos de identidade dos territórios sergipanos.

No conjunto, é um amplo mosaico do que há de mais relevante, dinâmico e representativo na cultura em Sergipe e, potencialmente, capaz de promover a melhoria da qualidade de vida do seu povo. O livro preenche uma lacuna e põe à disposição de quantos tenham interesse no tema, um livro de qualidade, consistente, à altura do patrimônio pesquisado.

A todos, uma boa leitura e uma boa viagem pelo universo da cultura sergipana!

Eloísa da Silva Galdino
Secretária de Estado da Cultura

Jorge Santana de Oliveira
Secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico,
da Ciência e Tecnologia e do Turismo

Maria Lúcia de Oliveira Falcón
Secretária de Estado do Planejamento,
Habitação e do Desenvolvimento Urbano

¹ IBGE, Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005.

² O Convênio Andrés Bello de Integração da Educação, Ciência, Tecnologia e Cultura é uma organização internacional intergovernamental instituído no âmbito do tratado assinado em Bogotá em 31 de janeiro de 1970, substituído em 1990, que goza de personalidade jurídica internacional e cujo objetivo é contribuir para alargar e reforçar o processo dinâmico de integração dos Estados no âmbito educativo, científico, tecnológico e cultural.

³ As informações encontram-se disponíveis no link do Planejamento Participativo, no endereço eletrônico: www.seplan.se.gov.br.

⁴ NEVES, Paulo S. da C. & VARGAS, Maria A. M.. Levantamento Cultural dos Territórios Sergipanos. Aracaju, 2009.

⁵ MARTINELLI apud NEVES, Paulo S. da C. & VARGAS, Maria A. M.. Levantamento Cultural dos Territórios Sergipanos. Aracaju, 2009, p. 15.

⁶ NEVES, Paulo S. da C. & VARGAS, Maria A. M.. Levantamento Cultural dos Territórios Sergipanos. Aracaju, 2009.

⁷ Ibid.



Diversidade e riqueza

Receita da identidade e beleza do povo sergipano



Trabalho, fé e festa. Dimensões da vida social em torno das quais surgiram, transformaram-se e permanecem vivas as manifestações culturais do nosso povo. O artesanato, que vai do bordado a peças em madeira, cerâmica, palha, cipó, couro, pedra. Objetos utilitários, decorativos, verdadeiras obras de arte. A religiosidade, que se traduz em festas, rituais, cantos e danças. Espetáculos e festejos que celebram os Ciclos Junino e Natalino. As danças, representações de guerra, luta, libertação. A música, o canto, a literatura. Um conjunto rico e diversificado que mostra toda a força e beleza da imaginação, criatividade e capacidade de realização da nossa gente, ao longo de sua história. Foi esse universo que a pesquisa levantou e qualificou em todos os 75 municípios dos oito territórios de identidade sergipanos e que está apresentado neste livro, com suas imagens mais expressivas e representativas.

Um conjunto valioso e diversificado de manifestações culturais que mostra toda a força e beleza da imaginação, criatividade e capacidade de realização do povo sergipano, ao longo de sua história.

Artista popular
César Leite.







Manifestações tradicionais

Tradições religiosas

A religiosidade dos sergipanos é marcada pela predominância da matriz católica. As procissões, novenas, trezenas, romarias, quermesses e leilões acompanham os festejos dos padroeiros, reforçando a religiosidade que se expressa nos preparativos, arrecadação de fundos, na ornamentação de altares e andores. Além das festas, ocorrem em alguns municípios peregrinações, romarias e rituais, entre os quais os Penitentes, a Queima de Judas, Cosme e Damião, lavagem das

escadarias da igreja Senhor do Bomfim e Paixão de Cristo.

A presença das religiões afro é observada em municípios de todos os territórios, com expressão mais forte no território Grande Aracaju, onde se destacam os municípios de Aracaju, Laranjeiras e Riachuelo.

Ao lado, comemoração religiosa, dia da Santa Cruz, Divina Santa Cruz da Serra Grande em Poço Verde.

Abaixo, grupo de Penitentes do povoado Cabeça da Vaca em Nossa Senhora da Glória.



Artesanato

Bordado

O Bordado, em suas diferentes variantes, é considerado emblemático. Essa disseminação do bordado confere-lhe uma importância muito grande entre as práticas culturais dos sergipanos.



A arte do barro de Beto Pezão.

Madeira, cerâmica, couro

Essas outras variantes de artesanato encontram-se presentes em vários territórios do Estado, sendo um elemento definidor da imagem de municípios importantes: Aracaju, Estância, Santa Luzia do Itanhi, Ribeirópolis, Frei Paulo, Divina Pastora, Brejo Grande, Santana do São Francisco e Cedro de São João.

Palha e Cipó

Embora menos difundidos, são destaque nos municípios de Estância e Santa Luzia do Itanhi (no Sul Sergipano), Riachão do Dantas (no Centro Sul Sergipano), Pacatuba, Brejo-Grande e Neópolis (no Baixo São Francisco Sergipano) e Pirambu (no Leste Sergipano).



Cidade cenográfica no Forró Caju.

Espectáculos e danças

Ciclo Junino

A pluralidade e a relevância das manifestações culturais do Ciclo Junino no Nordeste decorrem da conjunção entre ciclo de chuvas e a absorção das culturas indígena, afro e européia, resultando numa produção que envolve parte da comunidade em muitos municípios. Em Sergipe, as festas, danças e rituais do ciclo junino estão presentes com muita força em praticamente todo Estado.

As chuvas caídas no dia de São José, 19 de março, animam os agricultores para o plantio. E, no mês de junho, a colheita, principalmente do milho, é agradecida e festejada. Assim, a ambiência dos festejos rurais migrou para povoados e cidades.

A decoração, os trajés e os pratos típicos acompanharam o movimento, ritmados pelas danças ao som da sanfona, zabumba e triângulo.

Os Santos homenageados são três: Santo Antônio, São João e São Pedro. São João, o mais reverenciado, é comemorado efusivamente com comidas típicas, fogos e muita música. Entre as manifestações das festas juninas, a quadrilha é a que mais se destaca, todavia, vem passando por mudanças significativas em sua coreografia, com a transferência dos arraiais de ruas e praças para espaços de grandes eventos.

Outros entretenimentos singularizam municípios como Estância, pelos



barcos de fogo, arraiais, produção de fogos além de folguedos como o Pisa Pólvora. Carmópolis com os Bacamarteiros. Capela, Muribeca e Japaratuba com a Sarandagem. Boquim com o pau de fita. Tomar do Geru com a Dança de São João. O casamento do matuto realiza-se com importância significativa em vários municípios.

Como expressão da cultura de origem africana, o Samba de Coco e o Samba de Pareia mantêm suas heranças mais fortes na região do Cotinguiba, que corresponde à maioria dos municípios do território Grande Aracaju. O Samba de Coco é o mais difundido em variadas comunidades.



Bares e lojas de artesanato no Arraiá do Povo. Abaixo, quadrilha junina se apresentando no centro de artes da orla de Aracaju.



Cacumbi do Seu Deca em
frente à Igreja de Nossa
Senhora da Conceição dos
Pardos, em Laranjeiras.



Ciclo Natalino

Os festejos do Ciclo Natalino traduzem, como aqueles do Ciclo Junino, a religiosidade dos nordestinos e a capacidade de produção de rituais pagãos associados às bênçãos, novenas, trezenas e procissões. Entretanto, sem a mesma animação e participação popular. O período natalino é caracterizado por manifestações mais restritas e familiares de iniciativa das comunidades católicas.

As danças do Ciclo Natalino estão mais presentes no território Grande Aracaju. O Reisado é a manifestação mais cultivada, presente em várias cidades. Maracatu, Taieiras, Pastoril, Cacumbi e Guerreiro permanecem em atividade em outros municípios. O São Gonçalo é preservado em alguns municípios, com destaque para Campo do Brito (Agreste Central) e Laranjeiras (Grande Aracaju).



As procissões realizadas em diversas cidades de Sergipe encerram o ciclo natalino. Um das procissões mais conhecida deste ciclo é a procissão de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em Laranjeiras.



Música

As manifestações dos Ciclos Junino e Natalino, como também as tradições religiosas são responsáveis pela ocorrência e permanência das zabumbas, localizadas em alguns povoados do Estado. Os tocadores de pífano ou pife estão presentes em vários municípios. O instrumento é aprendido “de ouvido” por seu tocador e incorporado aos ternos de zabumba que se apresentam em cerimônias religiosas e festas. Os aboiadores são representativos no Alto Sertão, principalmente nos municípios de Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé de São Francisco.

Literatura popular

Os poetas, escritores e contadores de histórias resistem e são considerados importantes figuras em mais de quinze municípios.



Xilogravura de Helton Henrique – Projeto Gravura de Inverno sob a coordenação de Elias Santos.



Mestre Jove liderando o grupo Guerreiro Treme-Terra de Japarutuba.

Folgedos de Guerra, Luta e Libertação

São importantes manifestações de alguns territórios, com destaque para Laranjeiras e Itaporanga D'Ajuda, ambos da Grande Aracaju.

A Capoeira é a mais difundida, sendo praticada em diversos municípios. As danças afro são significativas em Amparo do São Francisco, Japoatã (Baixo São Francisco), Aracaju e Laranjeiras (Grande Aracaju). O Maculelê está presente em Japarutuba (Baixo São Francisco), Tobias Barreto, Lagarto (Centro Sul), Riachuelo (Grande Aracaju). A Chegança é mais expressiva nos municípios de Divina Pastora (Leste), Itabaiana (Agreste Central), São Cristóvão e Laranjeiras (Grande Aracaju). Os Lambe-sujos e Caboclinhos são destaques da cidade de Laranjeiras. Os Parafusos

conferem singularidade ao município de Lagarto.

As Cavalhadas representam uma tradição que remete às lutas entre cristãos e mouros.

Em Sergipe, permanecem vivas em Canindé do São Francisco e Poço Redondo (Alto Sertão). A corrida de argola, parte integrante das Cavalhadas, foi registrada em outros municípios, com destaque para Muribeca (Baixo São Francisco), Pinhão e São Miguel do Aleixo (Agreste Central) e Cumbe (Médio Sertão). Já a corrida de mourão é valorizada em Canindé de São Francisco e Poço Redondo (Alto Sertão) e Pacatuba (Baixo São Francisco).



Integrantes de grupo de Samba
de Coco em cortejo folclórico.

Grupo Teatral Imbuça,
criado em 1977, encenando
o espetáculo Senhor dos
Labirintos em homenagem
a Arthur Bispo do Rosário.





E APARECI
MUNDO VAI PORVER

Manifestações contemporâneas

Festas e Eventos

Forró

Uma retrospectiva histórica do deslocamento dos arraiais juninos para espaços de grandes eventos aponta a década de 1990 como um período de transição do convívio comunitário à explosão de massa. Em vários municípios sergipanos ocorrem forrós, todavia, devido aos poucos recursos econômicos, as festas vêm sendo assumidas pelas prefeituras, com apoio do Governo do Estado.

Os festejos tornam-se complexos: apoios, patrocinadores, logística, marketing, apresentações paralelas. Tudo tem sido programado com antecedência, envolvendo um número cada vez maior de pessoas responsáveis pela organização e realização do evento. Além do Forró-Caju e do Arraiá do Povo, na capital, realiza-se uma vasta programação nos municípios que promovem a festa no período junino.

Micaretas

Os carnavais fora de época, tal como ocorrem em diversos municípios do Estado, derivam da popularidade das micaretas e trios elétricos baianos, disseminados em todo o país.

As micaretas são poucos representativas nos territórios do Baixo São Francisco, Leste e Sul, mas chama a atenção o grau de mobilização onde elas ocorrem.



Forrozeiros no Arraiá do Povo na Orla de Aracaju.



Cavalgada de Brejo Grande.

Cavalgadas, vaquejadas e outros

As cavalgadas e as vaquejadas vêm passando por modificações significativas, sobretudo a partir da década de 1970. Elas permanecem populares e mantêm a essência da tradição do passeio à cavalo – a cavalgada – e da exposição das virtudes de força, coragem e competição dos vaqueiros sertanejos – a vaquejada. Entretanto, os passeios se distanciaram dos fins religiosos, predominando os percursos para simples diversão, e as vaquejadas afastaram-se das matas, da caatinga, para as arenas. Outros elementos verificados nos dias de hoje são a introdução de concursos para cavaleiros, amazonas e cavalos, nas cavalgadas, com a distribuição de camisetas promocionais e o término com shows.

Nas vaquejadas, introduziram premiações em dinheiro, ingressos, pagamento de inscrições. Assim

são as cavalgadas de São Domingos, Macambira e Riachão do Dantas e as vaquejadas de Frei Paulo e Pinhão.

Os outros eventos agrupados com vaquejadas não se assemelham necessariamente à sua estrutura de competição, mas sobretudo, por tratarem de apresentações envolvendo “o boi” e “o vaqueiro” que atualmente ocorrem com shows de bandas eletrônicas, carros de sons, camisetas, propagandas, entre outros. São os casos das festas do boi, do Encontro de Carros de Boi de Tomar do Geru, das corridas de jegue e até de pega do boi no mato, presentes em vários municípios dos territórios Alto Sertão, Médio Sertão, Agreste Central e Centro Sul.

Esses eventos são mobilizadores das populações das sedes e do entorno dos municípios, movimentando o comércio e gerando renda.

Comemorações Cívicas

Civismo e patriotismo são nitidamente incorporados ao calendário comemorativo dos sergipanos. Embora sem alcançar a representatividade das festas religiosas, o 7 de Setembro e a data da emancipação política dos municípios são comemoradas com muito entusiasmo e grande participação da população em todo o Estado. O ritmo das fanfarras, a definição das alas, das coreografias, das roupas de gala às vestes temáticas, os ensaios caprichados, tudo é preparado para o grande dia, no qual uma rede de atores, que extrapola os diretamente envolvidos, alcança os controladores do trânsito, os montadores de palanques, os vendedores de lanches, até bandeiras, sombreiros e bonés.



Banda Marcial de Escola Pública Estadual do município de Nossa Senhora do Socorro em desfile pela avenida Barão de Maruim em Aracaju.



Festa do Boi em Nossa Senhora das Dores.

Outros eventos

Existem eventos dissociados daqueles mais conhecidos (forró, micareta, cavalgada, vaquejada), mas que são mobilizadores no território onde ocorrem.



Entre eles estão as festas e festivais do Mastro, da Cabacinha, do Caranguejo, da Mangaba e o Cantamutumba, esta, um concurso de músicos no povoado de igual nome, no município de Pedrinhas. Além de outros: Corrida da Cidade de Monte Alegre de Sergipe, Jogos Abertos, Réveillon da Orla de Aracaju, Mostra Junina, Fórum do Forró, Projeto Freguesia, Festa dos Bairros, Rock Sertão, em Nossa Senhora da Glória, Festa do Caminhoneiro, em Itabaiana, Garoto e Garota Estudantil e até Miss Gay, em Umbaúba.

Cartaz de divulgação do Rock Sertão, festival que ocorre em Nossa Senhora da Glória. Artista: Jeferson Melo.

Eventos agropecuários

Originalmente de caráter estritamente econômico, esses eventos passaram a incorporar folguedos e grupos tradicionais em sua programação. As exposições agropecuárias e as diversas festas (do milho, mandioca, laranja, quiabo, da vaca leiteira) são momentos de negócios, mas também de exibição de grupos folclóricos e artistas regionais, assim como de corridas e brincadeiras. Em muitas cidades já são declaradamente “eventos do município”, nos casos de Boquim, Lagarto, Pinhão, Cumbe e Nossa Senhora da Glória, já se traduzem em importantes festas de mobilização local e territorial. Dessa forma, além de geradores de renda, funcionam também como veículos difusores das manifestações tradicionais.



Teatro e música

A diversidade de grupos e tipos de manifestações de teatro e música é uma realidade em todo o Estado. Ocorrem grupos com nítida função pedagógica gestados nas escolas e em associações com temáticas predominantemente ligadas às tradições do lugar e da região. Além disso, inúmeros grupos de teatro e música desenvolvem atividades relacionadas à arte contemporânea demarcando a heterogeneidade das produções artísticas de Sergipe.

Ao lado, Grupo de teatro popular em apresentação na praça Fausto Cardoso em Aracaju.

Abaixo, Mamulengo de Cheiroso em apresentação no teatro Atheneu em Aracaju.



Pintura de Damião Gêmeos,
Ateliê Gêmeos Arte, Estância.



Artesanato

O aspecto artístico também está presente no artesanato, seja pela diversidade, seja pelo interesse que o trabalho desperta em seus conterrâneos.

O artesanato em madeira é mais diversificado e consagrado pelos mestres desse ofício, como Véio (Nossa Senhora da Glória), Tonho (Poço Redondo) e Manoel de Maroto (Tomar do Geru), destaque na arte de carros de boi.

Em Santana do São Francisco a cerâmica é representativa, nos estilos tradicional e contemporâneo, sendo emblemática para a cidade e principal fonte de renda de seus produtores.



Também é significativa em nosso Estado a produção de escultura em pedra e em barro, tapeçaria, pintura em tecido e porcelana.

Acima, cavalo em cerâmica pintado por Ismael Pereira. Ao lado, retirantes talhados em madeira por Mestre Tonho de Poço Redondo.



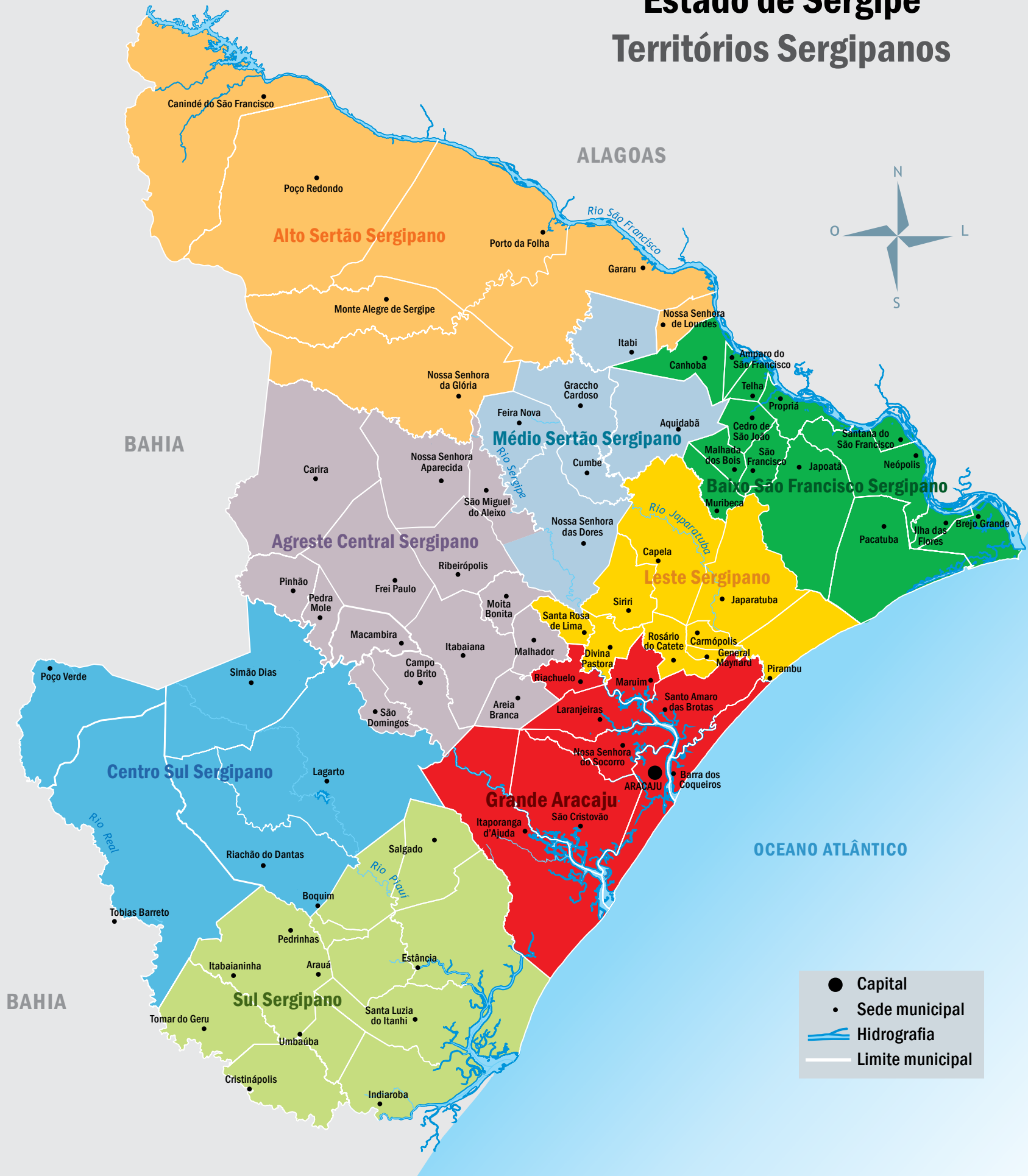


Artesanato em barro
de Beto Pezão em
homenagem ao reisado.



Estado de Sergipe

Territórios Sergipanos







Grande Aracaju

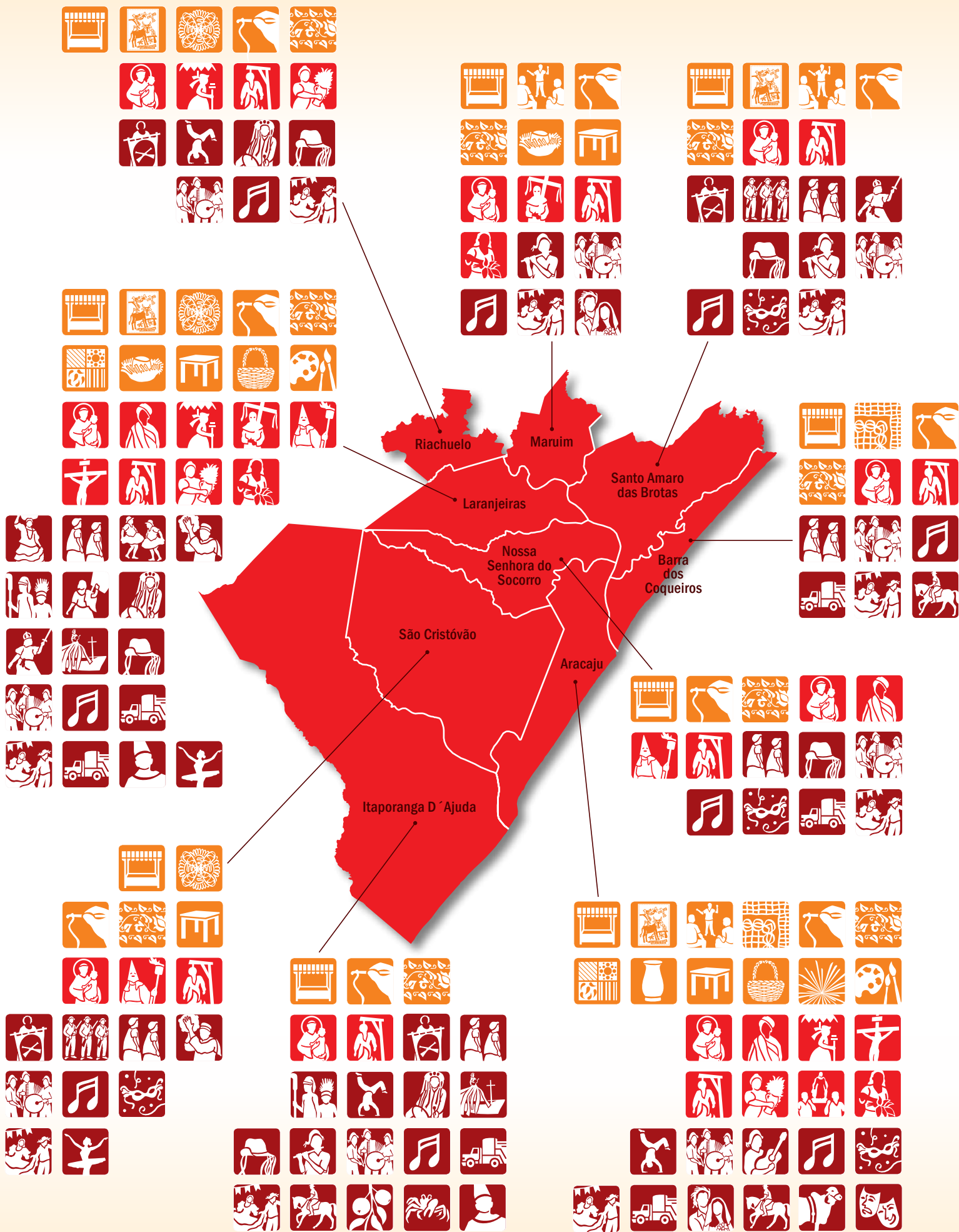


Formado por nove municípios, o território da Grande Aracaju concentra quase a metade da população, dos postos de trabalho e dos investimentos públicos e privados de Sergipe, e muito da cultura também. Tradição e modernidade completam-se nesse rico espaço, onde verdadeiras jóias arquitetônicas do passado, como São Cristóvão e Laranjeiras, convivem com uma capital, fruto de um experimento urbano inovador. Inaugurada em 1855, Aracaju abre um novo capítulo na vida da então província. Sob o signo do progresso, da construção de um porto e do planejamento geométrico, ela surge como concreção civilizadora.

Do legado do antigo Vale do Cotinguiba ficaram, além do patrimônio histórico e arquitetônico gerados pela riqueza do açúcar, as manifestações culturais e religiosas com grande diversidade e forte tom afro-brasileiro. O desenvolvimento não abafou a tradição, nem a moderna Capital sufocou as manifestações interioranas. Ao contrário, aqui elas encontraram acolhimento, estímulo e meio de fortalecimento. E o Mercado Thales Ferraz é uma mostra inegável de como Aracaju é uma vitrine vistosa de tudo quanto a cultura de Sergipe produz no artesanato, na culinária, na música popular.

E de quanto a população – do litoral, do agreste, do sertão e do São Francisco – orgulha-se de viver nesse Estado.

Museu de Arte Sacra de São Cristóvão – Instalado na aérea da antiga Ordem Terceira, no Convento de São Cristóvão, o museu reúne obras da mais pura representação artístico-religiosa dos séculos XVII, XVIII, e XIX, sendo o primeiro monumento tombado no estado pelo IPHAN em 1941.



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Contadores de Estórias



Renda Irlandesa



Renda Filé



Croche



Bordado (Pronto Cruz, Ponto
Cheio e Vagonite)



Retalhos



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Artesanato em Jornal



Fogueteiros



Artes Plásticas

RELIGIÃO



Santos Festejados



Nagô



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Fogaréu



Paixão de Cristo



Queima de Judas



Lavagem



Peregrinações/Romarias



Rezas e Benzimentos

Festa da Cruz de Bela (Maruim)

FESTA / ENTRETENIMENTO



Batalhão



Batalhão de Bacamarteiros



Sarandagem ou Sarandaia
(Cortejo da Baiana)



Samba de Coco



Samba de Pareia



Chegança



Lambe-sujos e Caboclinhos



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Taieiras



Cacumbi



Guerreiro



Dança de São Gonçalo



Reisado



Pífanos



Trios pé de serra



Violeiros



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Eventos Agropecuários



Festival da Mangaba



Festival do Caranguejo



Encontro Cultural



Festival de Arte



Artes Cênicas



Encontro Cultural de Laranjeiras

No dia 28 de maio de 1976, teve início a primeira edição do Encontro Cultural de Laranjeiras, que se estendeu até o dia 30 do mesmo mês. O evento nasceu do resultado das pesquisas referentes à cultura popular, realizadas por uma equipe de estudiosos e pesquisadores oriundos de diversas partes do país. Foi na histórica cidade de Laranjeiras que a diversidade cultural chamou a atenção dessa equipe, que logo despertou para a realização de uma festividade popular que evidenciasse as manifestações culturais ali existentes.

Reunindo representantes dos Estados de Sergipe, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, o 1º Encontro Cultural de Laranjeiras teve em sua primeira edição uma

platéia de 5.573 admiradores, que contemplaram seu êxito. Entre os preparativos do evento, destacou-se o curso sobre folclore, realizado no auditório do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, na cidade de Aracaju, ministrado pela professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, à época, Assessora da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Nessa trajetória, relevantes estudos foram realizados de modo a honrar os compromissos firmados no tocante às finalidades do evento.

É possível compreender porque na atualidade o Encontro ainda é uma

prova inequívoca de respeito, valorização e defesa cultura sergipana. É explorando cada segmento que compõe a nossa

diversidade cultural que segue a histórica e acolhedora Laranjeiras, berço das mais fortes expressões culturais. Motivo de muito orgulho para os sergipanos. (*Encontro Cultural de Laranjeiras – 20 anos*. Governo do Estado de Sergipe, Secretaria Especial da Cultura).



Em sua 35ª edição, o Encontro Cultural de Laranjeiras reúne grupos folclóricos e artísticos de Sergipe e do Brasil nas ruas da cidade histórica,





Chegança

Auto popular de origem portuguesa, ligado ao Ciclo Natalino.

Constitui-se de diversas jornadas independentes entre si. Resulta de uma promessa feita por tripulantes de uma nau que foram salvos de uma tempestade durante uma viagem. No dia 6 de janeiro, a embarcação ancorou e seus tripulantes, em terra firme, cumpriram com a promessa, visitando a primeira igreja que encontraram. Era a igreja de São Benedito. Lá contaram encantos e coreografias, todos os perigos que passaram no mar. Esse fato inclui a chegança no segmento dos grupos de louvor a São Benedito e à Virgem do Rosário, santos protetores dos negros.

Usam trajes de acordo com aqueles utilizados pela Marinha de Guerra do Brasil. São personagens de destaque: Piloto, Tenente, Capitão, Capitão-patrão e General. Geralmente usam pandeiros como único instrumental, além de um apito utilizado pelo Piloto ou pelo General para o comando das evoluções e mudanças de “marchas”.

A coreografia básica acontece em fileiras. Quase sem sair do lugar eles movimentam o corpo de um lado para o outro, imitando o balanço de uma embarcação ao mar.





Lambe-sujos e Caboclinhos

São dois grupos, num folguedo, ligados numa manifestação guerreira e rítmica. O folguedo se baseia em episódio de destruição dos quilombos. Representa a rivalidade entre negros e índios brasileiros.

O Lambe-Sujos é formado por homens e meninos pintados de preto, usando “short” e gurita vermelha. Formado por “Rei, Princesa e a Mãe Suzana”, eles saem às ruas tocando pandeiros, cuícas, reco-recos e tamborins.

O Caboclinhos pinta-se de roxo e traja penas à maneira indígena.

O enredo consiste na captura da “Rainha” dos Caboclinhos pelos Lambe-Sujos. Em sequência, ocorre a batalha com a vitória dos Caboclinhos. Os negros são aprisionados e levados de porta em porta para pedir dinheiro e assim conseguirem a liberdade. A apresentação é sempre marcada pela melação de parte das pessoas presentes.



Manifestação de luta e libertação encenada nas ruas de Laranjeiras pelos Lambe-Sujos e Caboclinhos, reafirmando a influência dos negros e dos indígenas na cultura sergipana.





Cortejo das Taieiras subindo
a escadaria da Igreja São
Benedito – Laranjeiras



Taieiras

Folguedo popular de caráter religioso, tem como objetivo a louvação. A dança das Taieiras é acompanhada por um tambor e por querequexés sutilmente sacudidos pelas dançarinas, e ainda bastões utilizados durante a apresentação.

O cortejo sai anualmente da residência da líder do grupo, seguindo pelas ruas da cidade, em direção à igreja, diante da qual os integrantes dançam e cantam. Entram no templo sagrado sem parar de dançar e cantar, depois o cortejo volta a percorrer a cidade, cumprindo um ritual tradicional e emocionante. Saem às ruas na Festa de Reis. Os santos são louvados com muito respeito e devoção: Nossa Senhora do Rosário e São

Benedito. Os personagens que integram a manifestação são: Taieiras (dançarinas), Guias, Contra Guias, Lacaia, Capacetes, Ministro, Patrão, Rei e Rainhas.

O visual das Taieiras é infinitamente rico e belo. Elas vestem blusa vermelha e saia branca, enfeitada com fitas multicoloridas. Os dois cordões são diferenciados por faixas amarradas na cintura, de forma e cores diferentes. Cada personagem usa uma indumentária específica e diferenciada. Muitos adornos e adereços completam o visual.

As Taieiras podem se apresentar em festas profanas, desde que o grupo tenha cumprido as obrigações com os santos de devoção.



Rainha perpétua das Taieiras.

Abaixo, cortejo pelas ruas de Laranjeiras em direção à igreja de São Benedito para louvar aos santos São Benedito e N. Sra do Rosário.





Grupo de louvor composto exclusivamente por homens, apresenta-se principalmente na Procissão de Bom Jesus dos Navegantes e no Dia de Reis em homenagem aos padroeiros dos negros, São Benedito e N. Sra. do Rosário.

Cacumbi

Folguedo popular que é uma variação de “autos” e “bailados” como: Congada, Guerreiro e Reisado. É uma manifestação coreográfica de bailado rico e brejeiro. Tem como objetivo a louvação aos padroeiros dos africanos, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Geralmente, o grupo dança nos dias de Reis e na Procissão de Bom Jesus dos Navegantes.

As músicas são selecionadas de acordo com o caráter da apresentação. Umas são próprias para o cortejo nas ruas, outras para apresentação nas igrejas.

Os participantes têm idades que variam entre 15 e 50 anos. E todos são do sexo masculino.

Instrumentos musicais usados: cuíca, pandeiro, reco-reco, caixa e ganzá. O Ritmo é forte e contagiante.

A dança do Cacumbi significa um dos mais belos quadros do folclore sergipano.





São Gonçalo

Esta dança é sem dúvida um dos ritos mais difundidos do catolicismo popular brasileiro.

Conta a lenda de origem portuguesa que São Gonçalo, ainda um jovem frade, viveu na cidade de Amarante. Por ser “farrista”, tocava viola e dançava com as prostitutas, no intuito de impedi-las de pecar. Dizem que um dia chegou a realizar um parto de uma delas. Comenta-se ainda ter sido marinheiro e, após a sua morte, tornou-se santo.

A dança criada por ele continua presente nos folguedos que lhe fazem homenagem, por intermédio de um rito tradicional que tem por objetivo o pagamento de promessas.

Em Sergipe, a Dança de São Gonçalo tem um aspecto marcante no povoado Mussuca, Laranjeiras: os dez dançadores usam saias, chales

enfeitados de fita e colares, como parte da indumentária.

A dança inclui um ritual com ensaios, almoço oferecido pelo pagador da promessa aos participantes, cortejo e dança. Sempre enfileirados, na procissão, a imagem do Santo, ornamentada em um barco pequeno, é conduzida por uma mulher, a “mariposa”, única integrante feminina entre os dez dançadores. No interior da igreja eles apresentam as suas danças.

O patrão, o chefe, tira o canto e comanda as apresentações. Outros componentes são os tocadores (dois violões e dois cavaquinhos).

Ao lado, Mestre Sales – mestre do folguedo São Gonçalo.



Ciclo da folia

Mais da metade dos municípios do Estado faz a festa da micareta. E muitos também fazem o carnaval. Mas, sem dúvida, a manifestação mais importante desse ciclo é o Pré-Caju, que também conta com o Verão Sergipe, realizado em vários municípios da Grande Aracaju. Nele, Aracaju é tomada pelo clima momesco e os turistas, sobretudo jovens, invadem a cidade para curtir, em pleno verão, a contagiante alegria desse carnaval fora de época que mobiliza a população, lota os hotéis, gera empregos e leva para Aracaju as principais bandas de trios do axé music. A profissionalização do evento, presente em seus vários segmentos, desde o bloco de cordas aos pacotes turísticos, a economia do lúdico que gera, contribuindo para o ganho de grandes e micros negócios, o apoio institucional em torno, expresso na participação de várias instituições governamentais, fortalecem, a cada ano, a prévia carnavalesca de Aracaju.



Uma das mais importantes festas do estado, o Pré-Caju reúne foliões de todo o nordeste, contagiados pela alegria e a forma com que o sergipano organiza e celebra essa prévia do carnaval brasileiro, gerando emprego e renda em diversos segmentos.







Procissão do Fogaréu

A Procissão do Fogaréu é um ritual que acontece a céu aberto durante a quinta-feira da Semana Santa em meio aos casarões coloniais de São Cristóvão. É realizado por homens que saem pelas ruas escuras da cidade, com tochas, encenando a perseguição a Jesus Cristo. São cinco os principais acontecimentos que marcaram a história de Jesus: a entrada do menino Jesus, a oração no Horto das Oliveiras, a Última Ceia, a sua prisão e a Ressurreição.

Procissão do Fogaréu pelas ruas da cidade histórica de São Cristóvão, realizada pelo Grupo religioso G 12.

Ritual tradicional que acontece há mais de 100 anos nas ruas da cidade de São Cristóvão é encenado, atualmente, pelo grupo de teatro amador religioso, chamado "G12". A procissão é organizada pelos devotos e cidadãos de São Cristóvão em parceria com a Igreja Católica. Tem duração aproximada de 90 minutos, incluindo trajeto e encenações de placó, tendo como personagens Jesus, o Tentador, Madalena, escribas, farizeus, soldados da Guarda Romana, matracas e Apóstolos.

A manifestação encerra importante significado simbólico para os devotos e grupos religiosos de Sergipe.





Procissão do Encontro

Tradição do século XIX ou talvez mais antiga, a manifestação acontece com três procissões. Apesar de ter data móvel, acontece sempre na primeira quinzena da quaresma. Muitos romeiros começam a chegar à cidade na sexta-feira e no sábado para a procissão do domingo. A cidade fica cheia de devotos, que vêm pagar promessa e tentam chegar ao andor do Senhor dos Passos.

Evento organizado pela igreja católica, com apoio de grupos de oração e devotos, a primeira procissão é noturna e acontece no sábado quando são cantados os sete primeiros passos da Paixão. Os cantos são realizados em locais prefixados e mantidos segundo a tradição, onde são erguidos pequenos altares com uma tela representando o passo a ser cantado (em latim). Os

fiéis carregam velas acesas, muitos dos ex-votos são deixados na igreja nesta noite. O cortejo sai da igreja de Nossa Senhora do Carmo, antecedido pelos Frades, cantores, músicos e promesseiros. A imagem do Senhor dos Passos sai encoberta por uma caixa forrada com tecido de cor roxa, e dirige-se até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória de onde sairá somente no domingo, ao final da tarde.

No domingo, acontecem missas em várias igrejas: Vias Sacras e Romeiros, com 4 horas de sermão, e a Procissão do Encontro. “O ápice do ato é o encontro das imagens de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Seguindo percursos distintos, a primeira sai da igreja matriz, ao tempo que a segunda sai



Saindo de igrejas distintas, as procissões dos santos N. Sr. dos Passos e N. Sra. Das Dores, em São Cristóvão, culminam no Encontro na praça São Francisco, onde é celebrada ao final da procissão uma missa campal.

do Convento do Carmo. Milhares de fiéis ganham as ruas e a Praça São Francisco para escutar o sermão e o canto da Verônica que enredam a comovente liturgia do catolicismo colonial”. (Thiago Fragata, Procissão dos Passos em São Cristóvão/SE. In: *Senhor dos Passos em todos os passos*, Márcio José Garcez Vieira)



Ciclo junino

O São João é a festa que melhor representa a alma sergipana. Não há cidade que não tenha seus festejos juninos. Na Grande Aracaju, a festa dura um mês inteiro. O Forró-Caju e o Arraiá do Povo, em Aracaju e o Forró-Siri, em Nossa Senhora do Socorro, são os três eventos de massa mais significativos desse ciclo. Shows, arrasta-pés, muita comida



típica, licores e música nordestina embalam dias seguidos de festa que em nada atrapalha o cotidiano da população aficionada pelo forró. Além de festa tradicional, o São João é hoje importante atrativo turístico, segmento econômico a formar um complexo que envolve centenas de atividades e gera divisas para o Estado. O sucesso da

festa se deve à preservação de suas características: música regional, danças típicas e um ambiente alegre, tranqüilo e acolhedor para o lazer cultural.

O São João de Sergipe é destaque na representação dos festejos juninos no Brasil, pela preservação das tradições musicais, comidas típicas e pelo espírito festivo do povo sergipano. Acima, Quadrilha junina Unidos em Asa Branca, campeã do Festival de Quadrilhas do Nordeste.



Trio Pé de Serra JCruz de Laranjeiras em apresentação em frente ao prédio da UFS de Laranjeiras.

Pé-de-Serra

O São João tem em Sergipe uma importância decisiva e é, de longe, a mais característica manifestação lúdico-cultural do Estado. O complexo da festa tem na música um elemento fundamental, e os músicos constituem um segmento dos mais criativos e representativos da vida local. Do tradicionalíssimo pé de serra sergipano tem se destacado bandas de grande sucesso popular no país. O que caracteriza os trios pé de serra, além do repertório junino, é a formação musical: uma zabumba, uma sanfona e um

triângulo metálico, base para a execução de xotes, xaxados e baiões que estimulam a dança agarrada dos pares e a alegria das festas de forró. Se essa modalidade da música nordestina perdeu importância ou sofreu transformações em outros estados brasileiros, em Sergipe, a preferência de todos, jovens e idosos, continua firme pelo que ali se chama de autêntico pé de serra. Eles existem em praticamente todas as cidades e estão presentes em todos os eventos e casas especializadas em dança sertaneja.



Caceteira do Rindu

A Caceteira é mais uma variante da árvore genealógica do samba. De origem africana, o Samba de Caceteira é ritmado por instrumentos de percussão (zabumbas, cuícas e ganzás). Em São Cristóvão, a tradicional Caceteira de Dona Biu atualmente é conhecida como Caceteira do Rindu. José Gonçalves dos Santos (mestre Rindu) é mais um herdeiro dessa manifestação folclórica, centenária e típica do Ciclo Junino. Existem duas atuações mais relevantes dessa dança. Uma é a Sarandagem, realizada no dia 31 de maio, cujo objetivo é receber com muita festa, alegria e fogos, o mês junino. A outra, também dedicada a São João, realiza-se no dia 24 de junho (dia do citado santo), e consiste em um grande cortejo festivo do referido grupo. Ganhando adeptos pelas ruas onde



Manifestação folclórica de representação única em Sergipe, a Caceteira do mestre Rindu ainda utiliza instrumentos musicais tradicionais.

passa, cantando e encantando a todos com suas cantigas tradicionais, a caminhada festiva tem início na sede do município e se estende até o povoado Pinto. Lá, o Cristo (afilhado de São João) é festejado com muito Samba de Caceteira, esperança e fé. É o enlace do sagrado com o profano

e a forma ao alcance de realizar o maior objetivo da dança. Coragem e perseverança: duas virtudes que impulsionam o mestre Rindu a manter a essa manifestação que reforça a amplitude e a identidade cultural dos sergipanos. (Maria Aurelina dos Santos).



Apresentação da Caceteira de Rindu no Arraiá do Povo – Aracaju.



Samba de Pareia

Dança de origem africana, com influência indígena. Sua difusão está ligada a formação dos quilombos. Os pontos mais marcantes são as palmas e o sapateado. No Povoado Mussuca, Laranjeiras, tem um objetivo específico mantido até o presente: festejar o nascimento de uma criança da comunidade, no seu 15º dia de vida, quando é servida uma bebida, denominada “meladinha” (também de origem africana) e os integrantes, durante toda a comemoração, dançam na residência da parturiente.

Atualmente o grupo é composto apenas por mulheres. A indumentária é típica do ciclo junino, ou seja, vestidos estampados de saias rodadas, chapéus de palha e tamancos de madeira, cujo percutir do contato com o solo enriquece a sonoridade rítmica dos instrumentos. (Antonio Alves do Amaral e Maria Aurelina dos Santos).

Apresentação do grupo de Samba de Pareia no Arraiá do Povo – Aracaju.

Ao lado, preservado há mais de 300 anos o Samba de Pareia mantém viva a cumplicidade nos passos e o gingado dos remanescentes de quilombolas.

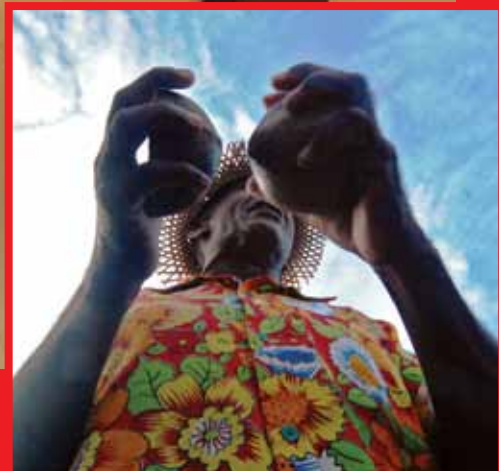


Samba de Coco

“É comum ouvir a palavra coco dentro do universo folclórico. Caracterizada por um sapateado que demonstra todo o vigor do brincante, ele pode ser dança de conjunto, mas sem perder as interferências dos solos e das umbigadas. O canto, com seu ritmo sincopado, é sempre acompanhado de palmas batidas com os braços erguidos e requebros sensuais. Tem samba de coco de várias formas, mas a raiz é sempre a mesma: o batuque africano”. (Aglaé D’Ávila Fontes de Alencar, *Danças e Folguedos*).

Os negros cantavam e tocavam durante o ritual da quebra do coco para a extração das polpas. A batida do coco dita o ritmo da dança.





Candomblé/Umbanda

Nos primeiros momentos da “Cultura dos Orixás” no Brasil, a religião africana chamou-se genericamente Candomblé. Tratando-se de uma cultura viva, naturalmente, o seu processo de dinamização deu-lhe a identidade de Umbanda. Implantada em terras brasileiras por negros escravizados, oriundos da Costa dos Escravos e do Daomé principalmente, essa confraria teve sua proliferação com a abolição da escravidão. Apesar das pressões sociais sofridas, esse segmento religioso, preservou sua integridade impulsionada pela crença no culto da divinização dos orixás. Pela fé, os orixás (residentes na costa da África) são atraídos para o ritual da incorporação (dar santo;

manifestação), em seus instrumentos vivos (médiuns; cavalo, etc), pelos cantos entoados em sua homenagem.

Atualmente conquista espaço no panorama dos bens imateriais e passa a se integrar ao patrimônio cultural como elemento da política governamental de cultura e turismo. Chamando a atenção por sua beleza, misticismo e resistência, ao longo de mais de quatro séculos dificilmente vividos, um novo horizonte surge, convidando-a a continuar sob o olhar digno e respeitoso dos sergipanos. (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luiz da Câmara Cascudo, extraído e adaptado por Maria Aurelina dos Santos).



Ritual realizado no dia 8 de dezembro nas areias da praia em homenagem à Oxum, que no sincretismo religioso representa N. Sra. da Conceição.



Nagô

A religião nagô chegou em Sergipe, na cidade de Laranjeiras, durante o Período Colonial (início do século XVI). O culto difere da 'Umbanda' e do 'Candomblé', por louvar os orixás da Costa, os "Santos Pedras". Durante a iniciação ou batismo dos adeptos não se raspa a cabeça. Por essa razão, popularmente é denominada "Nação Cabeluda". Além disso, o Santo da casa não aceita dançar sobre piso de cerâmica, motivo pelo qual o piso do lugar reservado à latada (espaço ritualístico do Nagô) é de chão batido.

Na cidade de Laranjeiras, a Irmandade Santa Bárbara Virgem é reconhecida como a única no Brasil que mantém a originalidade e os fundamentos, a exemplo da frente da Casa Nagô, localizada à rua Umbelina Araújo (antiga Loxa, já falecida, que deu nome à via pública), que não recebeu o calçamento de



paralelepípedo como as demais residências da vizinhança.

Comprova-se a presença da fidelidade às raízes religiosas africanas desse seguimento cultural também nos instrumentos que usam: Cabaças entrelaçadas por

cordões feitos com lágrimas de Nossa Senhora (pequenas contas camprestres de cor esbranquiçada), atabaques Barricas de fabricação caseira, encourados com pele de carneiro ou de boi se este for presenteado vivo à Irmandade Santa Bárbara Virgem.

Atualmente, a jovem Bárbara Cristina dos Santos chefia essa colônia com muita fé, sabedoria e responsabilidade. Ela é a mais jovem "Loxa" (mãe de Santo) que conhecemos, escolhida pelo Santo da Casa, que nela vislumbrou todos os requisitos indispensáveis a uma "Mestra do Sagrado".. (Maria Aurelina dos Santos).



Única no Brasil, esta Irmandade centenária ainda mantém os seus fundamentos religiosos e ritualísticos originais. O centro do terreiro, por exemplo, é de chão de terra batido e os tambores são aqueles advindos com os escravos fundadores da religião em Laranjeiras.

Mamulengo

Quer se conheça ou não, o teatro de bonecos soa sempre como algo meio familiar, porque ele remete à infância sem entretanto ser algo infantil. Desperta em todos o desejo de brincar e brincar é justamente o que o Mamulengo de Cheiroso faz. Brincando, falam da vida, por mais fantasiosa que pareça, falam do povo, da gente inocente e sábia que está escondida dentro de cada um.

Para o bonequeiro, mais especificamente o mamulengueiro, suas “mãos molengas” ganham a vida própria do personagem que manipulam, todavia o brincar não é tudo. O trabalho desenvolvido pelo grupo Mamulengo de Cheiroso, além da confecção dos bonecos, cenários e adereços, está voltado para a pesquisa constante no universo da cultura popular do Nordeste.



Criado em 1978, no Programa de Extensão da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pela dramaturga Aglaé D'Ávila Fontes, sergipana, professora da UFS, Especialista em Educação Musical, autora de várias peças de teatro e de vários trabalhos sobre Folclore e Educação, tendo uma vida dedicada à pesquisa da

cultura popular. O trabalho do grupo se configura através dos espetáculos, das oficinas, simpósios, seminários e demais atividades onde possa expressar o resultado do seu trabalho. (Fonte: Grupo Mamulengo de Cheiroso).

O Mamulengo de Cheiroso é uma atração que, além de divertir, resgata a cultura sergipana através de suas peças teatrais.





Festival de Artes de São Cristóvão

Criado em 1972, o Festival de Artes de São Cristóvão teve um papel fundamental na consolidação do cenário artístico sergipano, projetando a cidade de São Cristóvão como a Capital da Arte e da Cultura em Sergipe. O festival teve o seu auge na década de 1980 e está suspenso desde o ano de 2005. Sempre organizado pela prefeitura de São Cristóvão com apoio do Governo do Estado e da Universidade Federal de Sergipe, contava com a presença de grandes atrações nacionais e grupos de vários municípios de Sergipe. Com datas variáveis, mas sempre acontecendo no segundo semestre, o Festival durava vários dias e transformava a cidade e os povoados pelo intenso fluxo de turistas que chegavam ao lugar. Parte da população local se empregava em atividades ligadas à recepção

dos visitantes e à organização do evento, em uma cadeia de geração de empregos e renda. O FASC foi importante por reconhecer e valorizar o patrimônio cultural de Sergipe, mas, após as grandes dificuldades encontradas para a realização do evento, hoje se encontra desativado.

Festival de grande repercussão no Brasil, onde se apresentavam grupos de renome no cenário artístico local e nacional.

Abaixo, artista: Jorge Luiz Fonseca Barros. Tamanho original: 60 cm x 41 cm.





O Mercado

“A grande feira da cidade é realizada nos Mercados Central e Thales Ferraz durante toda a semana. Uma feira de proporções gigantescas, uma feira movimentada, onde há fartura e variedade. Você verá as frutas de minha terra: os cajus, as graviolas, os melões, as mangabas, as melancias, as jaboticabas. Os praiheiros trarão siris, peixes, aratus, camarões e caranguejos. Você já comeu alguma vez na vida moqueca de maçonim? O maçonim, amiga, é mais saboroso do que o sururu da cidade de Maceió. E a carne do sol de Cedro é mais

gostosa do que uma fatia de presunto. A feira se divide em outras tantas feiras: aqui estão as bancas de carne verde, carne de porco, carne seca a saborosíssima jabá, de carne do sol; alia as bancas de peixe fresco e de peixe do São Francisco; acolá queijos e requeijões, frutas e verduras, redes e alpercatas, doces de puba e de milho. Mais adiante ainda, a feira de panelas e de cerâmica popular (...)” (Roteiro de Aracaju, Mário Cabral. Extraído e adaptado).



Nos Mercados Antonio Franco, Thales Ferraz e Albano Franco, em Aracaju, encontra-se de tudo um pouco do que é produzido no estado.



Único estado do Brasil que possui uma avenida com bares e restaurantes especializados nesse saboroso crustáceo, a Passarela do Caranguejo.



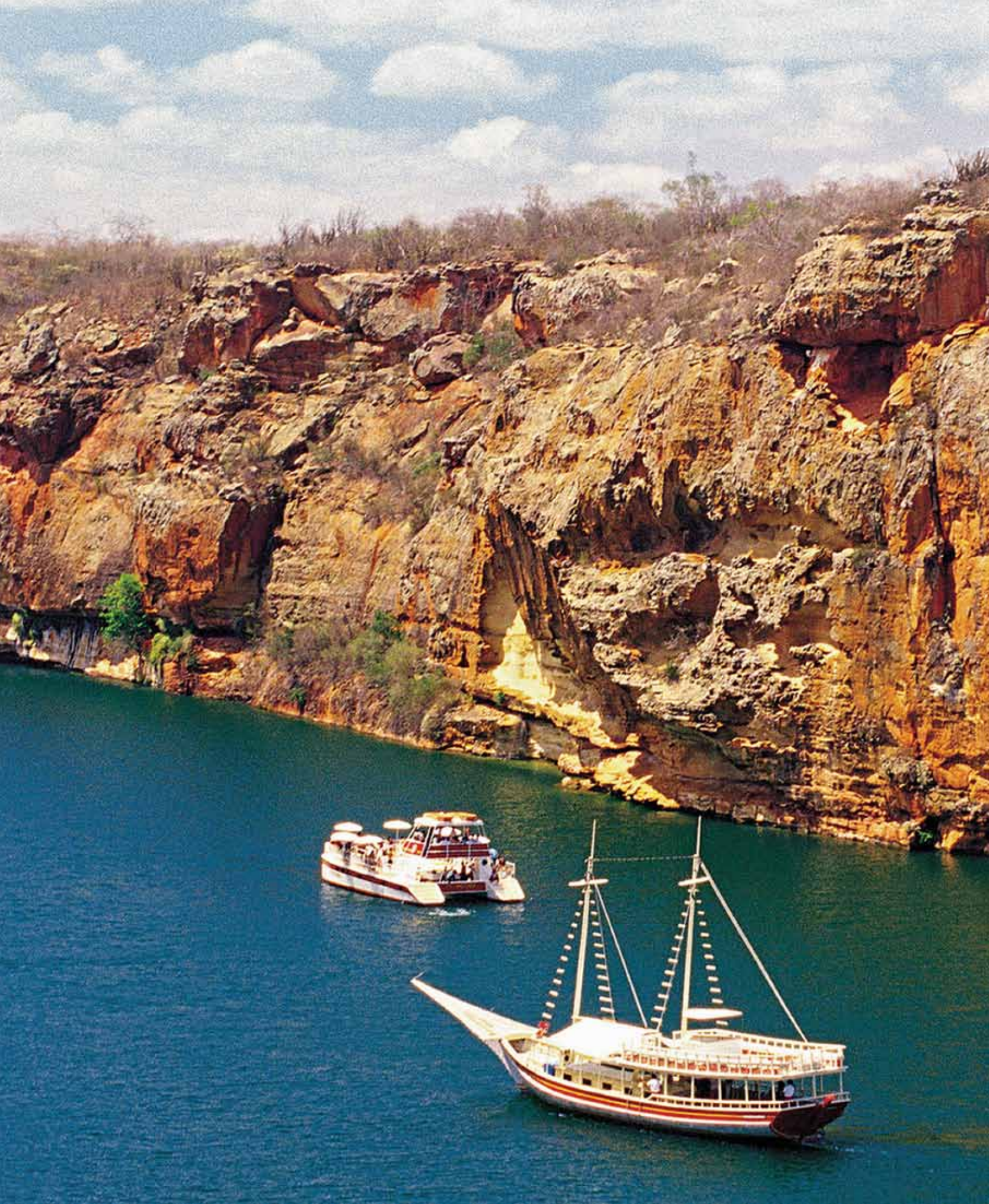
Caranguejada

É impossível contestar o fato de o caranguejo ser o aperitivo mais consumido em todo o território da Grande Aracaju. Mais do que uma refeição, comer caranguejo é um verdadeiro *hobbie* para os sergipanos dessa região do Estado e para os turistas que a visitam.

Lavado, o caranguejo é temperado com cheiro verde e sal. Em seguida, o crustáceo é cozido na panela por 15 a 20 minutos até ficar vermelho. Quando servido, o caranguejo é acompanhado por vinagrete, além de um “kit” composto por martelo e tábua de madeira, equipamentos indispensáveis para a quebra da sua casca.

Também é bastante apreciado o quebrado de caranguejo, seja ele refogado ou em recheios de pastéis. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).







Alto Sertão



uas maravilhas chamam a atenção de todos para esse espaço territorial sergipano composto por sete municípios. A primeira, refere-se aos achados arqueológicos da sociedade canindé, datados de oito mil anos atrás. Os fósseis encontrados iluminam nosso passado ancestral e revelam a presença humana na bacia do São Francisco, há milênios. A hidrelétrica do Xingó, com um lago artificial imenso, de 65 km², é a segunda das maravilhas. Atesta a engenhosidade humana e a capacidade de evolução do homem que dali, na idade da pedra lascada, da pura convivência com a natureza, saltou para a era das barragens, transformando o ambiente, dominando a natureza. Dos tempos indígenas, restou a mistura racial e cultural que se afirmou sob a influência da expansão pecuária e a implantação dos currais de gado. A pata do boi abriu o caminho para uma gente mameluca. Junto à pecuária, o Alto Sertão desenvolveu uma agricultura regular, com ênfase no milho e feijão, cultivados nas duras condições climáticas locais. Do ponto de vista cultural, tradições ligadas às atividades econômicas regionais se misturam a novos eventos de massa revelando a persistência das primeiras e a chegada no interior do território do Estado de hábitos modernos, que mobilizam principalmente a juventude, a exemplo do Rock Sertão. Outro fenômeno local recente é a demarcação cultural de recorte étnico. Caso da afirmação espacial quilombola em Poço Redondo e Porto da Folha, onde, aliás, estão os Xocós e seu Toré, expressão grupal de canto e dança de remanescentes indígenas. E também os sem-terras, milhares deles, socialmente ativos e economicamente produtivos.

Sob o signo da conquista e da resistência, os homens fizeram desse território o cenário de construção de um mundo de lutas.

Cenário que inclui a presença inesquecível do Rei do Cangaço nordestino, o Lampião. Depois de quase duas décadas de escaramuças com a polícia, ele tombou na Grota do Angico, em confronto com a volante pernambucana. Mas vive no imaginário de todos, como um mito, herói para alguns, bandido para outros. “Cabra macho”, valente, destemido, enfim, o homem de fibra eternizado pela consciência popular. E que se especializou num ofício que o território conheceu desde muito tempo atrás, aliás, desde tempos imemoriais: o combate.



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Crochê



Renda de Bilro



Bordado (Pronto Cruz, Ponto
Cheio e Vagonite)



Rendendê



Retalhos



Bonequeiras



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Artesanato em Couro



Artes Plásticas



Pinturas Rupestres



Bacia Leiteira

RELIGIÃO



Santos Festejados



Toré



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Fogaréu (Procissão dos Homens)



Queima de Judas



Peregrinações/Romarias

Festa do Santo Cruzeiro (Gararu)

Missa do Cangaço (Poço Redondo)



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Samba de Coco



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Pastoril



Dança de São Gonçalo



Reisado



Pífanos



Violeiros



Aboiadores



Cavallhada



Corrida de Argola/
Salto de Argola

Corrida de Mourão (Canindé de
São Francisco e Poço Redondo)



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Eventos Agropecuários



Festa do Quiabo



Rock Sertão

Cavallhada

Pertencente ao Ciclo Natalino, a Cavallhada é um Folguedo que foi introduzido no Brasil por volta de 1756, pelos portugueses, que viram na lúdica uma oportunidade para a concretização da cataquese.

As Cavallhadas representam a luta entre cristãos e mouros. O grupo é composto por doze cavaleiros vestidos de verde (os cristãos), que fazem pares com os doze vestidos

de vermelho (os mouros). Essa formação remete à Batalha de Carlos Magno e “Os Doze Pares de França”. O folguedo está voltado para uma batalha (competição) configurada na “Corrida da Argolinha”. Esse é o momento mais importante da apresentação, que exige excelente domínio equestre e refinada pontaria, visto que a toda velocidade o cavaleiro retira, com a ponta da lança, a argolinha pendurada no travessão. Vencedores, os cristãos convertem os mouros ao cristianismo.

No final da batalha, as lanças são entregues a parentes e/ou simpatizantes que, agrupados uns próximos aos outros, em

forma de círculo, com as armas suspensas apontando para o alto, são reverenciados com uma corrida em torno de si. Encerrando a competição, é a hora do “Adeus”. Os cavaleiros seguram lenços brancos e, em veloz corrida feita em sentidos contrários, cristãos e mouros saúdam-se, sinalizando pacífica união. O retorno para casa é feito em longo e solene cortejo equestre musicado pela Banda de Pífanos (grupo que integra a Cavallhada). Os cavaleiros seguem cantando em trovas, a bravura e a lealdade cristã. (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo. Extraído e adaptado por Maria Aurelina dos Santos).



Representação da luta entre mouros e cristãos, que em Sergipe está fortemente ligada ao ciclo natalino. As cavallhadas são disputas entre dois cordões de cavaleiros vestidos com indumentárias coloridas que fazem uma bonita disputa de destreza, mira e cavalgada entre si.





Brincadeira típica do ciclo junino que faz sátira aos antigos casamentos motivados pela obrigação do noivo em se casar com a “não mais moça” filha de coronel.

Casamento do Matuto

O espetáculo cômico do casamento caipira sofre variações conforme a imaginação de seus idealizadores. Mas preserva o bordão. É uma sátira bem humorada sobre os costumes sertanejos tradicionais, cuja moral não permitia a gravidez ou mesmo o intercuro sexual fora do matrimônio. O noivo-tabaréu é obrigado a casar com a moça que perdeu a virgindade e, muitas vezes, tem que fazer isso bêbado para agüentar publicamente a maçada em que se envolveu.

Muitas vezes, o casamento do matuto começa com um desfile de carroças onde os dois personagens desfilam. Em seguida, vem o padre, a mãe da noiva e o pai, armado de espingarda, naturalmente... Na cerimônia realizada em um palco improvisado, uma beata entra em cena também. Ali se desenvolve o ato: o noivo tenta fugir, o pai pressiona o noivo, a noiva chora junto à mãe e a beata se scandaliza com o tamanho da barriga da ex-moça. Finalmente, ajudado pela bravata do pai, o padre consegue arrancar um sim do matuto e o espetáculo chega ao fim.





Rendas

A arte de tecer a renda para a mulher sertaneja não é somente o complemento da renda familiar, é também um momento de congregação entre as mulheres e, acima de tudo, um saber que é ensinado de mãe para filha.

A Renda de Bilro, predominante no território do Alto Sertão, é mais uma manifestação artesanal que ainda sobrevive no território. Inserida no Brasil por mãos colonizadoras, esse tipo de renda era de uso exclusivo do reisado e da nobreza. Outra vertente aponta para a possibilidade da introdução dessa arte na região por parte dos holandeses que se estabeleceram no Nordeste por volta do século XVII. Perpassando gerações, a produção artesanal dos bilros, espinhos de mandacaru, linhas e almofadas, pontua o artesanato sergipano dando mais visibilidade à moda dos tempos atuais. No enlace da modernidade com a tradicionalidade, a renda de bilro enfrenta acirrada concorrência com as rendas industrializadas.

Ainda assim, permanece viva graças à transmissão informal, mostrando que é possível a convivência da tradição com a modernidade no mesmo espaço social. (Maria Aurelina dos Santos).

Arte de tecer utilizando a almofada, o molde de papel, alfinetes, linha e bilro: instrumentos básicos para a criação da renda.



Artesão Zeus e sua arte
de esculpir imagens
sacras em madeira.





Artesanato em Madeira

“A madeira bruta, aos poucos começa a ser desbastada. Calejadas, as mãos do artista buscam a forma imaginada, o corte certo viaja zeloso pelas curvas da anatomia... aos poucos, a teimosa imburana, o resistente cedro deixa para trás a forma original e segue os caminhos da nova vida traçada pelas mãos do artista” (Cleomar Brandi, Artesãos de Sergipe. Unimed)

“... eu vinha andando e olhei para um imburana* assim por olhar mas vi desenhado na árvore um pássaro. Cortei e esse foi o meu primeiro trabalho. Eu uso canivete, marreta, formão e lixa. O artesão é esse que pega o machado, vai pra mata, corta a madeira e tira de lá a peça que quer... Não é todo pé

de pau que a gente bota pra baixo. A imburana boa pra trabalhar com arte é quando ela está sequinha, madura, por volta dos 35 anos. Uma imburana de 30 anos ainda escorre água. Mas não é toda imburana que é boa, tem que conhecer: se é imburana de cheiro, não presta para a arte. A boa é a imburana

Cambão. O povo não sabe, mas a imburana é uma madeira importante para a natureza, porque ela ajuda a fazer chover...

O que tem mais saída é Lampião, Antônio Conselheiro, Nossa Senhora da Conceição – para a igreja eu faço Cristo, a Ceia, a uva e o vinho... sai também umas peças que eu faço assim de



O artesão sergipano, Véio, esculpe reproduções de personagens nordestinos, de imagens sacras e de arte decorativa a partir da madeira caída na mata.

trabalhadores com os seus ofícios... Chega um ônibus cheio de turistas que vêm pro Xingó, muitos deles, e naquele alvoroço, compram tudo... graças a Deus” (Mestre Antônio, por Ilma Fontes. Artesãos de Sergipe. Unimed)

*Imburana: madeira da região do Alto Sertão. Ao lado do Cedro, divide a preferência dos artesãos. Já o Mulungu, madeira abundante e sem valor comercial, é utilizado.



Presença Indígena

“O achado arqueológico de maior importância em Xingó foi, sem dúvida, a descoberta de dois cemitérios indígenas. O sítio do Justino, na margem sergipana, e o sítio São José, do lado alagoano. O sítio do Justino encontrava-se no município de Canindé, num terraço na confluência do riacho Curituba com o São Francisco. Foi ocupado durante períodos compreendidos entre 2000 e 8000 anos antes do presente.” (Gabriela Martin, O Rio São Francisco – a Natureza e o Homem)

“Os registros rupestres, como linguagem preservada, testemunham a presença de grupos humanos no nordeste brasileiro. A caça disponível é caracterizada por espécies de

animais de médio e pequeno porte que vivem dispersos na caatinga e requerem muito tempo para ser apanhados. A maior parte vive em nichos específicos e aparece mais abundantemente em certas estações do ano. Os animais caçados pelos bandos xingoanos e que compunham a sua dieta alimentar são conhecidos pelos resíduos deixados em restos de banquetes ou, raramente, em pinturas nas paredes das rochas. São veados, capivaras, macacos, tatus, lagartos, tamanduás, tartarugas, peixes e um grande número de aves.” (Fernando Lins e Carvalho, A Pré-História Sergipana)

Na ilha de São Pedro, no rio São Francisco, ainda é encontrada a

última tribo indígena de Sergipe, os Kariris Xocós. Após a expulsão de suas terras e o retorno com o reconhecimento de posse, os Kariri-Xocós ainda mantêm a sua indianidade preservada pela manutenção do ritual do Ouricuri em área de terra sagrada, apesar da perda da sua língua mãe. Além disso, para auxiliar na subsistência do seu povo, os Kariri-Xocós desenvolvem trabalhos manuais com argila, palha e sementes que são vendidos na região.

Os diversos artefatos arqueológicos encontrados na região de Xingó comprovam o processo evolutivo dos primeiros habitantes da região às margens rio São Francisco.



Os Xocós são o único grupo indígena existente em território sergipano.



Toré

Encontrado apenas em Porto da Folha entre remanescentes dos índios xocós, o Toré é um rito de evocação. A dança, os cantos e a beberagem de jurema estimulam os participantes que alcançam o clímax quando entram em contato com seus ancestrais e suas divindades. Duas modalidades aparecem no lugar: o toré de roupa, apresentado como simples folguedo em qualquer festejo popular e o toré de búzios, onde os integrantes usam uma espécie de saioté de palha e sopram seus rústicos instrumentos, que quando dançado evoca o segredo do Ouricuri para mostrar a sua condição de verdadeiros indígenas. “A dramatização da identidade faz ver que, apesar da longa trajetória de “integração”, continuam capazes de se manter índios e fortalecidos pelo segredo do Ouricuri” (*A semente da*



terra: identidade e conquista, Vera Lúcia Calheiros Mata). O ritual, além de eficiente instrumento de coesão comunitária, é elemento distintivo entre os que reivindicam sua procedência racial e o restante da população do território.

A dança é feita em círculo, geralmente ao redor de uma fogueira que é a forma da oração coletiva, por momentos de mãos dadas e por outros soltas.



Cangaço

Movimento de indiscutível presença no imaginário popular nordestino, o Cangaço reservou para Sergipe o seu mais marcante momento: a queda de Lampião e do seu bando na Grota do Angico, em confronto com a volante pernambucana.

Conhecidos por sua valentia e sagacidade, os cangaceiros conheciam como ninguém as veredas do imenso sertão nordestino, tornando muito difícil a sua captura. Das plantas medicinais às fontes de água, dos locais com disponibilidade de alimento às rotas de fuga e lugares de difícil acesso, Lampião, Maria Bonita e o seu bando eram quase insuperáveis na arte do combate.

Mocinhos para alguns, bandidos para outros, os cangaceiros se eternizaram na memória do povo

do sertão. A Grota do Angico, na divisa de Canindé do São Francisco com Poço Redondo, foi o palco onde, na manhã de 27 de julho de 1938, os volantes cercaram a grota e mataram a tiros Lampião, Maria Bonita e outros membros do bando, além de decapitá-los e expor suas cabeças em praça pública para provar ao povo que Lampião não era imortal.

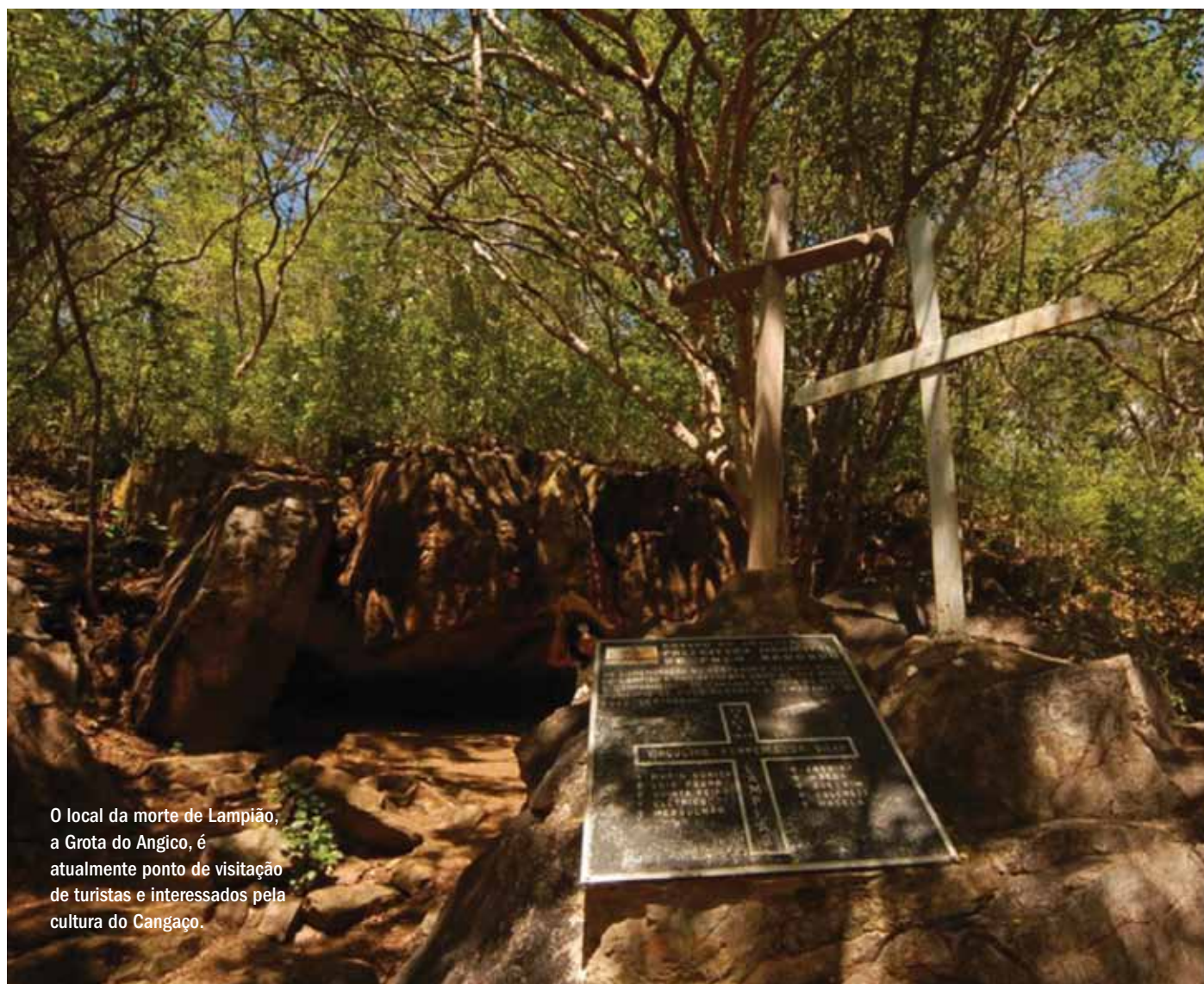
Há aproximadamente 12 anos, é realizada, na Grota de Angico, a Missa do Cangaço em homenagem aos cangaceiros mortos na chacina. Os participantes percorrem uma trilha por dentro da Caatinga até a grota, onde um altar é montado e um padre celebra a missa de homenagem.

Como legado, o Cangaço deixou para a cultura do povo do sertão os hábitos de se vestir ornamentado em

ouro e prata, cartucheiras, chapéus e botas, imitando os heróis do sertão. Além disso, o Xaxado, dança típica do sertão, foi outra cultura difundida pelos cangaceiros. A dança consiste no avanço do pé direito em quatro movimentos laterais puxando o pé esquerdo, num rápido e deslizado sapateado. Relacionado aos gestos de guerra, firmes, porém graciosos, recebeu este nome devido ao barulho (chiado) das sandálias dos cangaceiros arrastando pelo chão de areia do sertão. Dançado inicialmente por homens, a presença feminina teve início com a entrada de mulheres para o bando, a exemplo de Maria Bonita. (www.infonet.com.br/lampiao/. Extraído e adaptado).

A missa do Cangaço é realizada há 12 anos para lembrar a morte de Lampião e seu bando.





O local da morte de Lampião, a Grota do Angico, é atualmente ponto de visitação de turistas e interessados pela cultura do Cangaço.



Acima, Garruncha e bereta: armas utilizadas pelo bando de Lampião.
Maria Gomes de Oliveira – Maria Bonita
e Virgulino Ferreira – Lampião.



A expansão pecuária instituiu novos hábitos alimentares e culturais, como as selas, roupas e chapéus de couro. Ofício que permanece vivo nas tradições de artesãos, como os de Poço Redondo.

Artesanato em Couro

A expansão pecuária nordeste adentro instituiu novos hábitos por onde chegava o curral. Tanto os hábitos alimentares quanto os artefatos e utensílios estão arraigados na cultura do homem nordestino. A indumentária do sertanejo que lida com o gado no meio da caatinga requer um primor e qualidade que garantam a sua proteção contra os galhos espinhentos da vegetação. Capistrano de Abreu, ao analisar o complexo cultural do gado, que denominou “civilização do couro”, escreveu: “De couro era a porta das cabanas; rude leito aplicado ao chão,

e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de facas, as brocas e os surrões, a roupa de montar no mato, os banguês para os curtumes ou para apanhar sal; para os açudes, o material de aterro em couro por juntas de bois, que calcavam a terra com o seu peso; em couro, pisava-se tabaco para o nariz”. (*Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, Capistrano de Abreu).

O Vaqueiro, o Boiador e o Berrante

O Berrante ou Búzio é o meio de comunicação mais rudimentar e mais tradicional ainda utilizado no agreste e no sertão. Criado para estabelecer contato à distância entre o vaqueiro, o boiador e o gado, o berrante é um instrumento de sopro feito com chifres de boi. Sua montagem consiste no encaixe de um sobre o outro, bem ajustados, com um furo na parte superior para fazer fluir a sonoridade. Pronto, recebe tratamento decorativo (pintura, entalhe, verniz, etc) ou permanece em sua forma rústica.

É, antes de tudo, um veículo sonoro a serviço da comunicação no Alto Sertão, especialmente porque codifica situações emitidas através da maneira como toca o berranteiro (vaqueiro e/ou boiador). Dessa forma, vaqueiro, boiador, berrante e gado, interligam-se por meio de uma linguagem sonora que leva mensagens correlatas a perigo de acidentes na estrada, uma rez (vaca) que fugiu, chamando a atenção do gado para permanecer agrupado na caminhada, estouro



Os vaqueiros de gíbaro e chapéu de couro enfrentam os desafios da aridez do clima e da ranhura da vegetação.

de uma boiada (dispersão do gado), hora do almoço, reunião dos vaqueiros, realização de uma pega do boi, local onde a rez está amarrada em algum lugar na caatinga, hora da chegada e da partida, etc.

É nesse mundo enigmático que vive o homem e seu inseparável instrumento de comunicação, desbravando o sertão, alegrando os lugares mais distantes por onde passa. É o herói das caatingas e do cerrado que dá asas à economia de Sergipe, com esse jeito simples de ser. Sem dúvida, é um elemento cultural de raríssima beleza e encantamento, com sua

tão abrangente utilidade que nem mesmo o gado furta-se a ouvi-lo e entendê-lo.

“... Vai boiadeiro...”, tocando sua boiada com o seu berrante de melodia circunstancialmente entoada, para manter o equilíbrio sócio-cultural e econômico de Sergipe. (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo. Extraído e adaptado por Maria Aurelina dos Santos)

O músico Antônio Carlos Du Aracaju em mais uma apresentação, tendo ao lado um menino tocador de berrante (instrumento utilizado para tocar a boiada).





Cordel

Literatura popular escrita em versos e publicada em um formato denominado folheto pelos editores e leitores nordestinos. O folheto é um pequeno caderno, geralmente impresso em papel-jornal, com número variado de páginas.

O nome Literatura de Cordel provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição.

Alguns pesquisadores atribuem às “folhas soltas” lusitanas a origem da Literatura de Cordel. O povo português, antes que se difundisse a imprensa, fazia o registro da poesia popular em folhas manuscritas. Essa

prática viabilizou o aparecimento da Literatura de Cordel contemporânea.

É difícil precisar a data do surgimento no Brasil dessa literatura popular impressa. Porém tudo indica que foi nos últimos anos do século XIX. Antes que o jornal se difundisse, a Literatura de Cordel era fonte de informação. O folheto tornou-se o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos. Era lido nos mercados, nas feiras, nas reuniões de pessoas nos pequenos povoados ou nos serões familiares nordestinos.

O maior destaque dessa modalidade de literatura é Leandro Gomes de Barros. O decano em Sergipe é Saturo



A união da narrativa poética com as ilustrações em xilogravura transforma o cordel em uma das mais interessantes expressões da arte nordestina.

Xavier Brandão. Manoel d'Almeida Filho, que viveu em Aracaju mais de cinquenta anos, á a maior expressão entre os nossos poetas. (Antonio Alves do Amaral)

Viroleiros e Cantadores

São poetas populares, interpretes fiéis das tradições, histórias e luta do povo nordestino. Câmara Cascudo os define como “representantes legítimos de todos os bardos menestréis”. Ainda segundo o autor, “a cantoria sertaneja é o conjunto de regras, de estilos e tradições que regem a profissão do cantador” (*Vaqueiros e Cantadores*, Luís da Câmara Cascudo). Vivem cantando sozinhos ou em dupla os romances amorosos, as aventuras e fatos da sociedade. A improvisação ritmada

e cheia de versos é uma constante na peleja dos cantadores, designação clássica para esses duelos poéticos, um desafio que põe em evidência os seus dotes como poeta e cantador. “Canta quase gritando, as veias entumecidas pelo esforço, a face congesta, os olhos fixos para não perder o compasso, não musical, que para eles é quase sem valor, mas a cadência, o ritmo, que é tudo” (*Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*, Luís Wilson de Sá Ferraz). Procuram

interessar alguém para arranjar-lhes uma sala, convidam o povo, despertam a curiosidade. Na hora aprazada, iniciam a peleja. Vencedor ou vencido, o dividendo é de 50%. A notoriedade dos cantadores está sempre dependendo do último encontro, já que uma fama de vinte anos pode desaparecer em trinta minutos de “martelo”).

Vivem cantando sozinhos ou em dupla os romances amorosos, as aventuras e fatos da sociedade.



A Festa do Leite e a Semana da Vaca Leiteira

Estado cuja formação territorial tem as raízes fixadas na atividade pecuária, Sergipe tem, no seu sertão, um rebanho bovino significativo, destacando-se, na pecuária leiteira, o território do Alto Sertão. É aí onde está concentrada mais da metade da produção leiteira do estado e para onde converge o leite produzido em outros territórios sergipanos. O município de Nossa Senhora da Glória é o principal responsável pelo processamento de toda essa produção, contando com laticínio de grande porte, distribuidores e fabriquetas de queijo e outros derivados do leite. Como resultado da expressividade da bacia leiteira do sertão sergipano, em dois municípios foram criados festejos para celebrar essa atividade produtiva: a Festa do Leite, em Nossa Senhora da Glória, e a Semana da Vaca Leiteira, em Nossa Senhora de Lourdes.

Apoiada por instituições financeiras e de assistência técnica, a Festa do



Leite compreende desde exposição agropecuária a concurso da rainha e de derivados do leite, com destaque para o concurso de queijos. Outro ponto alto da festa é o torneio leiteiro de ovinos e caprinos, onde algumas vacas chegam a produzir mais de 50 litros de leite por dia.

Com características similares, a Semana da Vaca Leiteira acontece na sede do município de Nossa Senhora de Lourdes, no mês de setembro, e é uma das festas mais importantes “no alto” do município, pareada apenas pela Festa de Nossa

Senhora de Lourdes, Padroeira do município, e pela Festa de Bom Jesus dos Navegantes, que acontece na sua parte “baixa”, margeada pelo Rio São Francisco.

Em Lourdes, alguns criadores ainda assumem a tradição de distribuir leite entre as pessoas da cidade, na Sexta-feira da Paixão.

A forte cultura do leite configura o território do Alto Sertão, distribuindo para todo o Estado e até para circunvizinhos a sua rica produção.





Festa do Quiabo

Criada como forma de valorizar a produção de quiabo do perímetro irrigado do projeto Califórnia, a Festa do Quiabo é uma das grandes atrações do Sertão Sergipano. Realizada na última semana do mês de setembro, no forró-dromo do município de Canindé de São Francisco, o evento acontece desde 2005 e conta com o patrocínio da prefeitura e dos produtores através das suas associações.

Cada produtor doa parte da sua produção para ser utilizada no preparo da festa, que, entre outras atrações, conta com uma pista escorregadia, feita à base de quiabo moído e sabão em pó, sobre a qual aquele que passar sem cair recebe uma premiação. O evento também conta com concurso de culinária à base de quiabo, do maior comedor de quiabo e shows com atrações locais e de outros Estados.



Concursos e disputas fazem parte da programação da festa do quiabo. Na imagem acima, concurso de maior comedor de quiabo. Abaixo, a famosa corrida na pista escorregadia de quiabo.





Pituzada

Além do queijo coalho, do requeijão manteiga, buchada e sarapatel, reflexos da forte atividade pecuária, outra grande atração da culinária do Alto Sertão Sergipano é a pituzada. Um dos pratos mais famosos da região às margens do rio São Francisco, a pituzada é feita em panela de barro, que leva azeite de dendê, cebola, tomate e pimentão picados, cheiro verde, leite de coco, cenoura e batata, além, é claro, do pitu.

O principal ingrediente da receita, o *Macrobrachium carpinus*, maior

camarão pitu do Brasil, está ameaçado de extinção. Mas aqui você pode comê-lo sem dor na consciência porque o pitu é cultivado de maneira sustentável no Alto Sertão Sergipano. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).

O pirão de pitu está entre as diversas iguarias ligadas à vida dos ribeirinhos do São Francisco, rio que atravessa ao norte o território do Alto Sertão.







Médio Sertão



Em nenhum outro lugar do mundo, alguém pode comer uma carne do sol com traíra como a servida em Nossa Senhora das Dores, ou provar uma galinha de capoeira com fava tão bem preparada quanto a de Cumbe. Muito menos se divertir numa Corrida totalmente dedicada ao Jegue, como em Itabi ou em um rodeio profissional, como em Nossa Senhora das Dores.

Toda essa autenticidade resulta da invenção do povo do Médio Sertão Sergipano. Criatividade aí não quer dizer esquecimento dos valores do passado. A criatividade local em nada contraria o amor às tradições. Elas se fazem presente no mundo do trabalho, da religião e também nas festas e nos entretenimentos.

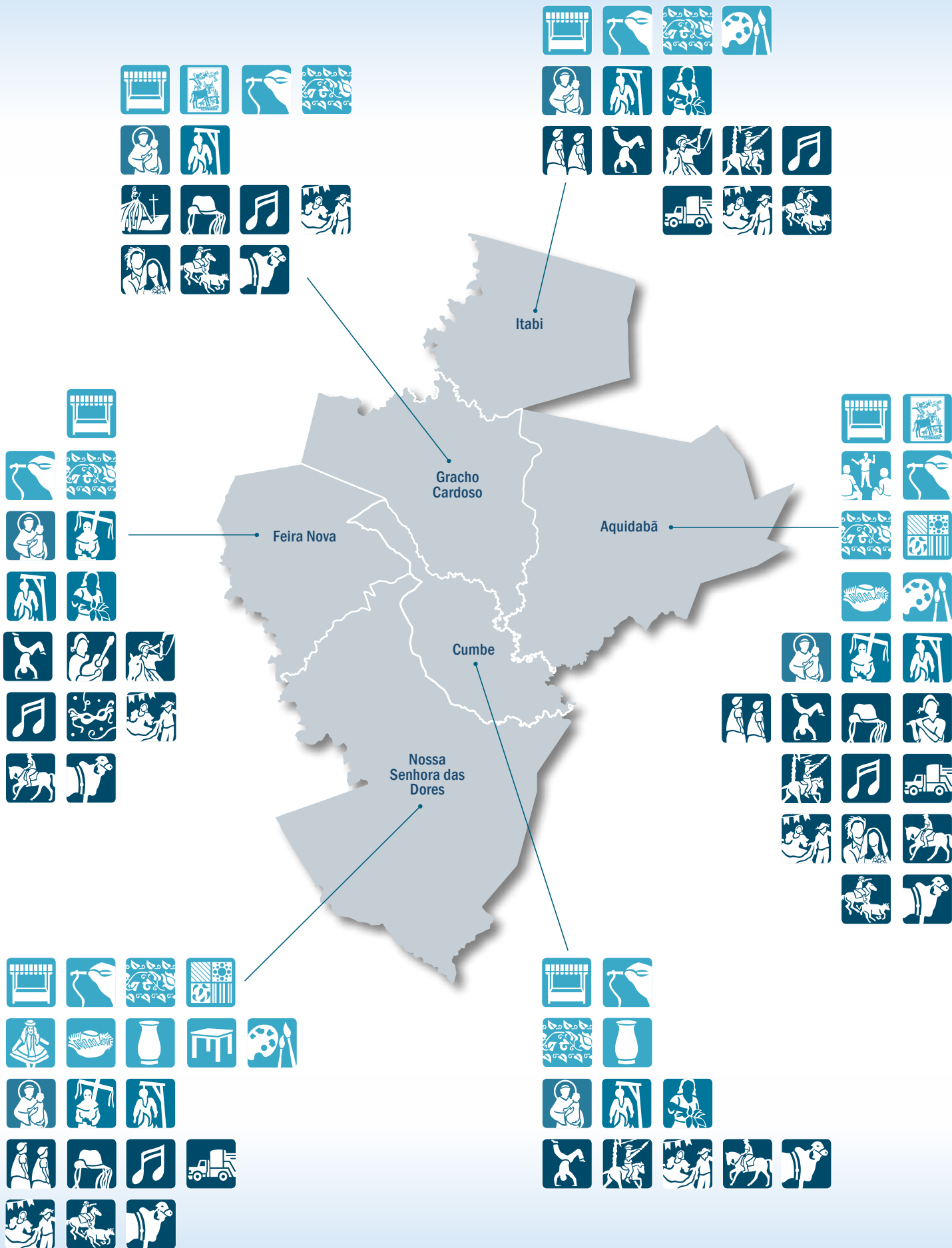
Provam isso o artesanato em pedra, palha, cipó, cerâmica e madeira encontráveis em alguns dos seis municípios do território de identidade. Eles são produzidos ao longo de sucessivas gerações, transmitidos de pais para filhos numa cadeia sucessória de longas datas.

No município de Nossa Senhora das Dores, mantém-se a prática da penitência, a exemplo da Procissão do Madeiro, manifestação religiosa bicentenária.

Nítidas expressões simbólicas da ocupação territorial que foi feita à custa de sofrimento, de dores resultantes da submissão indígena e da conquista do lugar pela expansão pecuária. As festas ligadas à atividade pecuária têm um grande destaque, proporcional à história local que, junto a eventos como a Festa do Abacaxi, de Gracho Cardoso, promovem o enlaçamento das manifestações tradicionais com as expressões modernas dinamizando vivamente a cultura local.

Os festejos do ciclo junino e natalino têm também registros significativos com destaque em alguns municípios, como é o caso do Casamento do Matuto, para o São João, e do Reisado, durante o final do ano.

Personagem comum do sertão, o jegue, além de instrumento de trabalho é o companheiro do homem sertanejo.



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Contadores de Estórias



Crochê



Bordado (Pronto Cruz, Ponto
Cheio e Vagonite)



Retalhos



Bonequeiras



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Artes Plásticas

RELIGIÃO



Santos Festejados



Penitentes



Queima de Judas



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Samba de Coco



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Dança de São Gonçalo



Reisado



Pífanos



Violeiros



Aboiadores



Corrida de Argola/
Salto de Argola



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Vaquejada



Eventos Agropecuários



Festa do Boi (Rodeio Profissional)



Festival do Jegue



Procissão do Madeiro

No povoado Gentil, cidade de Nossa Senhora das Dores, a fé é cultuada de forma singela e respeitosa. A Procissão do Madeiro é uma manifestação bicentenária de religiosidade popular, que mobiliza centenas de pessoas de diversas partes do Brasil. Movidos pelo sentimento da fé, dezenas de jovens e senhoras aderem ao culto ritualístico. Os motivos da adesão são vários: pagamento votivo, redenção dos pecados e solidariedade cristã, entre outros. É uma confraria exclusivamente feminina que após caracterizarem-se, apropriam-se da identidade coletivamente construída, ou seja, todas são denominadas “Beatas”. Envoltas nas mortalhas de cor preta e com tercinho de Nossa Senhora (branco), entrelaçando-lhes as mãos, elas peregrinam de estação em estação, dispostas em dois cordões encabeçados pelo “Madeiro”. Percorrem dez estações ritualísticas por volta das dezenove horas da Sexta-Feira da Paixão. A Guardiã do Madeiro, D. Maria José, realiza a procissão das Penitentes Beatas todos os anos, com a mesma fé e com o mesmo Madeiro que existe há mais de dois séculos, renovando a fé e a esperança dos seus familiares, adeptos e simpatizantes. Até onde se sabe, essa tradição devocional existe apenas em Nossa Senhora das Dores, com origens desconhecidas, devido à ausência de registros anteriores. (Maria Aurelina dos Santos)



Procissão de beatas, uma confraria exclusivamente feminina, que percorre dos povoados até a cidade acompanhando o Madeiro (cruz). Devido ao seu peso, a cruz é sempre carregada pelos homens.



Festa do Boi

Surgida em um momento em que as vaquejadas e as boiadas estavam em decadência, a “Festa do Cavalo”, uma pequena tourada, ganhou dimensões inimagináveis, transformando-se, anos depois, na nacionalmente conhecida Festa do Boi, o único rodeio profissional realizado em terras sergipanas.

Maior vitrine turística do município de Nossa Senhora das Dores, marca o período de maior movimentação da produção artesanal e do comércio do lugar. Durante os cerca de 90 dias que antecedem a festa (realizada durante três dias em torno do feriado do dia 15 de Novembro), a cidade muda a sua feição. No aspecto econômico, cerca de 600 pessoas são empregadas de forma direta e indireta, seja na estruturação do evento ou nas exposições agropecuárias, de automóveis e de artesanato que acontecem concomitantemente.



Durante os três dias de festa, cerca de 40 mil pessoas, entre turistas de Sergipe e de outros Estados, visitam as terras de Nossa Senhora das Dores, lotando pousadas e as casas dos moradores locais, alugadas com cerca de 100 dias de antecedência. Dentre os gêneros musicais tocados durante

os rodeios, destacam-se o Sertanejo e o Forró em apresentações de artistas locais e nacionais.

Tradicional festa de rodeio, atrai pessoas de todo o estado para ver os peões montados em touros e cavalos e assistir aos grandes shows de artistas nacionais.





Festival de Jegues

O animal de montaria e trabalho é importante elemento da economia e cultura no mundo rural do país. No Nordeste, um deles ganhou lugar de destaque pela rusticidade, resistência, força para a tração e facilidade no trato com excelente desempenho nas lidas agrícolas e pouca exigência alimentar. O pequenino jegue ganhou em Itabi uma grande projeção. Para ele, a cidade realiza todos os anos um grande festival. Pelo menos em Itabi, a evolução dos meios de transporte e a seletividade genética que hoje valoriza outros animais de montaria e trabalho, não anulou na memória do povo a contribuição do asno à cultura nordestina, levando-o a edificar numa das principais praças da cidade uma estátua em sua homenagem.



O Festival de Jegues já é conhecido em todo o país. O concurso do jegue mais enfeitado e a corrida são as principais atrações da festa.

Bonequeiras

Tradição cultural das mais antigas presentes no território, a confecção de bonecas de pano é uma arte de destaque no município de Nossa Senhora das Dores. Confeccionadas por grupos de idosas, elas são variadas, seja na cor, no tamanho ou no que representam. As figuras da cultura local são constantemente representadas nessas peças, a exemplo de Maria Bonita. Com o intuito de motivar e resgatar essa tradição, um projeto foi criado no início do ano de 2009 e desenvolve atividades voltadas à sensibilização

da comunidade para a importância das bonecas de pano na cultura local. Um grupo de dança composto por crianças veste-se como as bonecas para promover esse resgate da cultura do município e a geração de renda, apresentando suas coreografias em escolas e eventos. Além da dança, existem outras atividades paralelas, como oficinas de confecção de bonecas, comercialização do que é produzido e reuniões com pais e mães das



crianças que participam das atividades do grupo. (SEPLAN. *Relatório do II Ciclo do Planejamento Participativo*. Conferência Territorial do Médio Sertão Sergipano).

O projeto Dança de Retalhos veio resgatar uma cultura bastante popular na cidade de N. Sra. das Dores, que ficou esquecida durante anos.





Galinha de Capoeira com Fava

A galinha criada no terreiro de casa é chamada de galinha de capoeira. Ela é encontrada em todo o Estado de Sergipe e, geralmente, quando cozida, é servida tendo como acompanhamentos arroz branco e pirão. No território do Médio Sertão, a galinha de capoeira recebe uma guarnição especial: saborosos grãos de feijão verde conhecidos como fava. As mais famosas estão em Itabi e em Cumbe. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).



Típico prato da culinária nordestina, a Galinha de Capoeira com Fava além de ser extremamente saborosa tem grande valor nutritivo.





Baixo São Francisco

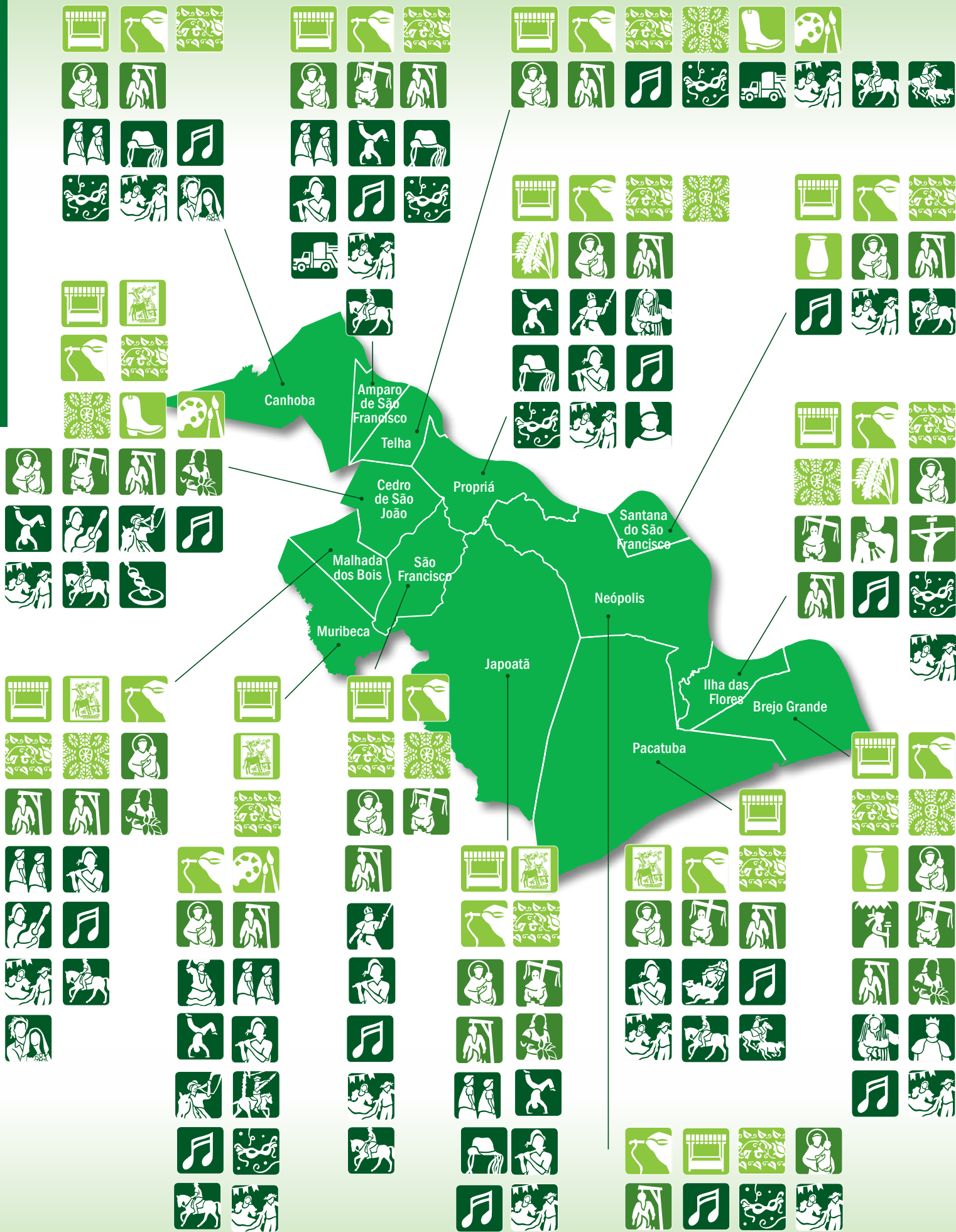


is um território culturalmente ativo, diversificado e pujante. Tudo celebrado às margens do grande rio onde o festejo maior é a procissão do Bom Jesus dos Navegantes, realizada em vários municípios do território de identidade. À fartura propiciada pelas águas e presente na culinária marítima, soma-se a tradição pecuária. Isso explica um pouco a característica da cartografia cultural da região, baseada na maior e na menor proximidade do rio e distingue o ribeirinho do interiorano. A carne do sol de Cedro de São João é tida como iguaria sergipana. Conhecida, reconhecida, valorizada, como o bordado de ponto de cruz, encontrável em todas as ruas de Telha, Cedro, Canhoba ou Própria; ou o artesanato, presente em quase todos os municípios. Assim como as festas e manifestações religiosas como a de Nossa Senhora da Conceição, São José, Santo Antônio e a Queima de Judas, realizada no sábado de Aleluia nas ruas de Telha, Cedro e Japoatã em meio à grande algazarra e participação popular. Diversidade é o que não falta: Guerreiro em dois municípios do território (Propria e São Francisco), Sarandagem em Muribeca, Samba de Coco em Canhoba, Amparo de São Francisco Japoatã e Muribeca e até Maracatu em Brejo Grande. Trios Pé de Serra, Aboiadores, Corrida de Argola e Violeiros, formam esse vasto e colorido conjunto de dezenas de folguedos, festejos e feitos de forte feitio regional.

O carnaval do Baixo São Francisco é famoso, agitando várias cidades, especialmente Neópolis, onde o bloco Zé Pereira se destaca como grande atrativo local. Tal diversidade cultural encontra paralelo na agricultura local, produtora de cana, arroz, mandioca, milho, feijão, amendoim, fava, abacaxi, banana, coco e gado. Atividades que guardam suas especificidades, geram os seus próprios e peculiares ritos de plantio e de colheita. Em outras palavras, criam suas culturas características e singulares.



Território Baixo São Francisco



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Crochê



Bordado (Pronto Cruz,
Ponto Cheio e Vagonite)



Rendendê



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Couro



Artes Plásticas



Rizicultura

RELIGIÃO



Santos Festejados



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Auto Flagelo



Paixão de Cristo



Queima de Judas



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Sarandagem ou Sarandaia
(Cortejo da Baiana)



Samba de Coco



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Guerreiro



Pastoril



Reisado



Maracatu



Pífanos



Violeiros



Aboiadores



Corrida de Argola/
Salto de Argola



Corrida de Mourão



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Vaquejada



Festa da Carne do Sol



Encontro Cultural

Bom Jesus dos Navegantes

Os festejos católicos são muito fortes em Sergipe, mas são especialmente significativos no Baixo São Francisco. Aí, além do nome do santo que batiza o território, Santo Antônio é comemorado em quatro municípios, e Nossa Senhora da Conceição em nove. Afora São José, festejado em Malhada dos Bois e São João, no Cedro. Mas o ponto alto desses festejos populares, sem dúvida, é a procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes. O cortejo de embarcações desfila em Propriá, Neópolis, Santana do São Francisco e Ilha das Flores, precedido por missa campal e procissões nas ruas. Quando pescadores e canoieiros dão curso ao desfile, a população exulta com o estampido de fogos de artifício e muita animação.



Na Tradicional Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, acontece a Corrida de Canoas, onde principalmente os pescadores disputam a competição.





Pastoril

Pastoril é um fragmento dos presépios ou “pastoris dramáticos”, sem os textos declamados ou dialogados. Celebra o nascimento do Menino Jesus e origina-se dos autos de Natal na França. No Brasil recebeu a influência dos índios e dos negros.

A tradição das cores azul e encarnada tem raízes nas lutas entre cristãos e mouros. Azul representa Maria e o encarnado o “Sangue de Cristo”. As pastoras se dividem em dois cordões, um azul e outro encarnado. Usam chapéus ou diademas enfeitados e

nas mãos pandeiros vazados, ornados de fitas. Suas figuras são: Diana, Cigana, Anjo ou Belo Anjo, o Velho, a Estrela do Norte, Cruzeiro do Sul, a Borboleta, entre outros. As cantigas acontecem uma após a outra, sem qualquer diálogo ou texto falado. O Pastoril é acompanhado por um trio de sanfona, zabumba e triângulo.

Pastoril de Brejo Grande, dança e canta em louvor ao menino Jesus.



Banda de Pífanos

O termo é usado para denominar o conjunto musical popular conhecido no Nordeste do Brasil, também chamado de esquentar mulher, terno de zabumba, banda de pife (ou pífano), bombo, cabaçal, etc.

As bandas de pífanos tocam “salvas” nas rezas das novenas, acompanham procissões e se apresentam em eventos diversos.

A banda de pífano é composta por quatro instrumentos: dois pifes ou pífanos, uma zabumba e uma espécie de tarol. As mais autênticas utilizam instrumentos produzidos pelos próprios músicos nas comunidades onde residem. Enquanto tocam, dançam em círculo, fazem giros, abaixam-se e se levantam de forma alternada e bastante movimentada.

Em Sergipe, as apresentações acontecem em rituais de pagamento de promessas, datas comemorativas, festas religiosas, aniversários e eventos culturais.

Pode-se localizar uma Banda de Pífanos em diversos municípios do Estado.

Na imagem, o grupo de Pífano Nossa Senhora da Conceição de Muribeca mantém a tradição da musicalidade nordestina através do som simples e vigoroso, baseado na sonoridade de instrumentos como o pífano e a zabumba.







Guerreiro

É um auto natalino presente nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Carrega influência do Reisado. Segundo “Seu Euclides”, saudoso mestre do Guerreiro “Treme Terra”, de Aracaju, surgiu de uma outra dança executada pelos índios “Aboris” das matas, que dançavam ao som de berimbau e uma viola adaptada com cordas de fibra vegetal.

Uma outra versão conta a história de uma Rainha, seu esposo, o Rei Severino, Guardas do Reino, uma envolvente relação da rainha com o índio Peri e um combate que acaba com a morte do Rei.

A dança é composta por jornadas. Passos de destaque: 40 rebatidos, tesoura recortado, martelo agalopado, trupe e coco. Um dos mais belos momentos da dança é justamente a luta de espadas que é travada entre o Mestre e o Índio. O Mestre é o instrutor do grupo, além de seu fundador. É ele que comanda os solos e rege com um apito o início e o término das “jornadas”. Mestre, Contra-mestre, Embaixador, Vassalos, Índio, Tocadores, Rainha Lira, Estrela e Verde-rama são os personagens. Nas apresentações intercalam cantos com charadas e louvações.

Indumentárias: homens – calças comuns, camisas de duchese, ao estilo militar. Vassalos e o índio Peri a caráter. Mulheres – vestidos de duchese, geralmente saias rodadas e muitas fitas coloridas. A coroa da Rainha é ricamente trabalhada. Instrumentos: sanfona, pandeiro, triângulo e tambor.

O teor dramático dos Guerreiros remete ao relacionamento entre brancos e índios nos primeiros momentos de ocupação de Sergipe.

Zé Pereira

O município de Neópolis, cuja denominação inicial era Santo Antônio da Vila Nova, tem festejos carnavalescos cujo destaque é a grande participação popular, embalada por blocos independentes que animam as ruas ao som do mais autêntico frevo pernambucano. Chamados indistintamente de Zé Pereira, esses grupos formam um arrastão de alegria pela cidade, tradição que vem atraindo, cada vez mais, a atenção dos que procuram um carnaval diferente dos predominantes nas grandes cidades. O nome Zé Pereira é uma homenagem àquele que, de maneira despreziosa, saiu pelas ruas do Rio de Janeiro, cantando e dançando animadamente: o criador do tríduo momesco no Brasil. (Antonio Alves do Amaral)



Carnaval de Neópolis com grande influência do frevo pernambucano é conhecido pela sua alegria, irreverência e espontaneidade.





Rei, rainha e súditos, o maracatu é a expressão do sincretismo cultural entre os negros africanos, índios brasileiros e brancos portugueses.



Maracatu

Por não ser um auto, o Maracatu não possui um enredo para sua exibição. Representa uma herança dos séquitos negros que acompanhavam os Reis do Congo, eleitos pelos escravos para coroação comemorada com batuques no adro em homenagem ao Santo protetor. O cortejo real é lembrança da célebre Rainha africana, Ginga de Matamba.

A indumentária é constituída de vestidos em cores extravagantes (estampados e lisos), chapéus de pano com abas moles, lembrando tocas que as sinhazinhas usavam para dormir.

São personagens: Rei, Rainha, Príncipe, Princesa, Vassalos, Ministros, Cavaleiros, Lanceiros, Buzineiros, Porta-bandeira, Tocadores e Calungas, que são bonecas com poderes sobrenaturais, representando as divindades (orixás) cultuadas como Oxum e Xangô.

O cortejo itinerante sai pelas ruas dançando, dando umbigadas, saracateios e fazendo reverências, ao som das marchas, ritmos batidos, marcadores, lembrando cantos aos orixás. Em algumas músicas percebe-se um acentuado sotaque africano. Por ter perdido a tradição sagrada, o Maracatu integra o ciclo carnavalesco das brincadeiras de rua.

Os instrumentos que os integrantes utilizam são tambores artesanais (por eles mesmos confeccionados), chocalhos e gonguê. A madeira utilizada para os instrumentos é o tronco do coqueiro ou da faveira braba.

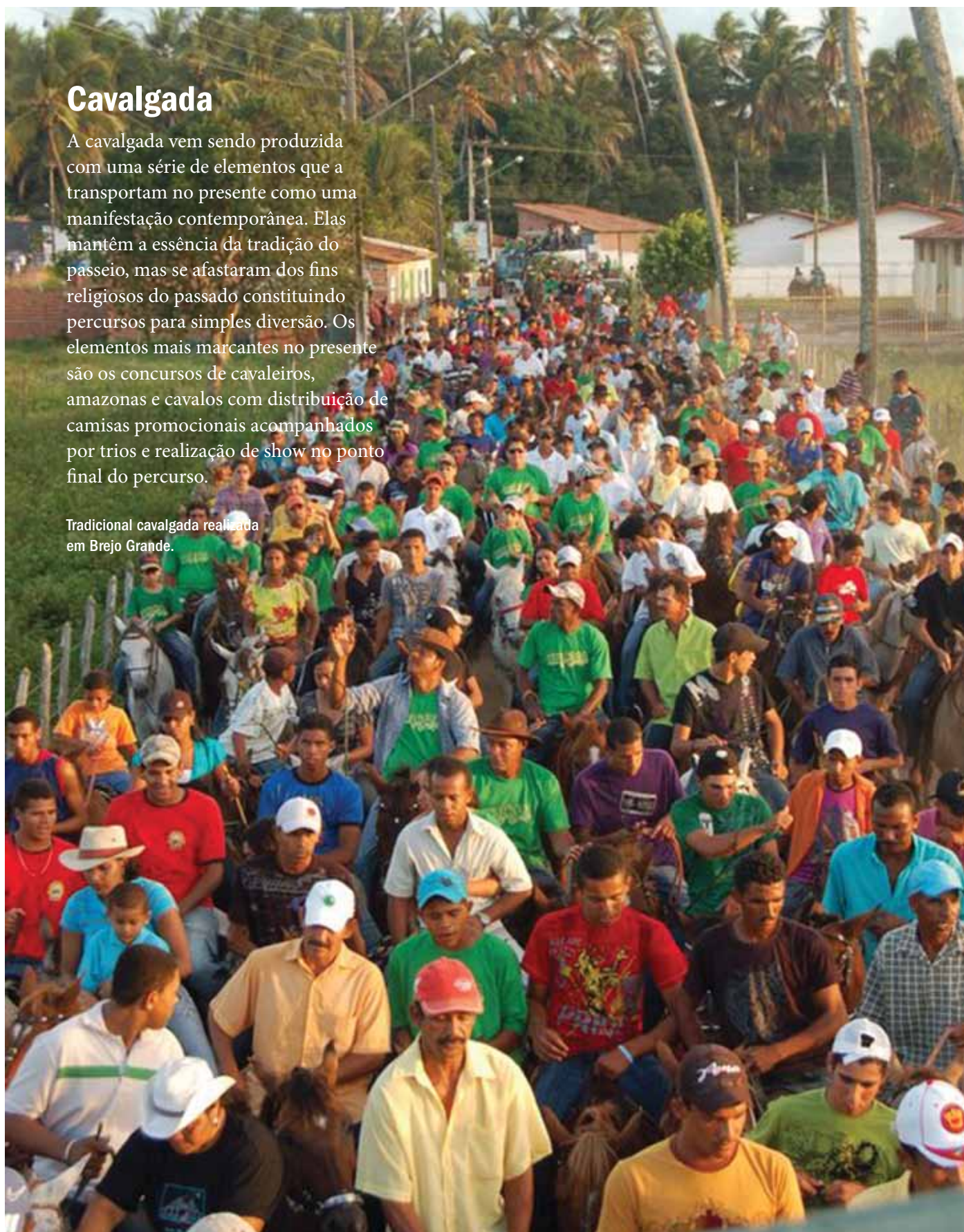
Não existe uma coreografia específica, a não ser a saudação aos tambores e ao grupo que representa a realeza.

Em Sergipe, podemos encontrar a manifestação nos municípios de Japarutuba e Brejo Grande (povoado Brejão dos Negros).

Cavalgada

A cavalgada vem sendo produzida com uma série de elementos que a transportam no presente como uma manifestação contemporânea. Elas mantêm a essência da tradição do passeio, mas se afastaram dos fins religiosos do passado constituindo percursos para simples diversão. Os elementos mais marcantes no presente são os concursos de cavaleiros, amazonas e cavalos com distribuição de camisas promocionais acompanhados por trios e realização de show no ponto final do percurso.

Tradicional cavalgada realizada em Brejo Grande.





Queima de Judas

O catolicismo popular é particularmente duro com Judas em todo o Nordeste. Aqui, ele expia quase tudo que fez a Jesus. No sábado de Aleluia, um boneco de pano repleto de fogos e explosivos é pendurado a uma espécie de forca, aguardando a chegada da noite. Em meio a versos anedóticos trocados entre os presentes e a um inventário bufo que troça com os organizadores e amigos do festejo, a população assiste ao momento mais esperado: a queima do traidor de Jesus que se espelha em bandas e explode dos pés à cabeça em meio

a um grande fogueteio, algazarra e gritaria. A comichade e a pirotecnia do espetáculo colocam a Queima de Judas como uma das mais concorridas expressões dramáticas do povo brasileiro.

A malhação ou queima do Judas é parte do rito que compõe a Semana Santa. Atualmente é comum enfeitar o boneco com vestimentas ou placas contendo nomes de políticos, atletas ou mesmo de personalidades não tão bem aceitas pelo povo.

Bordadeiras

O bordado é a tradição artesanal mais desenvolvida pelas mulheres do Baixo São Francisco. Em cada calçada, em cada porta de casa ou em centros comunitários, as mulheres bordadeiras desenvolvem o seu trabalho com exímio primor. São pontos de cruz, rendendês, entre outros.

Segundo os mais velhos, o ponto cruz foi trazido pelos portugueses e o rendendê pelos holandeses que passaram aqui pelo Baixo São Francisco por volta do século XVII. Desde então fazer bordado é uma arte transferida de mães para filhas, salvo para alguns homens que mais recentemente aprenderam bordar ou fazer algum tipo de acabamento.

Na década de 1970 ocorreram significativas modificações no município de Cedro de São João. Nesse período, a falência da rizicultura implicou em uma migração de seus habitantes para Aracaju e para a Capital. Esse processo serviu para difundir o bordado local em vários lugares do Brasil. Por volta da década de 1990 o artesanato sergipano já estava



bastante conhecido e, para melhorar as vendas, a produção passou a ser diversificada.

Assim, pode-se dizer que foi com a crise econômica do arroz que Cedro desenvolveu o artesanato como fonte de renda para a maioria de seus habitantes. O artesanato desse município é produzido, de forma em geral, em outros municípios, por mulheres que moram nos povoados de Aquidabã, Propriá, Malhada dos Bois, Porto da Folha, Lagarto, Tobias Barreto entre outros, cabendo à

Acima, o Rendendê, e abaixo, o ponto de cruz, dois típicos bordados sergipanos.

Ao lado, no Baixo São Francisco é comum ver as mulheres sentadas em suas portas durante a tarde tomando uma fresca e proseando enquanto fazem o seu bordado.

maior parte das mulheres de Cedro, atualmente, dedicar-se aos afazeres de acabamento. Já os homens têm a função de lavar, engomar e embalar deixando a mercadoria pronta para a venda.







Artesanato em Cerâmica

Santana do São Francisco concentra um expressivo segmento do artesanato utilitário e decorativo. Seus ceramistas herdaram dos indígenas essa ancestral habilidade de moldar o barro com as mãos e dar a ele um uso cultural. Vasos, moringas, enfeites e uma infinidade de criativas e singelas peças garantem o sustento de centenas de famílias e levam a outros lugares o nome de Sergipe. Alguns artesãos desenvolvem trabalhos autorais, esculpindo e pintando suas obras com talento extraordinário. Os oleiros de Santana são conhecidos e admirados em todo o país, alguns deles sendo requisitados para transmitir seus ensinamentos em outros Estados.

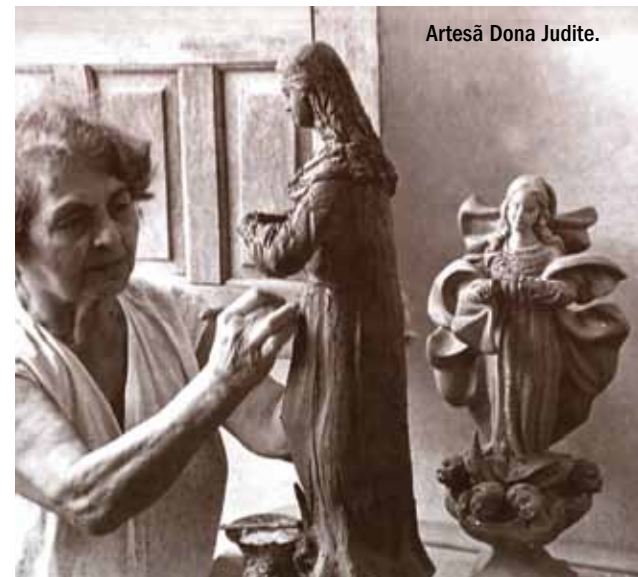


Torno, instrumento essencial para a modelagem das peças de barro.



Notoriamente identificada pela riqueza na moldagem e brilho nas cores com que são feitas, a cerâmica produzida no estado mantém-se com tradição e criatividade nas novas peças.





Artesã Dona Judite.



Artesã Maria do Carmo.



Forno para cozimento da cerâmica.



Artesanato em Palha/Cipó

No Baixo São Francisco há uma predominância da ouricurizeira (palmácea nordestina), cujas folhas e frutos têm importante papel na alimentação e no artesanato. A facilidade com que se encontra a planta favorece o artesanato regional que, perpassando décadas, já existe no território há mais de um século. Do fruto da planta (espécie de coquinho), popularmente conhecido por dicuri, tudo é aproveitado: a polpa serve para o preparo da cocada de ouricuri; a casca (do fruto maduro) para a produção de suco e ainda pode ser degustada fresquinha no momento da colheita. O ouricuri quando colhido verde passa por um processo de cozimento que possibilita a extração da polpa inteirinha, quando é quebrado. Outra utilidade

do referido fruto maduro (a goga) é a alimentação dos ruminantes, devido ao seu sabor adocicado. Desse processo, resulta o ouriciri de boi. A parte não digerível (o coquinho) é evacuada pelo animal e aproveitada pelo homem em sua alimentação. Sem dúvida, esse é o melhor ouricuri que se pode degustar.

Das folhas do pé de ouricuri originou-se o artesanato utilitário e decorativo. Popularmente conhecida por pindoba, essa palha muito contribui para a economia da cultura, devido à sua ampla utilidade. Secas e despalitadas ou não, elas ganham valor e forma nas mãos do homem que as transforma em: vassoura, abanos, esteiras, jarros, fruteiras, jogos americanos, leques, chapéus,



Seja de pindoba, de coqueiro ou de taboa, a criatividade dos artesãos do Baixo São Francisco atravessa fronteiras.

mandalas, porta lápis e até mesmo tapetes e coberturas para casas de taipas. É a natureza dando asas à imaginação humana e ampliando a diversidade cultural sergipana. (Maria Aurelina dos Santos)







Festa da Carne do Sol

Reflexo da importância da produção de carne do sol para o município de Cedro de São João, a Festa da Carne do Sol aconteceu durante 6 anos consecutivos, ficou desativada por 10 anos, e foi reativada em 2009. A festa dura 3 dias e é uma oportunidade de divulgar o principal produto da culinária local.

O segredo da carne do sol é o tempo de salgamento, que varia de acordo com a presença do Sol ao longo do dia e cujo preparo é feito pelo machante. Em Cedro, os produtores são fazendeiros da região. O gado destinado para o abate tem um acompanhamento técnico e é criado

solto no pasto. Seja preparada com o gado da região ou de estados como Bahia, Minas Gerais e Pará, a carne de sol de Cedro é vendida nas feiras livres locais e de outros municípios como Japoatã, Pacatuba, Ilha das Flores, Brejo Grande, Aquidabã, Muribeca, Propriá, Japaratuba e Aracaju e ainda é exportada para restaurantes e churrascarias do município de Penedo (Alagoas).

A qualidade única da carne do sol de Cedro de São João e a habilidade dos seus machantes na comercialização garantem sustento direto para cerca de 150 pessoas no município.



De tradição secular, a carne do sol de Cedro de São João é famosa pela qualidade e sabor.

Peixada em panela de barro

Território marcado pelo encontro do Rio São Francisco com o Oceano Atlântico, o Baixo São Francisco é rico em pratos à base de frutos do mar. É difícil decidir qual a iguaria mais apreciada da culinária regional diante da diversidade de crustáceos (camarões, caranguejos, siris, guaiamuns e aratus), moluscos (ostras e sururus) e peixes (dourado, surubim, corvina, bagre e até cações e caçonetes).

Uma das grandes atrações do território é a peixada em panela de barro

encontrada em Propriá, principalmente quando o peixe banhado em leite de coco, azeite de oliva, verduras e cheiro verde é o surubim.

Peixe de água doce de grande valor comercial, o surubim possui carne de coloração clara e textura firme com sabor pouco acentuado. A ausência de espinhas, torna-a adequada aos mais variados usos e preparos, agradando a todos os paladares. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).



Uma das principais atrações culinárias do território é a peixada de surubim em panela de barro encontrada em Propriá.





Sul Sergipano



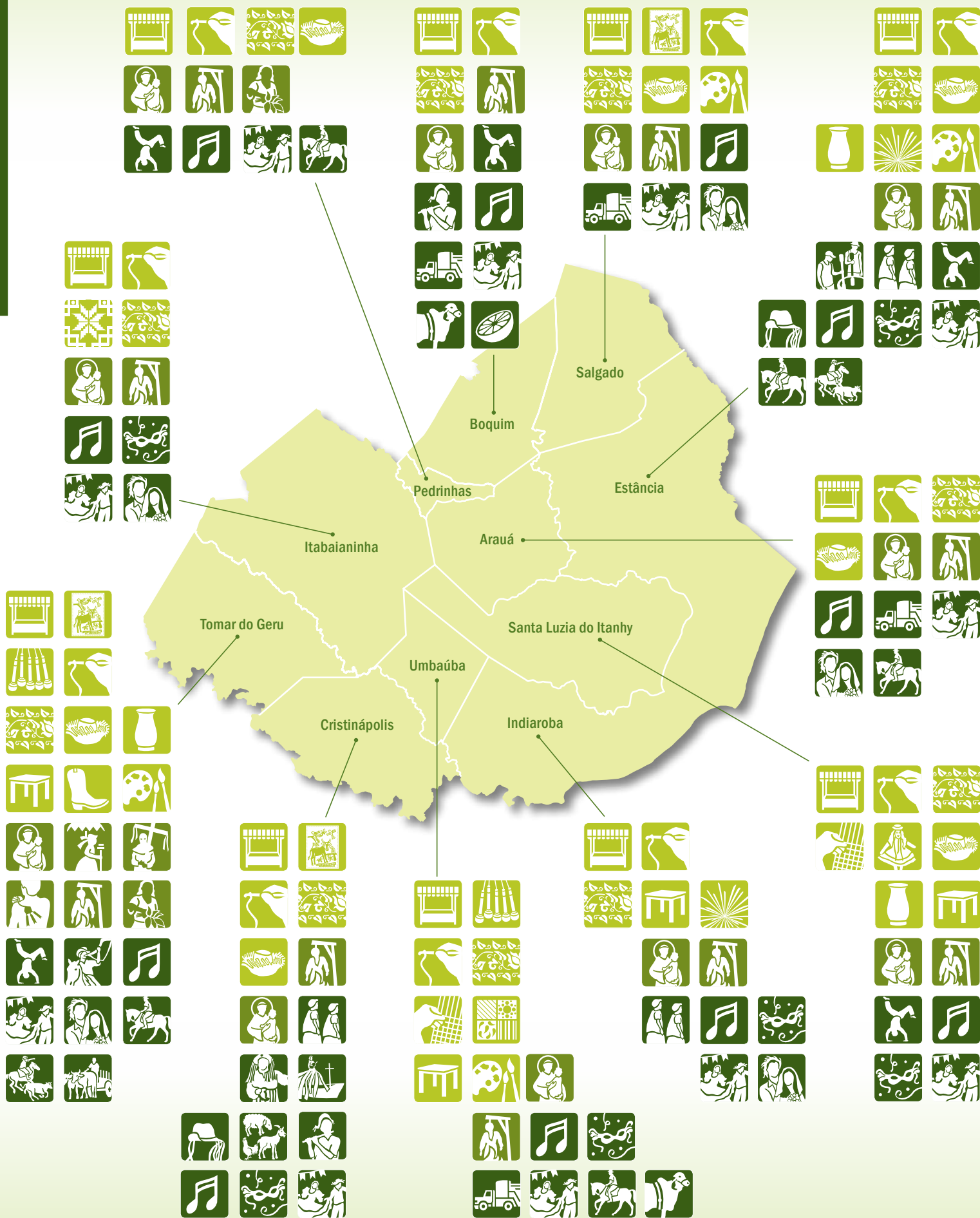
ingularidade e invenção. Eis a marca desse território. Veja-se o São João, por exemplo. Ao lado das tradicionais quadrilhas e pés de serra, o inusitado Barco-de-fogo – movido a coloridos e ruidosos fogos de artifício – que só se encontra em Estância e atrai a atenção de todo o país. Tradição aqui também é o que não falta: ela aflora nas cerimônias religiosas ou nas festas e folguedos populares, abundantes em todo o território: Reisado, Pastoril, Samba de Coco e Capoeira. Tradição que se conserva nos costumes locais e se expressa em eventos como o Encontro de Carros-de-boi, regionalmente muito valorizado.

Economicamente, a laranja substituiu a cana-de-açúcar, e, não poderia ser diferente, para ela se faz todos os anos uma festa em Boquim, espaço para o qual convergem músicos, artistas populares, forrozeiros e muita gente, renovando nesse grande evento de rua o velho rito de festejo agrícola, tão caro às comunidades tradicionais.



Duas típicas embarcações do território sergipano. A do lado navega pelas límpidas águas do estuário dos rios Real e Piauí. E a de cima, navega pelos céus de Estância.





Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Renda de Bilro



Crochê



Richilieu



Bordado (Pronto Cruz,
Ponto Cheio e Vagonite)



Tecelagem



Retalhos



Bonequeiras



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Artesanato em Couro



Fogueteiros



Artes Plásticas

RELIGIÃO



Santos Festejados



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Auto Flagelo



Queima de Judas



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Batucada Pisa Pólvora



Samba de Coco



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Pastoril



Dança de São Gonçalo



Reisado



Reisado dos Bichos



Pífanos



Aboiadores



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Vaquejada



Eventos Agropecuários



Festa da Laranja



Encontro de Carros do Bois

Quadrilha Junina



Dança palaciana de origem francesa surgida no século XIX. Tornou-se notória na Europa e em toda a América a ponto de abrir os bailes da corte em qualquer país. Foi assimilada pelo povo que lhe deu nova feição inventando novos passos, porém, por muito tempo, mantendo os traços originais da dança, inclusive diversos termos franceses. No século XX veio a ser uma manifestação junina, dançada nos arraiais, em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro.

No passado, as mulheres se vestiam com roupas de chita, rendas e fitas coloridas. Usavam chapéus ou arranjos de flores e calçavam sandálias de couro. Os homens, calças de listras, lisas ou em xadrez. Camisas coloridas, jibão, jabiracas e chapéus de palha. Sandálias de couro ou botas e, em alguns casos, tamancos.

No presente, as indumentárias estão sofisticadas. Os dançarinos já não se vestem de chita, não utilizam sandálias de couro, tampouco chapéus de palha.

A sanfona é o instrumento principal nas suas apresentações e está sempre acompanhada de triângulo e zabumba.

Na quadrilha, além dos dançarinos, participam o Padre, o Escrivão, o Juiz, o Noivo e a Noiva, pois estão presentes na encenação de um casamento matuto.

Durante o mês de junho é dançada em praticamente todo o Estado de Sergipe. (Antônio Alves do Amaral).





Seja profissional, seja de
improviso, a quadrilha
nunca deixa de ser dançada
nos arraiais de Sergipe.



O pisar do tamanco e o batuque dos instrumentos tecem os ritmos da pisada da pólvora.



Batucada Pisa Pólvora

O fabricação de fogos de artifício integra o conjunto de vastas atividades ligadas à economia dos festejos juninos. Os fogos não apenas animam, mas sobretudo, compõem o fundo cênico das noites do São João. A profissão do fogueteiro por isso é de grande significado para a realização da festa. Em torno do trabalho desse profissional se organizou a Batucada do Pisa Pólvora. Principalmente em função da produção do busca-pé, um artefato que encanta as crianças porque costuma

acompanhar os que se desviam da sua trajetória barulhenta e luminosa, movida à queima de pólvora.

Essa atividade levou ao ritual de preparação da pólvora, e as batucadas criadas em torno dessa atividade levaram ao folguedo junino. Auxiliado por tambores e cânticos as mulheres estalam seus tamancos no chão e as danças dão início ao espetáculo. Em Estância, o pisa-pólvora se inicia em março e um pilão de madeira serve de base para a moagem da matéria-prima e, ao mesmo tempo, como um grande tambor que motiva o fogueteiro ao trabalho e os assistentes ao divertimento.



Barco de Fogo



“Por todo o mês de junho até 29, dia de São Pedro, o chaveiro do Céu, Estância se transforma em um imenso palco dentro e fora das casas para encenação dos ritos tradicionais que assinalam os festejos juninos, cujo apogeu se dá na véspera e nos dias 23 e 24. Na madrugada fria da salva, enquanto os sinos tocam e busca-pés rabeiam, hasteia-se a bandeira de São João em frente à Catedral Diocesana. E qual um mensageiro de sonhos e aspirações estancianas, o barco de fogo, impulsionado por foguetes e retrofoguetes, corre num arame esticado sob os aplausos do povo.”

(Ofenísia Soares Freire,
O São João na Estância)



A maior felicidade para o fogueteiro é quando seu barco de fogo percorre todo o trajeto sem perder o rojão.







Encontro de Carros-de-boi

No período colonial, a atividade agrícola do Brasil estava voltada para o cultivo da cana-de-açúcar. Em decorrência da grande produção do produto e em função da distância existente entre os canaviais e os engenhos, surgiu um problema de difícil solução: o transporte da cana até os engenhos. Com o objetivo de solucionar a situação, os portugueses introduziram no Brasil o primeiro veículo que circulou em suas terras: o carro-de-boi. (Maria Aurelina dos Santos)

“A carroça de boi é um veículo... suporta até 2500 quilos. As suas características são as seguintes: sua mesa é composta de um cabeçalho grande e dois cabeçalhos pequenos, um cadeião e quatro cadeias. A plataforma da mesa onde fica o

carreiro é composta de duas peças ligadas ao cabeçalho: na ponta do cabeçalho grande, há uma argola que pega a corrente de ferro que serve de tiradeira para a junta imediata à do coice. As rodas compõem-se cada uma de sete voltas, quatorze raios, um cubo, uma bucha, uma chaveta, uma arruela; a roda é argolada, depois de feito o círculo, com uma barra de ferro. Os cubos são argolados e o eixo é de ferro. Há ainda que notar nas carroças de bois de Sergipe que a trava da mesa é adaptada uma espécie de alavanca que, nos momentos precisos, atua sobre as rodas, freando-as, aliviando destarte o esforço da junta do coice, que é o único freio do carro de bois típico.” (A *carroça de boi*, Bernardino José de Souza).

Criado há 20 anos para resgatar as tradições do homem do campo, o Encontro de Carros-de-Boi do município de Tomar do Geru é o cartão postal da cidade e acontece no último final de semana do mês de setembro, com apresentações de bandas populares, desfile e concurso de carros de bois.

No domingo, às 5 horas da manhã, acontece a alvorada festiva e, às 10 horas, o desfile de carros com as premiações à tarde.

O Carro de boi é um dos mais primitivos e simples meios de transporte. Introduzido no Brasil por colonos portugueses, ainda é muito presente no cotidiano do povo de Tomar do Geru.



Festa da Laranja

A Festa da Laranja foi criada no ano de 1956, em Boquim, por jovens estudantes que, tomando conhecimento da Festa da Uva no Rio Grande do Sul, tiveram a ideia de tornar o município conhecido, através de uma festa que divulgasse a laranja – nova cultura da terra. Como a ideia dos jovens estudantes deu certo, em 1966, a laranja dava a Boquim a liderança da cultura no Nordeste, influenciando os



municípios circunvizinhos a produzirem os frutos, especialmente os do Sul e Centro-Sul de Sergipe.

A festa logo passou a ser uma vitrine da citricultura sergipana, tornando-se tradicional, onde os produtores da região confraternizam e discutem os problemas da citricultura. Tudo isso para melhorar a produção e dar mais qualidade aos frutos produzidos em Sergipe.

Dentro da programação, sempre era realizada uma série de concursos, com intuito de envolver com maior intensidade a população e visitantes no clima da festa. Assim, acontecia o concurso da casa mais enfeitada com produtos cítricos, o de tomador de maior quantidade de suco de laranja, além de provas de atletismo e ciclismo. Com o passar do tempo,

Fortemente ligada à produtividade de Boquim, a Festa da Laranja atrai centenas de pessoas, não somente para apreciar o fruto, bem como admirar as suas rainhas.



esses eventos foram abandonados, sendo retomados nos últimos anos com a revitalização da citricultura sergipana. (www.prefeituraboquim.com.br e Perfil dos Municípios de Sergipe, Banco do Nordeste. Extraído e adaptado)





Refogado de Aratu

Os manges do Sul Sergipano guardam uma das iguarias mais apreciadas da culinária do litoral sergipano, o aratu. Não há como resistir às cores, ao aroma e ao sabor do seu refogado servido na panela de barro, acompanhado por arroz branco, pirão e molho de pimenta.

De fácil e rápido preparo – o prato costuma levar em média 25 minutos para ficar pronto – o catado de aratu é temperado com tomates, cebola,

pimentão, alho, cheiro verde e milho verde. A parte mais difícil da sua elaboração, sem dúvidas, é a pesca do aratu, que se esconde ligeiro nas tocas quando percebe a presença humana. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).

Os manges do Sul Sergipano guardam uma das iguarias mais apreciadas da culinária do seu litoral, o aratu.







Agreste Central



sergipano sempre foi conhecido pelo seu espírito realizador, comercial e empreendedor, dentro e fora do Estado. Não sem razão. As carrocerias de caminhão fabricadas em Itabaiana

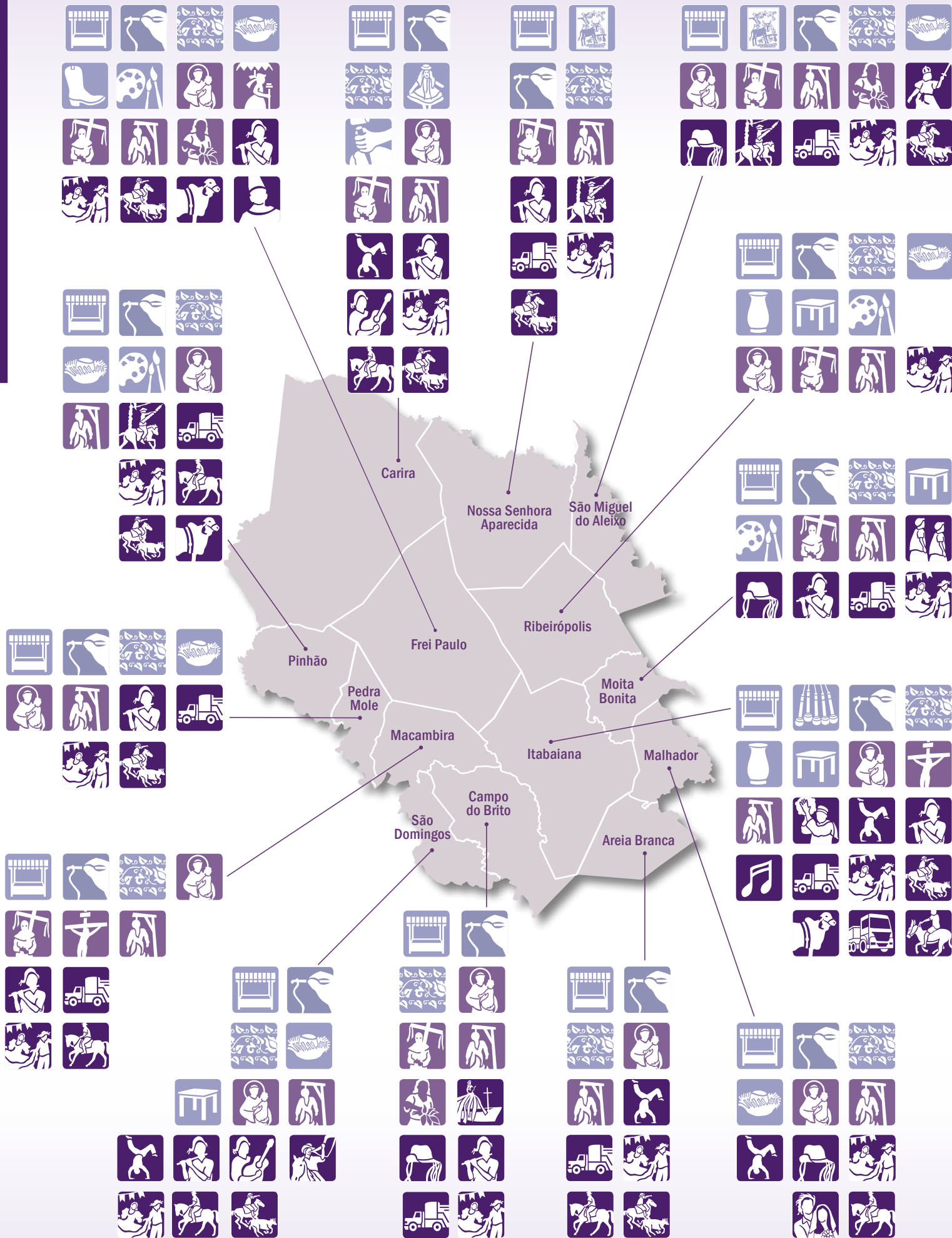
são familiares aos motoristas de todo o país. Inúmeros empresários sergipanos tornaram-se pioneiros em vários ramos de negócio. Sem dúvidas, muitos desses talentos foram treinados na lida das feiras regionais, que além de grande mercado de troca, compra e venda de bens, é um observatório especial para quem quer apreciar o que se faz, o que se come, o que se usa nas cercanias: iguarias como o doce de bofó – feito com a batata do umbuzeiro, artesanato variado, uma grande diversidade de frutas, verduras e carne de boa qualidade. A Feira de Itabaiana é famosa regionalmente e muito concorrida.

Um personagem importante se liga a esse complexo produtivo-comercial da feira: o caminhoneiro. Ele presta um serviço inigualável ao território, interligando o Agreste a toda a economia do Estado. Por isso, todos os anos é homenageado com uma festa especial, que reúne milhares de profissionais do volante e o público interessado em shows, diversão e paquera. Esse progresso conduzido hoje pelos caminhões do Agreste se iniciou com o trabalho do vaqueiro, que submeteu os ocupantes originais do lugar e, depois de colonizar as terras indígenas, fez florescer as fazendas de criação. O gado e o cavalo (usado como montaria para o trato das fazendas e meio de transporte durante séculos) marcaram a cultura local. Daí a permanência e o sucesso das cavalgadas, vaquejadas e das corridas de argola.

Forrós, Pés de serra, Guerreiro, Aboiadores e Bandas de Pífanos, Cacumbi e Reisado são encontrados em alguns municípios da região que sedia também um Museu do Cangaço, em Frei Paulo, especialmente dedicado ao tema e que mantém viva a admiração de todos por esses bandoleiros rurais que destacaram o nome do Nordeste.

Alguns dos diversos produtos vendidos nas barracas das feiras do Agreste Central.

Território Agreste Central



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Renda de Bilro



Crochê



Bordado (Pronto Cruz,
Ponto Cheio e Vagonite)



Bonequeiras



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Artesanato em Couro



Artesanato em Pedra



Artes Plásticas

RELIGIÃO



Santos Festejados



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Paixão de Cristo



Queima de Judas



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Samba de Coco



Chegança



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Cacumbi



Guerreiro



Dança de São Gonçalo



Reisado



Pifanos



Violeiros



Aboiadores



Corrida de Argola/Salto de Argola



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval

Os caretas (Ribeirópolis e
Nossa Senhora Aparecida)

Embeleco (Moita Bonita)



Micareta



Festa Junina



Casamento do Matuto



Cavalgada



Vaquejada



Eventos Agropecuários



Festa do Caminhoneiro



Corrida do Jegue



Encontro Cultural

Feiras

“A feira sempre foi um evento de grande significado desde os primórdios das civilizações do oriente e do ocidente. No Brasil, ir à feira é costume praticado desde o período colonial. Já faz parte da nossa cultura. Em Sergipe, quase todas as cidades floresceram no entorno de feiras, como Itabaiana, Lagarto, Carira, Própria, Estância, etc.”

(Amâncio Cardoso, *Feira Popular: Ceiro de Histórias e de Folclore*)

“As feiras são, essencialmente, lugares de compra e venda de produtos variados... bens industrializados ao lado de produtos agrícolas tradicionais. Há uma pequena oferta de serviços ligados à feira: barbeiros,

relojoeiros, fotógrafos, mecânicos de bicicletas e até dentistas práticos... têm uma pequena função de lazer, sobretudo quando situadas nas zonas rurais ou nas pequenas cidades, e desempenham também destacado papel como “locus” de informação.

Esse papel dá à feira função muito destacada... Percebe-se que a feira é local de muitos negócios e ultrapassa a venda no varejo. Grandes compras de produtos agrícolas, de rebanhos e até de terras são acertadas aí... desde os maiores aglomerados urbanos até os pequenos povoados. Mesmo em lugarejos... de quatro ou cinco casas,



Mesmo com a modernização das práticas comerciais, a feira livre nunca deixará de ter a sua importância para a cultura e lazer do povo sergipano. Aqui, a grande feira de Itabaiana.

existe um mercado periódico de três ou quatro vendedores...” (Alexandre Filizola Diniz, *O subsistema urbanoregional de Aracaju*)





No Brasil, ir à feira é costume praticado desde o período colonial. Em Sergipe, quase todas as cidades cresceram no entorno das feiras.

Os Caretas

Surgida na década de 1950, “Os Caretas” de Ribeirópolis foram uma invenção do Sr. José Robustiano de Menezes que resolveu brincar o carnaval antes da data oficial, no domingo que o antecedia. Ao longo dos anos a brincadeira foi ganhando mais adeptos e mais adereços, inclusive as máscaras e as tintas para “melar” o público que acompanhava o cortejo, juntamente com uma banda de pífano.

Por se tratar de uma época conservadora, as mulheres não participavam do grupo “Os Caretas”, tradição que se mantém, apesar das mudanças observadas na festa, como o fato do cortejo ser acompanhado, hoje, por todos, independentemente do sexo e da idade.

Por esta manifestação ter sido inspirada nos bailes de carnaval, é que se nota o uso indispensável das máscaras como um dos elementos fundamentais para o sentido do grupo, que queria se divertir sem

que fosse reconhecido. As máscaras representam o símbolo maior dos “Caretas”, que a elas devem o seu nome. Atualmente, não são mais confeccionadas artesanalmente, são compradas em lojas de artigos festivos, sendo de origem industrializada.

A pequena brincadeira do Sr. Robustiano começou a atrair muitos participantes e se tornou uma grande festa. Anos depois, ficou conhecida como “A Festa dos Reis da cidade de Ribeirópolis” e começou a ser realizada sempre no fim de semana antes do carnaval.

Os preparativos para a Festa de Reis apresentam uma programação festiva que se inicia no sábado, quando ocorrem atrações musicais, e prossegue na manhã do domingo, a partir das 5h, quando é anunciada, através de fogos e com músicas da banda de pífano, na chamada “alvorada festiva”, a vinda de “Os Caretas”. Às 8h eles saem em cortejo



Brincadeira só de homens, que, escondidos por trás das máscaras, levam irreverência e diversão para as ruas de Ribeirópolis.

pelas principais ruas da cidade, seguidos animadamente pela multidão da cidade e arredores.

Para os ribeiriopolenses “Os Caretas” representam a sua cultura, sua tradição, o seu modo de brincar o Carnaval e de se destacarem no cenário cultural. (*Os Caretas: Rito e Simbologia na festa de Reis de Ribeirópolis/SE*, Aparecida Santana de Jesus. Extraído e Adaptado.)





Embeleco

É uma manifestação folclórica que demarca o final do ciclo quaresmal. Durante os quarenta dias da quaresma, os Penitentes mantêm seus sentimentos voltados para o reviver do sofrimento de Jesus Cristo que termina na crucificação. Mas é no sábado de Aleluia que o sofrimento dos penitentes cede lugar à euforia e à vingança. O mesmo chefe do cordão da penitência do povoado Lagoa do Capunga, em Moita Bonita, troca a mortalha ritualística penitencial pela indumentária do gerente do grupo Embeleco. Trata-se de uma dança exclusivamente masculina, onde os homens se vestem de mulher. Às oito horas da manhã do sábado de Aleluia, o cortejo sai às ruas dançando ao som de um tambor, uma caixa e um apito. O objetivo é mostrar o traidor (Judas)

ao maior número possível de pessoas. Para tal, visitam povoados e a sede do município. Por onde passa vai ganhando mais adeptos, arrecadando dinheiro e donativos (bebidas). Por volta das dezesseis horas, o cortejo retorna ao povoado para o merecido descanso dos seus integrantes vindos da longa caminhada e “malhação” do Judas.

Voltam a se reencontrar no momento da leitura do testemunho e, na sequência, sua incineração. As figuras de maior destaque são o gerente, o médico, o enfermeiro, a velha buchuda e o caboclo (que tira os versos). O restante do grupo usa máscara. O Embeleco é uma dança itinerante que visa devolver ao Judas todo sofrimento que Jesus padeceu. Dessa forma, segundo

O objetivo do Embeleco é percorrer as ruas da cidade e povoados de Moita Bonita para mostrar ao povo o Judas traidor.

seu Manoel Francisco dos Santos, o Embeleco é tão antigo quanto a penitência. Supõe-se que exista a mais de duzentos anos. (Entrevista com Manuel Francisco Santos e José Roberto Santana Santos. Por: Maria Aurelina dos Santos)





Penitentes

Os Penitentes, uma vertente do catolicismo rústico brasileiro, constituem uma sociedade secreta que tem como funções principais pagar promessas e orar pelas almas.

Não existem dados precisos sobre o surgimento dessa ordem religiosa popular que o sociólogo, padre Monsueto de Louvor, considera “o mais interessante e desconhecido fenômeno do misticismo nordestino”. O pesquisador Rosemberg Cariry aborda que “existem registros históricos, desde o século XVII, no Nordeste do Brasil, da existência de muitos rituais de penitência entre as religiões das diversas etnias formadoras do povo brasileiro”.

Um ensaio de Tobias Barreto, publicado em 19884, com o título “Penitentes: Encomendações das almas”, traz a constatação da presença de penitentes em Sergipe, antes da peregrinação do padre Ibiapina, e na Vila de Campos, hoje cidade de Tobias Barreto, distante das margens do rio São Francisco. Em um trecho, o polígrafo sergipano relatou: “Eu,

que não sou dos mais velhos, ainda alcancei tempo em que as coroas de espinhos e as disciplinas de aço representavam um papel saliente no processo da salvação. Era a mesma época na qual predominava, em ambos os sexos, o costume selvagem de, só excetuando o cabelo da cabeça, capinar o corpo inteiro; e então o pedaço de navalha velha, que já não se prestava a este último serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitência...”.


Para Getúlio César, “a autoflagelação é prática religiosa comum de muitos povos e que nos foi legada pela igreja européia medieval. O Concílio de Trento já dispunha de normas para as Ordens de Penitentes.

“Na história dos santos muitos são os exemplos de autoflagelação. Esses rituais chegaram ao Brasil, expandiram-se por meio de cultos realizados pelo catolicismo popular português e sofreram modificações através das influências das culturas indígena e africana. O misticismo exacerbado é a expressão maior de uma religiosidade mestiça”.

A organização grupal dos penitentes, com o passar do tempo, veio a se estabelecer através de dois segmentos: o primeiro, composto pelos alimentadores das almas; o segundo, formado pelos penitentes da disciplina.

Os alimentadores das almas consistem num grupo formado pelos penitentes participantes da procissão que acontece durante a Quaresma, sempre às segundas, quartas e sextas. No cortejo religioso, constituído de dois cordões, têm um papel de destaque durante todo o percurso: o “Alertador”, incumbido de principiar os cânticos e orações; o responsável pelo transporte da cruz ou madeiro; e o “Matraqueador”, encarregado de executar, em cada estação, o toque da matraca.

Os Penitentes da disciplina são assim denominados por utilizarem durante a autoflagelação lâminas de aço amarradas em pedaços de barbante. Essa prática devocional foi observada nos municípios sergipanos de Ilha das Flores e Tomar do Geru. (Antônio Alves do Amaral e Maria Aurelina dos Santos).



Na noite da Sexta-Feira da Paixão, os Penitentes de Macambira, envoltos em túnicas brancas e encapuzados, realizam na cidade seu curioso rito de agradecimento pelas graças alcançadas.

Trezenário de Santo Antônio e Festa do Caminhoneiro

São 13 noites de orações antes da Festa de Santo Antônio, em Itabaiana, de 01 a 13 de junho. No dia 1º, a imagem de Santo Antônio é levada da igreja para uma residência. E assim, sucessivamente, cada dia parte de um local diferente, saindo às 19h e chegando ao seu destino às 20h. Nessas 13 noites, antes de se iniciarem as rezas na igreja, é trazida a imagem. A partir daí começam as orações de Santo Antonio, com “missas festivas” (fogos e grande participação das pessoas; cada dia com um padre diferente e patrocinada por um grupo). Todas as noites a Filarmônica se apresenta e os enfeites da igreja e do andor de Santo Antonio são renovados.

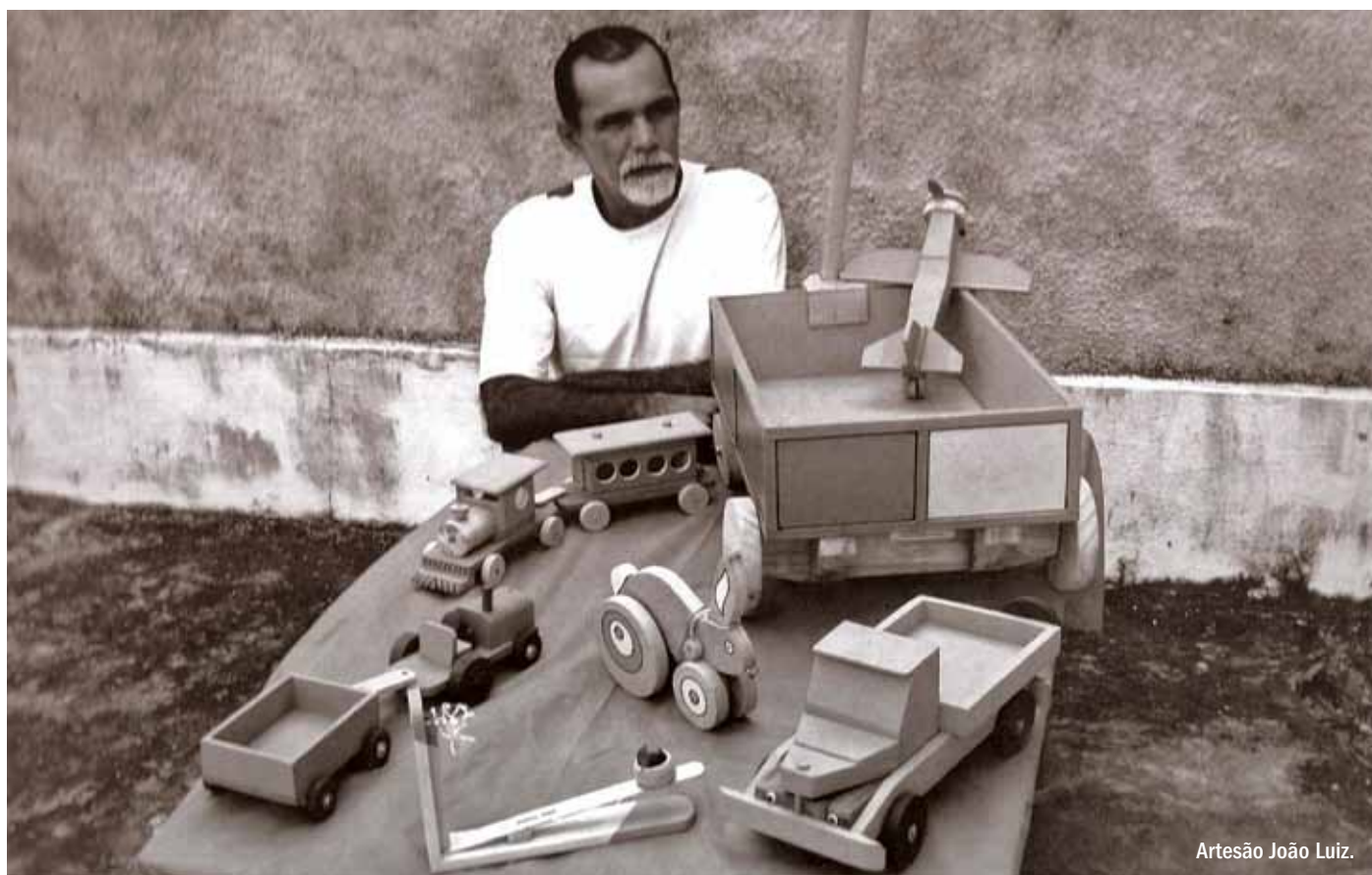
No dia 12 de junho, penúltimo dia do trezenário onde está inclusa, ocorre a Festa do Caminhoneiro. Eles são os patrocinadores da festa nesse dia. Vêm de todo o Brasil para comemorar e agradecer a Santo Antônio.

No período, a cidade, conhecida como a capital nordestina do caminhão por receber milhares deles e por ter fábricas de carrocerias, é povoada por profissionais de todo o país. Paralelo ao comércio do segmento, explorado por várias feiras especializadas, shows, forrós e uma procissão motorizada agitam Itabaiana e movimentam a sua economia.



Integrando os festejos juninos de Itabaiana, a Festa do Caminhoneiro faz homenagem ao santo padroeiro da cidade, Santo Antônio. O momento auge da festa é a procissão em carreata pelas ruas da cidade.





Artesão João Luiz.

Brinquedos Artesanais

O design popular, criativo e eficiente, é prodigioso no que refere aos brinquedos infantis. Usando vários suportes, ele é responsável pela fabricação de veículos, bonecas, fantoches, cangaceiros, violeiros,



vaqueiros, instrumentos musicais, miniaturas, as mais diversas, de animais, mobiliário, petecas, peões, carros-de-boi, zorras, manés-gostosos, e uma infinidade de peças de palha, madeira, metal, louça e tecido de preços bem acessíveis e que contam com a grande admiração da criançada. Trata-se de uma linha de brinquedos simples, imaginosos e baratos. Sem essa última condição, não teriam qualquer utilidade no Nordeste, onde a vida dura estimula o uso de matéria-prima disponível – inclusive a reciclagem – por causa da escassez de recursos. É diversificado, colorido e multifuncional o elenco de brinquedos que compõe o catálogo do design popular de Sergipe. É surpreendente que esse veio de produção e consumo rudimentar, sobreviva em meio ao mundo competitivo da indústria moderna.





A influência da banda da Brigada Real portuguesa foi tão grande, que hoje as filarmônicas são uma realidade em vários municípios sergipanos.

Filarmônicas

“No momento em que o Príncipe Regente Dom João desembarcou na cidade do Salvador e, alguns dias mais tarde, no Rio de Janeiro, ao som da banda da Brigada Real que trazia consigo, chegava ao Brasil não somente uma banda militar famosa em toda Europa, como também uma tradição musical fecunda e mais que trisseccular. A partir daquele instante, a banda da Brigada Real exerceu tão grande influência que, meio século depois da chegada da Corte, rara era a cidade ou vila que não possuía pelo menos uma filarmônica.” (Horst Karl Schwebel, *Bandas, Filarmônicas e Mestres da Bahia*).



Filarmônica de Itabaiana –
Nossa Senhora da Conceição



Buchada de Carneiro



Em São Miguel do Aleixo, pode-se encontrar a mais deliciosa iguaria do Agreste Central, a buchada de carneiro. Sempre acompanhada de farinha de mandioca e molho de pimenta, a buchada é feita de miúdos de carneiro picados, o menor possível, e temperados com tomate, cebola, cebolinha, pimentão, coentro, cominho, alho e pimenta do reino.

Deliciosa, a buchada exige grande habilidade culinária de quem a

prepara. Depois de bem cozidos, os miúdos são enrolados em pequenas trouxas feitas com pedaços do bucho de carneiro que vão novamente para o fogo, deixando cozinhar por mais três a quatro horas. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).

Deliciosa e sempre acompanhada de pirão e molho de pimenta, a buchada de carneiro de São Miguel do Aleixo é conhecida em todo Agreste Central.



Centro Sul



aras cidades brasileiras mantêm viva a tradição da Silibrina – (nome de uma pólvora especial do buscapé), abertura dos festejos do ciclo junino promovida só por homens, que gira em torno de um animado cortejo pelas ruas da cidade e da subida a um mastro com muitos brindes. Ela é realizada em Lagarto com muitos fogos de artifício e grande participação popular. Aí também se encontra uma expressão dramática singular que remonta aos tempos da escravidão: o Grupo Parafuso, espetáculo popular associado à resistência negra e a autoafirmação de quilombolas.

Território pecuário, como, aliás, a maior parte de Sergipe, Cavalgadas e Vaquejadas são muito comuns em seus municípios. Um deles é famoso pela qualidade e variedade de bordados, rendas, tecelagem e couro: Tobias Barreto. Trata-se de uma parte do Estado musicalmente rica onde se encontram Filarmônicas tradicionais, pés de serra e Samba de Coco. E com atrativos coreográficos incomuns: o Maculelê, a Dança de São Gonçalo, a Capoeira e o Reisado.



Ao lado, manifestação folclórica exclusiva de Sergipe. Acima, a arte plástica retratada em ovo de Avestruz.



Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Contadores de Estórias



Renda de Bilro



Crochê



Richilieu



Bordado (Pronto Cruz,
Ponto Cheio e Vagonite)



Rendendê



Tecelagem



Retalhos



Bonequeiras



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Cerâmica



Artesanato em Madeira



Fogueteiros



Artes Plásticas

RELIGIÃO



Santos Festejados



Candomblé/Umbanda



Penitentes



Queima de Judas

Festa da Divina Santa Cruz
da Serra Grande (Poço Verde)



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Batalhão



Silibrina



Samba de Coco



Caboblinhos



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual
do Fogo e Maculelê)



Taieiras



Dança de São Gonçalo



Reisado



Pífanos



Música (Filarmônicas
e/ou Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Cavalgada



Vaquejada



Eventos Agropecuários



Encontro Cultural

Grupo Parafuso

*“Quem quiser ver o bonito
Saia fora e venha ver
Venha ver o Parafuso
A torcer e a destorcer.”*

(Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Maurício da Conceição Neves e Marcos Vinícius Melo dos Anjos, *Sergipe Sociedade e Cultura*)

Segundo a tradição do Brasil colonial era comum as sinhazinhas deixarem durante a noite suas anáguas no quaradouro. Os negros, na calada da noite, fugiam para roubá-las. Fantasiando-se com elas, empreendiam fugas em busca da liberdade. Cobriam o corpo com as anáguas e saíam pelas veredas e caminhos, dando pulos, rodopiando, fazendo assombrção. A superstição da época fazia o povo acreditar em almas sem cabeça e outras visagens. Assim, o disfarce contribuiu para a formação de quilombos. A verdade foi revelada quando, no dia 13 de maio de 1888, os negros fugitivos voltaram a vestir as anáguas e apareceram pela primeira vez à luz do dia, fazendo zombarias para os senhores de engenho. Estava formado o Grupo Parafuso, na cidade de Lagarto, atualmente, o único do Brasil.

Usam como instrumentos o triângulo, o acordeon e o bombo. (Antônio Alves do Amaral e Maria Aurelina dos Santos).



Dança em rodopios que virou brincadeira após a escravidão. Os descendentes de negros, de Lagarto, mantêm a tradição pintando a cara e se divertindo.





O brilho dos rojões dos buscapés, ilumina as ruas da cidade para recepcionar São João e os demais santos do mês de junho.

Silibrina

Trata-se de uma versão da Sarandagem, todavia só encontrada com esse nome em Lagarto. A Silibrina ocorre, há quase um século, na madrugada de 31 de maio para 1º de junho. Dela tomam parte apenas os homens que, cantando músicas juninas, desfilam pela cidade em meio a grande algazarra. A variação da Sarandagem está na derrubada e preparação do mastro antes do cortejo. Ele é colocado na principal praça da cidade, onde após o desfile ocorre a competição da subida para a retirada dos brindes dispostos no topo. Silibrina é como os lagartenses denominam a pólvora queimada que sai dos busca-pés.

Tecelagem

Tobias Barreto e Poço Verde são dois municípios de grande vocação artesanal. Tobias Barreto, aliás, transformou-se numa espécie de centro comercial. O bordado, a renda, a tecelagem e mesmo o uso de retalhos para confecção de peças movimentam o dinâmico segmento econômico do artesanato têxtil, atraindo compradores de todo o Nordeste e outras regiões pela variedade e preço dos itens produzidos.



Tobias Barreto e Poço Verde transformaram-se num grande centro do comércio de bordados, rendas e tecelagem, atraindo compradores de todo o país.





Bordado

O bordado, em suas diferentes variedades, é uma prática generalizada em todo o Estado. Atividade feminina, tem importante papel no sustento de milhares de pessoas. Mas não se pode reduzir sua importância apenas ao plano econômico. Há na dinâmica de sua elaboração uma clara dimensão pedagógica e social, uma vez que a atividade suscita a iniciação, a qualificação e a organização das artesãs, exercendo nas comunidades envolvidas um papel importante no fortalecimento da identidade local. Uma das modalidades mais praticadas é o rendendê, bordado que alterna pontos cheios que cobrem os fios de tecido (um tipo de linhão), para compor figuras de flores ou qualquer outro tema escolhido, com retângulos em ponto aberto.



Tanto detalhe, primor e qualidade, vêm atraindo olhares do mundo para esta arte tradicional em Sergipe.



A Capoeira e o Berimbau de Boca

A capoeira, há muito, ganhou o mundo e não há país que não conheça essa dança-luta afro-brasileira. Em Sergipe, ela preservou uma variação especial: o berimbau

Mestre Primo de Campo dos Crioulos – Lagarto, único tocador de berimbau de boca de Sergipe.



de boca. Trata-se de um instrumento cuja corda, feita de cipó-timbó, é dedilhada ou percutida com uma vareta ou uma faca, à medida que o tocador corre os lábios por ela para obter efeitos sonoros especiais.

“Jogo atlético, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual e origem folclórica genuinamente brasileira, surgido no Brasil-Colônia entre os escravos bantos procedentes de Angola e que, apesar de intensamente perseguidos

até as primeiras décadas do século XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva”. (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, A. B. Ferreira).

“A destreza, a valentia, a sagacidade e o golpe de vista eram cultivados na capoeiragem, que podia ser disputada com ou sem armas. Às vezes, os dois contendores estavam armados, às vezes, um estava e outro não. A base da luta era a negaça, o engano, o engodilhar, o amaranhar, a isca, o florear. Este visava desnortear o oponente, enganando-o, enleando-o, confundindo-o, embaraçando-o, logrando-o com trejeitos de corpo, de mãos, pés, ou de tudo isso conjugado, para atingi-lo imprevistamente”. (Mestre Bimba, *A crônica da capoeiragem*, Jair Moura). capoeiragem, Jair Moura).

Maculelê

O maculelê é um dos espetáculos afro-brasileiros de maior tensão dramática. Não há como não ver nele o embate que marcou a vida do Brasil escravista. Seus participantes desenvolvem essa dança em meio a movimentado balé que mais lembra uma luta marcial, percutindo simultaneamente com hábeis entrechoques de facões afiados o som que marca e estimula os dançarinos-lutadores. À medida que o folguedo evolui, os passos se tornam mais rápidos e o bater metálico dos facões se intensifica. A aparência inicial de uma dança ganha contornos mais definidos de um enfrentamento, envolvendo os espectadores no

frenesi do combate que parece caminhar a cada momento para algo mais sério. A eficiência dos dançarinos é expressa tanto na dinâmica coreografia quanto na precisão dos golpes desferidos pelos figurantes que simulam à perfeição um duelo de espadas.

No território, Tobias Barreto e Lagarto mantêm viva essa tradição de acentuado significado étnico. Merece destaque também o Maculelê de Japaratuba, no Leste Sergipano.

De golpes precisos e coreografia perfeita, o Maculelê tem suas raízes na dança dos negros africanos.



Festival da Mandioca e a Maniçoba

Evento que visa mostrar toda a riqueza do ciclo junino e dinamizar e resgatar a cultura do município de Lagarto, o Festival da Mandioca, que aconteceu pela primeira vez no ano de 2009, entre os dias 29 de maio e 24 de junho (dia de São João), conta com a apresentação de manifestações religiosas, shows, elementos da culinária local, novas técnicas de aproveitamento da mandioca, concurso de rainha da mandioca, casamento caipira, dentre outras atrações.

Espera-se que seja levada adiante e incorporada ao calendário cultural de Lagarto, cidade de forte produção cultural e agropecuária, com destaque, no aspecto econômico,



Derivados da mandioca e bebidas típicas dos festejos juninos.

para a bovinocultura e para o cultivo da mandioca, atividades que lidera em Sergipe.

A produção da mandioca é tão significativa para o município que permeia várias dimensões da vida social, a exemplo da culinária local, que se destaca e sublinha sua singularidade com a Maniçoba. Comida de origem indígena, a Maniçoba lagartense é composta por mocotó, charque, folhas da mandioca e exige paciência no processo de cozimento. Nas mãos de Dona Teté e Dona Regina (ambas falecidas) a Maniçoba se tornou prato generalizado no lugar, a ponto de algumas famílias terem na sua produção a garantia de grande parcela da sua renda.



Rainha do Festival de Mandioca de Lagarto.

Abaixo, prato típico dos municípios de Lagarto e Simão Dias, a maniçoba é feita com a folha da mandioca.



Lombo em Panela de Barro



Atividade povoadora do Centro Sul Sergipano, a pecuária tem forte influência sobre a culinária regional. Um dos pratos mais apreciados é o lombo feito na panela de barro de Tobias Barreto.

Atividade povoadora do Centro Sul Sergipano, a pecuária tem forte influência sobre a culinária regional. Logo cedo, no café da manhã, a carne, principalmente de origem bovina, acompanha cuscuz de milho, bolos de aipim e fubá.

No almoço, um dos pratos mais apreciados é o lombo feito na panela de barro. O lombo é recheado com toucinho de porco e temperado com vinagre, alho, cominho, pimentões,

tomates, cebolas, cebolinha, coentro, hortelã e pimenta do reino.

Em Tobias Barreto, a tradição recomenda que, depois de fervido, o lombo descanse por um dia. Na manhã seguinte, o lombo vai ao forno para terminar de cozinhar.

(Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).





As dunas do povoado Lagoa Redonda em Pirambu: um dos mais belos atrativos turísticos de Sergipe.

Leste Sergipano

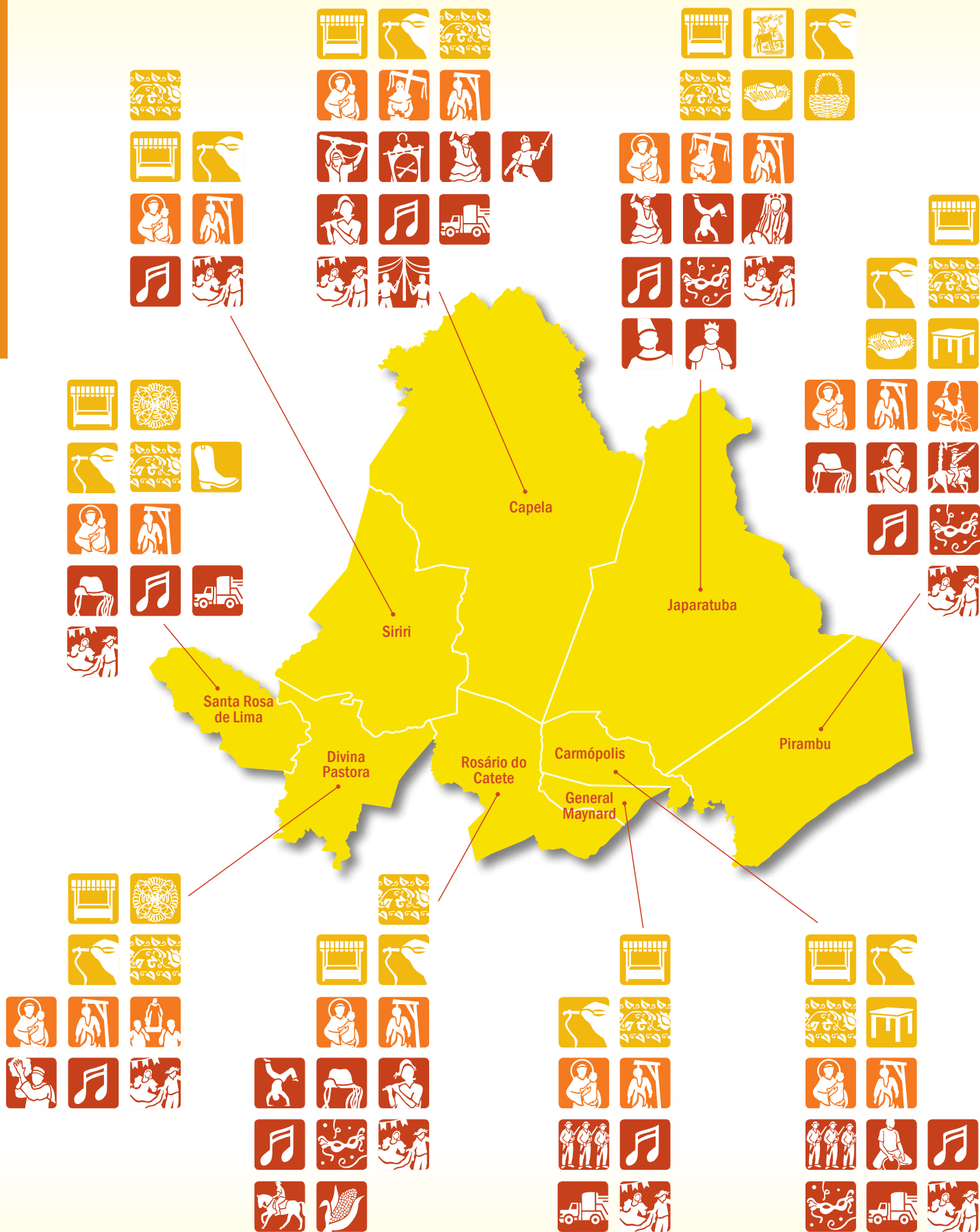


A vocação artesanal do território contrasta com grandes investimentos na área de açúcar e álcool e na exploração do petróleo e gás, e é, sem dúvida, o elemento local de identidade de maior visibilidade. Em Divina Pastora, destaca-se a Renda Irlandesa, hábil e lentamente tecida pela mão de obra feminina. Em Santa Rosa de Lima, o fabrico de selas de montaria. Em Japarutuba e Pirambu, o artesanato em palha e cipó.

O catálogo da cultura popular inclui, aqui, variadas manifestações juninas, como os Bacamarteiros e a Sarandagem; carnavalescas, em quase todos os municípios do território e folclóricas: Maculelê, Chegança, Guerreiros e Reisado.

Uma vertente instrumental do universo popular ganha um sopro de resistência com o Sr. Batistinha, em General Maynard. Único repentista vivo de um território que, por muitos anos, reuniu violeiros que projetaram em todo Nordeste essa moda artística, que caracterizava as feiras nordestinas nesse período.





Principais Manifestações

TRABALHO



Feira/Mercado



Poesia/Cordel/
Pregoeiros Populares



Renda Irlandesa



Crochê



Bordado (Pronto Cruz,
Ponto Cheio e Vagonite)



Artesanato em Palha/Cipó



Artesanato em Madeira



Artesanato em Jornal



Artesanato em Couro

RELIGIÃO



Santos Festejados



Penitentes



Queima de Judas



Peregrinações/Romarias

Culto a Santa Bárbara (Carmópolis)



Rezas e Benzimentos

FESTA / ENTRETENIMENTO



Bacamarteiros



Batalhão



Batalhão de Bacamarteiros



Sarandagem ou Sarandaia
(Cortejo da Baiana)



Samba de Aboio



Chegança



Capoeira (Puxada de Rede,
Dança Guerreira, Ritual do
Fogo e Maculelê)



Cacumbi



Guerreiro



Reisado



Pífanos



Corrida de Argola/Salto de Argola



Música (Filarmônicas e/ou
Grupos Musicais)



Carnaval



Micareta



Festa Junina



Cavalgada



Festa do Mastro



Festa do Catete



Festival da Mandioca



Encontro Cultural



Maracatu

Reisado

“O reisado ainda constitui um dos melhores divertimentos para os matutos sertanejos. O caboclo é a figura principal da “função”. Centraliza as atenções e a simpatia da assistência. O boi é feito com o cobertor de chitão estampado, preso a uma caveira de boi enfeitada de papel de seda. Dos chifres, pendem barulhentos guizos. Um homem forte, servindo-se dessa cobertura, dança curvado e apoiado numa forquilha que sustenta a caveira. Depois de alguns minutos de dança e investimentos no “caboclo” e na assistência, acontece o primeiro assalto dos bichos contra o “boi janeiro”, até que aparece a “besta-fera” que consegue abater o boi. O “caboclo” reza, sopra nas traseiras do boi para reanimá-lo, chora, lamenta

e, já desenganado, passa a fazer a esperada partilha, ao som da sanfona, cavaquinhos e pandeiros”. (Carvalho Deda, *Brefáias & Burundangas*).

“São 12 os componentes do reisado sergipano, a saber: Boi, Dona do Baile, Caboclo, Tocadores (sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro) e Figuras. Estas Figuras se dividem em 1) lado vermelho (Contra-Mestre, Cabocla, Cigana, Borboleta, Guriatá) e 2) lado verde (Camponesa, Lua Rouxinha, Aeroplano e Menina). Os Tocadores são do sexo masculino e as Figuras, do feminino, estas com indumentárias apropriadas que dão o nome de cada Figura. Em sete partes seguidas se desenvolve a ação: Serenata, Pedição de Sala, Bendito, Contra-dança, Figuras, O Boi e a Jaraguá e a Retirada. Nos intervalos,

as Figuras entregam ao público objetos que devem ser devolvidos com dinheiro”. (*Danças Populares de Aracaju*, Paulo de Carvalho Neto. Extraído e Adaptado por Maria Aurelina dos Santos).



Reisado de Marimbondo do mestre Sabau, grupo folclórico secular composto somente por integrantes da família.



Sarandagem ou Sarandaia

É uma brincadeira, uma manifestação popular cujo objetivo é celebrar a chegada do mês junho e marcar o início dos festejos juninos. Trata-se de um grupo de pessoas, homens e mulheres de todas as idades, animadamente percorrendo as ruas da cidade, tocando, cantando e dançando. Param em residências onde são convidados pelos donos da casa

para comemorar, comendo e bebendo. Por onde passa, o cortejo ganha novos adeptos. E assim, continua pelas ruas até o final da brincadeira.

No dia 1º de junho as ruas de Capela se enchem de gente para ver a baiana passar recolhendo os presentes que serão pendurados no mastro.







Presença certa nos festejos juninos, as danças e evoluções se fazem em torno ao estrondo do bacamarte.

Batalhão/Bacamarteiros

Dança popular de origem africana, com influência indígena, própria do ciclo junino. É resultante da necessidade de diversão das noites de São João, por parte dos escravos mantidos no cativeiro.

Eles se reuniam para festejar o Santo, brincando e atirando com os bacamartes, fabricados por eles próprios, réplicas das armas de guerra do período colonial. O instrumento bélico serviu para

denominar o grupo que se assemelha a um batalhão de guerra.

A orientação do cortejo é determinada pelo “Sargento” (mestre da iniciativa), que, ao som do apito e gestuais, indica-lhe a direção a seguir. Chegando ao local da apresentação, o Batalhão se dispersa, enquanto realizam algumas coreografias. Na sequência, o grupo se divide: os homens vão ao lugar escolhido para a realização dos disparos. As

mulheres permanecem no local da apresentação, cantando e dançando as rodas juninas.

Em Sergipe, essa manifestação surgiu por volta do século XVIII e ocupa lugar de destaque na atualidade, permanecendo mais viva e mais atraente.

Os instrumentos musicais utilizados são pandeiros, ganzás, reco-recos, cuícas e caixas de profusão.

Na confecção dos instrumentos utilizam a madeira do genipapeiro (árvore frutífera da região), couro de animais e sementes.

Na fabricação da pólvora são utilizados o carvão feito da umbaúba, cachaça para borrficar e o enxofre. Em ritual festivo, a pólvora é preparada em grandes pilões, enquanto os participantes do grupo cantam e dançam em clima de muita união e alegria. (Maria Aurelina dos Santos).





Festa do Mastro

Encerrando o ciclo das festas juninas, o São Pedro de Capela vem ganhando prestígio a cada ano. O apreço do sergipano ao forró explica essa espichada que, no Estado, ocorre praticamente durante todo o mês de junho. O complexo festivo-econômico gera milhares de empregos, abre oportunidades de negócios para a hotelaria, a música, o comércio e os serviços, ao tempo que entretém filhos da terra e visitantes que, nos dias finais do mês, acorrem a Capela para fecharem esse ciclo ao som da música regional nordestina.

Acima, caminho percorrido pelos brincantes embalados pela música do pífano, lama e cachaça.

Ao lado, na Praça Anderson de Melo, o mastro é erguido cheio de presentes e cachaças amarrados em seus galhos, esperando o corajoso que conseguirá subir até o topo.

Samba de Aboio

O Samba de Aboio se iniciou em 13 de maio de 1888, com a libertação dos escravos. Manifestação passada de geração em geração, ocorre no Sábado de Aleluia e no domingo da Ressurreição, no povoado Aguada, município de Carmópolis. Participam do grupo, homens, mulheres e crianças, cerca de 35 pessoas. Homenageia princesa Isabel, que deu a liberdade aos escravos, e Santa Bárbara, Iansã.

A Santa Bárbara (um orixá em forma de pedra, segundo a religião Nagô), foi encontrada à margem de uma fonte por “Tamashalim Ecuobanker”, que, por ser adepta da religião Nagô e ter muitos conhecimentos, reconheceu-a. Durante o ritual a Santa é passada de mão em mão,

enquanto são feitos os banhos (com dendê, mel e ervas) e as orações. A partir daí o povo começa a adorar e a fazer suas preces. A fonte em que a pedra foi encontrada existe até hoje no povoado Aguada.

A indumentária das adeptas da religião é composta por chapéu, calçado, calça e blusa brancos, à exceção do lenço vermelho colocado no pescoço. Tudo em homenagem à Santa Bárbara. Usam tambores feitos de oco de pau e encourados com pele de boi. Os tocadores ficam sentados sobre os tambores. Os outros tocam ganzás, pandeiros e a onça.

No Samba de Aboio, em roda, os participantes dão batidas nas cochas e esperam alguém se aproximar. Mas,



Ritual de banho da Santa Bárbara em azeite de dendê no sábado de Aleluia.

no encanto da dança há toda uma sedução no ritmo. A outra pessoa é surpreendida por uma rasteira. Os integrantes, geralmente, caem muito e por isso, no dia seguinte, estão com o corpo dolorido. (Entrevista com José Francisco Mota de Assis).



Renda Irlandesa

Sergipe guarda em seu acervo cultural verdadeiras relíquias. A arte de tecer a renda irlandesa, em Divina Pastora, pode se considerada uma delas. As tecelãs das tintas, laces e riscos elaboram com precisão, graciosidade e delicadeza, peças de alto luxo e beleza que levaram essa belíssima produção artesanal a ser registrada como Patrimônio Cultural do Brasil. A paciência, a perseverança, a determinação das artesãs e a variedade de peças são traduzidas na garantia de um mercado muito exigente. Nessa trajetória, a renda ganhou asas através das mãos simples de quem a faz, sendo exportada para países como Estados Unidos, levando Sergipe a ser considerado pioneiro e único nessa arte.

Chamam a atenção o acabamento requintado, a beleza ímpar e a produção exclusivamente manufaturada, requisitos indispensáveis para quem sabe unir a tradição ao bom gosto. Essa prática artesanal conserva entre os sergipanos a herança dos tempos medievais. Trazida para cá por missionários, contribui ainda hoje para a geração de renda para as famílias. (Maria Aurelina dos Santos)

Técnica dos tempos medievais foi trazida para Sergipe por missionárias e hoje constitui uma tradição cultural tombada como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.







Em meio a sua loucura, Arthur Bispo produziu com sucata e lixo verdadeiras obras primas da arte moderna.

Abaixo, a coroação do rei e rainha do Cacumbi abre a programação do festival.

Festival de Arte Arthur Bispo do Rosário

Natural de Japaratuba, Artur Bispo do Rosário foi marinheiro e viveu na cidade do Rio de Janeiro. Ainda na Marinha, começou a despertar alucinações anunciando ser o enviado de Deus, encarregado de julgar aos vivos e aos mortos. Detido, foi conduzido ao hospício Pedro II e transferido para a Colônia Juliano Moreira com o diagnóstico de esquizofrenia paranóica, onde residiu até a sua morte.

Internado, Artur Bispo do Rosário passou a produzir objetos com diversos tipos de materiais oriundos do lixo, que após a sua descoberta foram classificados como arte vanguardista. Sua obra mais conhecida é o Manto da

Apresentação, que Artur Bispo deveria vestir no dia do juízo final.

Artista reconhecido internacionalmente, Japaratuba homenageia seu filho dando o título ao seu Festival de Artes que é realizado há 12 anos, no intuito de possibilitar espaço para que os grupos folclóricos e artísticos de Sergipe apresentem os seus trabalhos. O Festival de Artes Arthur Bispo do Rosário inicia com a coroação do rei e da rainha do Cacumbi, e durante uma semana há apresentações de diversos grupos folclóricos em praça pública, além da realização de concursos literários e exposições de artes em museus e casarios da cidade.





Robalo ao Molho de Camarão

“A pesca marítima, a coleta de mariscos e crustáceos nos estuários e manguezais, o cultivo do coco da baía e os frutos encontrados nas restingas são as principais fontes dos ingredientes da cozinha do Leste Sergipano.

No Rio Japaratuba, ainda é possível observar muitas famílias tirando o seu sustento da pesca do camarão de água doce, encontrado nas várzeas e capturado através da pesca artesanal com o uso do covo, uma armadilha em forma tubular feita de tiras de bambu amarradas com cipó”. Guia

Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010, p.31

Os camarões, depois de limpos, são utilizados na produção de um dos mais saborosos pratos da culinária regional, a moqueca de robalo ao molho de camarão servido em travessas de madeira fabricadas pelos artesãos locais. Geralmente acompanhada de arroz branco e pirão feito a partir do caldo do peixe, a moqueca de robalo é uma das maravilhas gastronômicas do Leste Sergipano. (Seplan, Guia Gastronômico dos Territórios Sergipanos, 2010).



Uma das maravilhas gastronômicas do Leste Sergipano, é a moqueca de robalo ao molho de camarão servido em travessas de madeira fabricadas pelos artesãos locais.

Calendário das Festas de Padroeiros de Sergipe

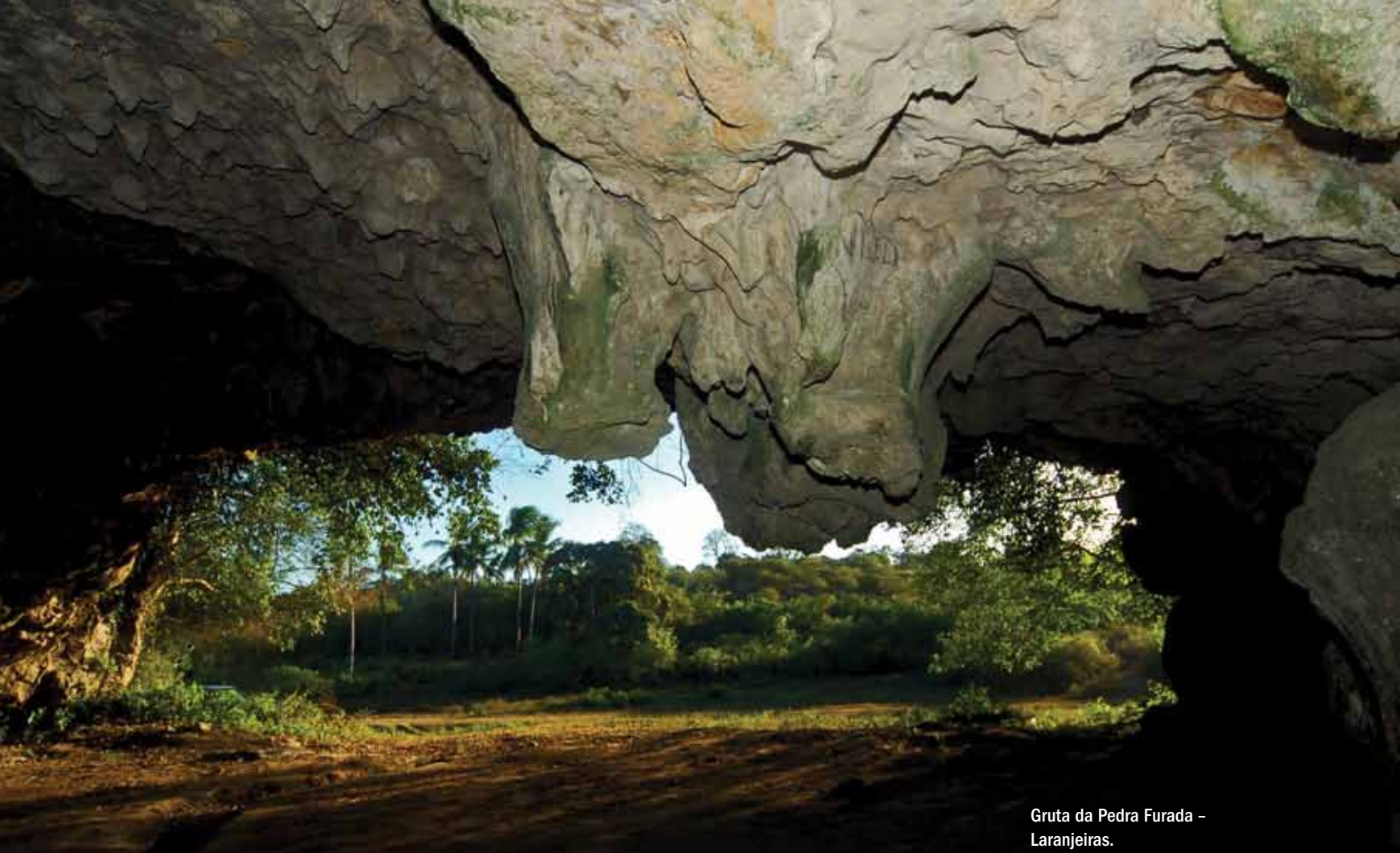
	Padroeiro	Município(s)	Data
Janeiro	Senhor dos Passos	Maruim	1
	Senhor das Misericórdias	Muribeca	1
	Senhor do Bonfim	Salgado	1º domingo
	Santo Amaro	Santo Amaro das Brotas	15
	Bom Jesus dos Aflitos	Gararu	4º domingo
	São Sebastião	Poço Verde	20
Fevereiro	Nossa Senhora da Guia	Umbaúba	2
	Nossa Senhora de Lourdes	Pirambu / Nossa Senhora de Lourdes / Pedra Mole	11
	Bom Jesus dos Pobres	Canhoba	17
	Nossa Senhora Purificação	Capela	2
	Nossa Senhora do Amparo	Amparo do São Francisco	1º domingo
	Nossa Senhora D'Ajuda	Itaporanga D'Ajuda	2
	Nossa Senhora do Socorro	Nossa Senhora do Socorro	2
Março	São José	Malhador / Pedrinhas / Pinhão	19
Maio	Nossa Senhora Piedade	Graccho Cardoso	4º domingo
	Divino Espírito Santo	Indiaroba	3º domingo
Junho	Santo Antônio	Ilha das Flores / Itabaiana / Malhada dos Bois / Neópolis / Propriá	13
	São João Batista	Areira Branca / Cedro de São João / General Maynard	24
	São Paulo	Frei Paulo	4º domingo
	Sagrado Coração de Jesus	Laranjeiras	8
		Monte Alegre de Sergipe	4
Julho	Nossa Senhora Santana	Simão Dias / Boquim / Aquidabã / Santana do São Francisco	26
	Nossa Senhora do Carmo	Carmópolis	16

O quadro acima apresenta as Festas de Padroeiros dos municípios sergipanos e a data em que acontecem. A pesquisa não registrou a ocorrência da festa do padroeiro no mês de abril, em nenhum município de Sergipe, embora comemorações a outros santos possam acontecer nesse mês.

“As festas dos padroeiros são indicadas, pela maioria dos entrevistados, como manifestações que mobilizam os municípios. Durante todo o ano os padroeiros são festejados com novenas e procissões, com destaque para o mês de dezembro, quando, em 9 municípios, as pessoas festejam Nossa Senhora da Conceição como padroeira”¹.

¹ NEVES, Paulo S. da C. & VARGAS, Maria A. M.. Levantamento Cultural dos Territórios Sergipanos. Aracaju, 2009. Extraído e adaptado.

	Padroeiro	Município(s)	Data
Agosto	Nossa Senhora da Boa Hora	Campo do Brito	15
	São Roque	Campo do Brito	16
	Nossa Senhora Imperatriz dos Campos	Tobias Barreto	15
	Nossa Senhora da Glória	Nossa Senhora da Glória	15
	São Domingos	São Domingos	1º domingo
	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Telha	2º domingo
	Santa Rosa de Lima	Santa Rosa de Lima	30
	Nossa Senhora da Piedade	Lagarto	8
Setembro	Nossa Senhora das Dores	Nossa Senhora das Dores	15
	Nossa Senhora da Vitória	São Cristóvão	8
	São Miguel	São Miguel do Aleixo	29
	Nossa Senhora do Socorro	Tomar do Geru	8
Outubro	São Francisco	Cristinápolis / Macambira / São Francisco	4
	Santa Terezinha	Moita Bonita	3
	Nossa Senhora Aparecida	Nossa Senhora Aparecida	12
	Sagrado Coração de Jesus	Ribeirópolis	4º domingo
	Nossa Senhora do Rosário	Rosário do Catete	7
Novembro	Nossa Senhora Divina Pastora	Divina Pastora	2º domingo
	Sagrado Coração de Jesus	Carira	4º domingo
	Nossa Senhora das Graças	Feira Nova	27
	São Félix de Cantalício	Pacatuba	20
	Nossa Senhora do Amparo	Riachão do Dantas	4º domingo
Dezembro	Nossa Senhora do Desterro	Japoatã	4º domingo
	Nossa Senhora da Conceição	Poço Redondo / Porto da Folha / Riachuelo / Aracaju / Arauá / Brejo Grande / Canindé do São Francisco / Itabaianinha / Itabi	8
	Nossa Senhora da Saúde	Japaratuba	8
	Santa Luzia	Santa Luzia do Itanhi / Barra dos Coqueiros	13
	Sagrada Família	Siriri	4º domingo
	São João Apóstolo e Evangelista	Cumbe	27
	Nossa Senhora de Guadalupe	Estância	12



Gruta da Pedra Furada –
Laranjeiras.

Referências Bibliográficas

ACS- Associação Comercial de Sergipe. **Uma Instituição Centenária (1872-1993):** Fatores de sua História e Participação na Vida Empresarial Sergipana. Aracaju: 1996.

ALENCAR, Aglaé D'Avila Fontes de. **Danças e Folguedos:** Iniciação ao Folclore Sergipano. Estado de Sergipe. Secretaria de Estado da Educação do Desporto e do Lazer. Aracaju: 1998. 320p.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe:** Fundamentos de uma Economia Dependente. Petrópolis: Vozes, 1984. 276p.

ALVES, Francisco José; SAINT-ADOLPHE, J. C. R. de Milliet. **Dicionário da Província de Sergipe.** São Cristóvão: UFS, 2001; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. 2001. 124p.

ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **História de Sergipe.** Aracaju: Regina LTDA, 1970.

BARRETO, Luiz Antônio. **Cultura:** Um roteiro de Alusões. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994. 334p.

BARRETO, Luiz Antônio. **Pequeno Dicionário Prático de Nomes e Denominações de Aracaju.** Aracaju: 2002.

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas:** Centro Histórico de Aracaju- 1900-1940. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992. 88 p.

BARRETO, Tobias (org.). **Estudos de Filosofia.** 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1990; Brasília: INL, 1990.

BARROS, Sandra dos Santos. **“Em tempo de folia ...”:** Rua de São João, tradição e mudanças na década de 1990. Monografia (Licenciatura em História) Centro de Educação e Ciências Humanas. São Cristóvão: UFS, 1997.

BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas:** contribuição ao seu estudo. 1º reedição. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984. 189p. (Estudos Sergipanos VI).

- BEZERRA, Felte. **Investigações Histórico Geográficas de Sergipe**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.
- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju. 3. ed. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e do Turismo, 2002.
- CARDOSO, Amâncio. **Lagarto Barroca**: a procissão de São Benedito, Sergipe séc. XIX.
- CARVALHO, Fernando Lins de. **A Pré-História Sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003. 159p.
- CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore Sergipano**: primeira sistemática e primeira antologia (1883 a 1960). Sergipe: FUNDESC, 1994. 156p
- CASTANEDA, Marcos Vinícius N. G. **Conjuntura da Economia Sergipana 2009**. Superintendente de Pesquisa. Secretaria de Estado do Planejamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Aracaju.
- CEPLAN- Consultoria Econômica e Planejamento. **Desempenho, Perspectivas Econômicas e Evolução dos Indicadores Sociais 1970-2004**. Recife: CEPLAN, 2005.
- CEPLAN- Consultoria Econômica e Planejamento. **Estimativa do Produto Interno Bruto Trimestral do Estado de Sergipe para o ano de 2008**. Aracaju: CEPLAN, 2009.
- CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo & ANJOS, Marcos Vinícios Melo dos. **História de Sergipe**: Para Vestibulares e Outros concursos. Aracaju: Infographic's, 2003.
- CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo, NEVES, Maurício da Conceição & ANJOS, Marcos Vinícios dos. **Sergipe**: Sociedade e Cultura. Aracaju: Infographic's, 2007.
- CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. **Aracaju: pra onde você vai?**. Aracaju: Edição do Autor, 2004. 510p.
- CRUZ, Ivonete Alves da. **Tecendo a História na Luta**: Industriais e Tecelões em Sergipe(1930-1935). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1997.
- CRUZ, José Vieira. **Caderno do Estudante**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1999.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **Coronelismo e dominação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, PROEX/CE-CAC/ Programa Editorial, 110 p.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **A tutela militar em Sergipe, 1964/1984**: partidos e eleições num estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **A Revolução de 1930 em Sergipe**: dos tenentes aos coronéis. São Paulo: Cortez, 1983; São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1983.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **Os Partidos Políticos em Sergipe**: 1889-1964. Rio de Janeiro. ed. Tempo Brasileiro, 1989. 341p.
- DANTAS, Orlando Vieira. **O problema açucareiro de Sergipe**. Aracaju: Biblioteca Pública do Estado de Sergipe, 1994.
- DÉDA, José Carvalho. **História- Simão Dias – Fragmentos de sua História**. 2. Ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.
- DINIZ, Diana Maria de Faro Leal et al. **Textos para a História de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; BANESE,1991.
- DINIZ, José Alexandre Felizola. **A Condição Camponesa**. São Cristóvão: NPGE-UFS, 1996.
- DORIA, Epifanio da Fonseca. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe(1930-1940)**. Imprensa Oficial. Aracaju, 1942. V. XI.
- FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira; HANSEN: Dean Lee; BARRETO Jr., Edison Rodrigues (orgs). **Cenário de desenvolvimento local**: estudos exploratórios. Aracaju: Secretária Municipal de Planejamento, 2003. 216p.
- FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira, Dean Lee Hansen e Edison Rodrigues Barreto Jr (orgs). **Cenários de desenvolvimento local**: estudos das cadeias produtivas de Aracaju. Aracaju: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003.284 p.
- FALCÓN, Maria Lúcia de Oliveira. **Relatório de Atividades 2008**. Aracaju: SEPLAN - Secretaria de Estado do Planejamento, 2008.
- FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil Republicano, sociedade e política (1930-1964). DIFEL/ Difusão Editorial S.A. V. III.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O Negro e a Violência do Branco**: o negro em Sergipe. Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1977. 120p.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe** (Do Golpe de 15-11-1889 ao Golpe de 31-03-1964) 1975. Aracaju, 1986. V.1.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**, 1975-1982. Aracaju, 2000. V.6.

FIGUEIREDO, Jacintho. **Motivos de Aracaju**. 3. Ed., rev., ampl. e Def.

FONTES, Nilton de Araújo; BRAVO, Maria Auxiliadora Fonseca; MOREIRA, José de Alencar Nunes. **Apogeu, Crise e Decadência da Cultura Algodoeira em Sergipe**. Brasília: EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária); Departamento de Informação e Documentação, 1980.

FRANCO, Emmanuel. **A Colonização da Capitania de Sergipe D'El-Rei**. Aracaju: J. Andrade, 1999.

FREIRE, Felisbello. **História Territorial do Brasil**. Rio de Janeiro, 1906. v.1.

FREIRE, Felisbello. **História Territorial de Sergipe (1858-1916)**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe. Secretaria de Estado da Cultura FUNDEPAH, 1995. 118p.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977. 416p.

FREITAS, Edgard. **Economia de Sergipe: Análise e Proposta**. Aracaju: FANESE, 2006.

FREITAS, Itamar. **Historiografia Sergipana**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2007. 310p.

FONTES, Amando. **Rua do Siriri**. Grupo Ediouro TECNOPRINT S.A.

GIGEC-Gerência de Informações Geográficas e Cartográfica/SUPES-Superintendência de Estudos e Pesquisas/SEPLAN-Secretaria de Estado do Planejamento. **Base Cartográfica: Atlas Digital Sobre Recursos Hídricos de Sergipe**. Sergipe, 2004.

GIGEC-Gerência de Informações Geográficas e Cartográfica/SUPES-Superintendência de Estudos e Pesquisas/SEPLAN-Secretaria de Estado do Planejamento. (Alto Sertão Sergipano, Médio Sertão Sergipano, Sul Sergipano, Centro Sul Sergipano, Leste Sergipano, Agreste Central Sergipano, Baixo São Francisco Sergipano e Grande Aracaju). **Estado de Sergipe: Uma proposta de territorialização para o planejamento**. Sergipe: SEPLAN, 2007.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; SOUZA, Josefa Eliana; CERQUEIRA FILHO, Manoel Luiz. **Sociedade e Cultura e Cultura Sergipana: parâmetros curriculares e textos**. Aracaju: Secretaria de estado de Educação e do Desporto e Lazer. 2002. 148p

GUARANÁ, Arminio. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. **Aracaju e seus monumentos: Sesquicentenário da Capital 1855-2005**. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo Ltda, 2005. 52 p.

INSTITUTO EUVALDO LODI. **Memória Histórica da Indústria Sergipana**. Rio de Janeiro: Universidade Federal de Sergipe- IEL/SENAI-DN, Divisão de Pesquisa, Estudos e Avaliação, 1986. 132p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005**.

LEITE, Maria Lúcia de Carvalho (coord.). **Abaças e Centros de Umbanda**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju; Diretoria de Patrimônio Cultural; Divisão de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, 1991. Aracaju, 1991

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana**. Aracaju, 1971. V.1.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana**. Aracaju: FUNDESC, 1986. V.2.

LIMA, José Fernandes de; NASCIMENTO, Afonso (orgs.). **Fórum Pensar Sergipe: políticas setoriais**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2000. 545p.

LIMA, José Fernandes de; NASCIMENTO, Afonso (orgs.). **Pensar Sergipe**. São Cristóvão: UFS, 1999. 281p.

MELINS, Murillo. **Aracaju Romântico que vi e vivi**. 3. ed. Aracaju: Unit, 2007. 380p.

MELO, Ricardo Lacerda de. **Estado de Sergipe: Uma Proposta de Territorialização para o Planejamento: Condições Econômicas dos Territórios Sergipanos**. 2007.

MELO, Ricardo Lacerda de; HANSEN, Dean Lee (orgs.). **Desenvolvimento Regional e Local. Novas e Velhas questões**. Aracaju. FAPESE. Editora UFS.

MELO, Ricardo Lacerda de; ROCHA, Rodrigo. **Sergipe Econômico**. Aracaju: Sistema FIES- Universidade Federal de Sergipe, 2009.

- MENDES JÚNIOR, Biágio de Oliveira. **Perfil Econômico de Sergipe**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. 74p.
- MOREIRA, Paulo Romano e CABUSSU, Alfredo Muijlaert. **Estudos de Variabilidades para Organização do Porto de Aracaju**. Aracaju: Ministério dos Transportes, Departamento Nacional de Portos e vias Navegáveis. 5ª Diretoria Regional.
- MORENO, Garcia. **Aspectos do Maconhismo em Sergipe**. Sergipe: Departamento de Saúde Pública de Sergipe, 1946.
- MORENO, Garcia. **Cajueiros dos Papagaios: crônicas e outros escritos**. Aracaju, 1959.223p.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A Inquisição em Sergipe: do século XVI ao XIX**. Aracaju: Sercore Artes Gráficas, 1989.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade**. Aracaju: Fundesc, 1986.
- NASCIMENTO, Antônio José. **A Economia Sergipana e a Integração do Mercado Nacional (1930-1980)**. Campinas, 1994.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho; BARRETO, Luiz Antônio. **Cultura Discursos Acadêmicos**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 2000. 36p.
- NASCIMENTO, Luzia Maria da Costa. **Os três Santos Juninos**. Aracaju: Academia Sergipana de Letras, 2005. 262p.
- NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984. (Coleção Educação e Comunicação; v.13).
- NUNES, Maria Thétis. **Sergipe Colonial I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- NUNES, Maria Thétis. **Sergipe Colonial II**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- NUNES, Maria Thétis. **História de Sergipe a partir de 1820**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial I: 1820-1840**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 394p.
- NUNES, Maria Thétis. **Sergipe Provincial II: 1840-1889**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Banco de Sergipe 2006. V.2.
- PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **História Econômica de Sergipe (1850-1930)**. São Cristóvão: UFS, 1987.
- PINA, Maria Lígia Madureira. **A Mulher na História**.
- PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns Nomes Antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade LTDA., 2003. 205p.
- Revista Observatório Itaú Cultural, número 2. São Paulo, 2007.
- RIBEIRO, João. **O Elemento Negro**. Record, 1939.
- ROMÃO, Frederico Lisbôa. **Na trama da história: O movimento operário de Sergipe- 1871 a 1935**. Aracaju, 2000. 192 p.. 33 ilust.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo e BRASIL, Vanessa Maria (orgs.). **Rio Sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco**. Aracaju: FAPese, 2005. 260p.
- SANTOS, Adelci Figueiredo e ANDRADE, José Augusto. **Geografia de Sergipe**. Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura; São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1986. 142p.
- SANTOS, Ana Maria dos. **Indústria e Agricultura de Cítricos no Brasil: O caso de Sergipe- 1960-1989**. Aracaju: Fundação Augusto Franco; Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, 1990.
- SANTOS, Maria Nely. **Aracaju: Um Olhar Sobre sua Evolução**. Aracaju: Triunfo, 2008. 80p.
- SANTOS, Maria Nely. **A Sociedade Libertadora: “Cabana do Pai Thomaz”**, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1997. 182p.
- SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida e VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Apropriação na Construção do Urbano na Cidade de Aracaju**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007.
- SEBRAE. **Economia da Praia**. Espaços de Lazer e Negócios. Aracaju.
- SEBRÃO, Sobrinho. **Fragmentos da História de Sergipe**. Aracaju, 1972.

SEC – Secretaria de Educação e Cultura. **Sergipe Pré-Colonial e Colonial**. Sergipe: Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico, 1973.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Jan. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Fev. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Abr. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Mai. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Jun. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Jul. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Ago. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Set. 2008.

SECULT – Secretária de Estado da Cultura. Agenda Cultural. Out. 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Alto Sertão Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Médio Sertão Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Sul Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Centro Sul Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Leste Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Agreste Central Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Baixo São Francisco Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Boletim do Território Grande Aracaju:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Desenvolver e Incluir; Planejamento Estratégico 2007-2010**. Aracaju, 2007.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Desenvolver-se:** Plano de Desenvolvimento de Sergipe, desenvolvimento em cada território. Sergipe.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Desenvolvimento com Inclusão pelo Direito e pela Renda. Plano Plurianual 2008-2011**. Aracaju, 2007.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Diretrizes de Política Econômica e Social para Sergipe**. Aracaju, 1989

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Planejamento Participativo de Sergipe**. Aracaju, 2007.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Alto Sertão Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Médio Sertão Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Sul Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Centro Sul Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Leste Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Agreste Central Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Baixo São Francisco Sergipano:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento. **Plano de Desenvolvimento do Território Grande Aracaju:** Planejamento Participativo de Sergipe. Aracaju, 2008.

- SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e SEIC- Secretaria de Estado da Indústria, Comércio, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. **Diagnóstico do setor Industrial Sergipano**. Aracaju. Órgão Convenientes: CODISE, SEBRAE, FIES/IEL.
- SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e SUPES- Superintendência de Estudos e Pesquisas. **Produto Interno Bruto dos Municípios Sergipanos(1999-2002)**. Aracaju: 2005. Anual. V.1.
- SEPLAN – Secretaria de Estado do Planejamento e SUPES- Superintendência de Estudos e Pesquisas. **Sergipe em Dados 2008**. Aracaju: V.9. 112p.
- SEPLANTEC – Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia e SUPES- Superintendência de Estudos e Pesquisas. **Evolução do Produto Interno Bruto de Sergipe 1985-1998**. Aracaju.
- SERGIPE, Secretaria Municipal de Planejamento. Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais-PEMAS. **Programa Municipal de Habitação “Moradia-Cidadã”**. Aracaju, 2001.
- SERGIPE; SECMA; FUNDESC. **São João é Coisa Nossa**. coord. Aglaé D’ Ávila Fontes de Alencar, org. Selma Silveira Barreto. Aracaju: J. Andrade, 1990. 247 p. ilustr. (série memória v. II) .
- SERGIPE. SEC. FUNDESC. **São João dormiu, São Pedro acordou/** Fontes de Alencar, Aglaé D’ Ávila/ Coord. Aracaju, Sergipe, SEC. FUNDESC, J. Andrade, 1994. 160 p. ilustr. (Série Memória Volume III). 1. Festejo Junino-Sergipe. 2. Folclore- Sergipe I. Série IV.
- SERGIPE; SECTUR. **Nosso Roteiro Especial: São João**. Aracaju.
- SERGIPE; SECTUR. **São João em Sergipe: uma agenda para o Brasil**. Aracaju.
- SILVA, Carlos Alberto da. **A Dinâmica do Setor Secundário na Economia de Sergipe: 1980-2000** Projeto de pesquisa. Aracaju: Secretaria do Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC.
- SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe: 1820-1920**. São Paulo, 1920.
- SILVA, Clodomir. **Minha Mente: Costumes de Sergipe**. 3 ed. Aracaju: J. Andrade, 2003. 116p.
- SILVA, José Calazans Brandão da. **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: Governo de Sergipe; FUNDESC, 1992.
- SILVA, Nilton Pedro da; HANSEN, Dean Lee(orgs.). **Economia Regional e Outros Ensaio**. Aracaju: Editora UFS, 2001. 346p.
- SILVA, Tânia Elias Magno de; LOPES, Eliano Sérgio Azevedo (orgs). **Múltiplos olhares sobre o Semi-Árido nordestino: sociedade, desenvolvimento, políticas públicas**. Aracaju: Fundação de Amparo à Pesquisa de Sergipe, 2003. 330p.
- SOUZA, Marcos Antônio de. **Memória Sobre a Capitania de Sergipe-1808**. Aracaju, 2005.
- SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1985.
- TURISMO E LAZER em revista. É São João, Começa a restauração do pelorinho, no Centro Histórico de Salvador. Ano VII- nº 73.
- TURISMO E LAZER em revista. São João, Sergipe se Transforma num imenso arraial. Ano IV nº 45.
- VALE, Aldemir do; ARAUJO, Tânia Bacelar de. **A Economia de Sergipe no Contexto da Crise**. Aracaju: CEPLAN (Consultoria Econômica e Planejamento), 2009.
- VASCONCELOS, Maria da Conceição Almeida. **Ação Política: Sindical dos Petroleiros SE/AL**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 1999.
- WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe: 1575 – 1930**. Rio de Janeiro – Guanabara: Pongetti, 1973.



Igreja de Nossa Senhora da
Comandaroba - Laranjeiras.

Sergipe

Cultura e Diversidade

Carlos Roberto da Silva
Eloísa da Silva Galdino
Jorge Santana de Oliveira
Maria Lúcia de Oliveira Falcón
Coordenadores do Projeto Identidade, Cultura e Desenvolvimento dos Territórios Sergipanos

Ana Cristina de C. Prado Dias
Carlos Hermínio de Aguiar Oliveira
Gleideneides Teles dos Santos
Maria Lúcia de Oliveira Falcón
Coordenadores do Planejamento Participativo de Sergipe

Marcel Di Angelis Souza Sandes
Gerente Executivo do Projeto Identidade, Cultura e Desenvolvimento dos Territórios Sergipanos

REVISÃO CRÍTICA

Joab Almeida Silva
Thais Barbosa Figueiredo
Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, da Ciência e Tecnologia e do Turismo

Laura Sampaio de Sá Oliveira
Fernanda dos Santos Lopes Cruz
Marcel Di Angelis Souza Sandes
Secretaria de Estado do Planejamento, Habitação e do Desenvolvimento Urbano

Marcelo Rangel Lima
Secretaria de Estado da Cultura

CONSULTORES INTERNOS

Antonio Alves do Amaral
Maria Aurelina dos Santos
Secretaria de Estado da Cultura

CONSULTORES EXTERNOS

Antônio Risério Leite Filho
Eduardo Henrique Saphira Andrade
Maria Augusta Mundim Vargas
Paulo Sérgio da Costa Neves

EQUIPE TÉCNICA DA SEPLAN NO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Alan Juliano da Rocha Santos
Amanda Heloísa Melo de Santana
Cláudia Regina Santos Costa
Eduardo Almeida
Emanuelle Teles Aguiar
Fernanda dos Santos Lopes Cruz
Flávia Dantas Moreira
Igor Ramos dos Anjos
Laura Sampaio de Sá Oliveira
Márcio dos Reis Santos
Maria Auxiliadora Alves da Silva
Mônica Souza da Costa
Rodrigo da Silva Menezes
Rosane de Aguiar Chagas Santos
Tiago Brito Ferreira
Walter Uchoa Dias Júnior

EQUIPE DA UFS

Maria Augusta Mundim Vargas
(coordenação)
Paulo Sergio da Costa Neves

REVISÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DE CAMPO

Luciano Ricardo de Santana Souza
Mestre em Geografia
Maryane Meneses Silveira
Mestre em Geografia
Ronilse Pereira de Aquino Torres
Especialista
Rodrigo Santos de Lima
Mestrando em Geografia
Trícia Cavalcanti Pergentino Sant'anna
Mestre em Agroecossistemas

PESQUISA DE CAMPO

Adalgisa Viana Dorea
Mestranda em Ciências Sociais
Daniela Moura Bezerra
Mestranda em Ciências Sociais
Dayse Maria Souza
Mestranda em Geografia
Elaine Ferreira Lima
Mestre em Ciências Sociais
Emerson Alves Ribeiro
Mestrando em Geografia
Ewerthon Clauber de Jesus Vieira
Mestrando em Ciências Sociais

Franklyn Timoteo S. do Espírito Santo
Mestrando em Ciências Sociais
Gleyse Santana
Mestranda em Ciências Sociais
Joacenira H. R. de Oliveira
Mestranda em Ciências Sociais
Julio Cesar Rocha Silva
Mestrando em Ciências Sociais
Maryane Meneses Silveira
Mestre em Geografia
Núbia Oliveira Almeida
Mestranda em Geografia
Priscila Santos Silva
Mestranda em Ciências Sociais
Renata Sibéria de Oliveira
Mestranda em Geografia
Rosane Guedes da Silva
Mestranda em Ciências Sociais
Vitor Costa Oliveira
Mestrando em Ciências Sociais
Williams Souza Silva
Mestrando em Ciências Sociais

ACERVO FOTOGRÁFICO E OUTROS ARQUIVOS DOCUMENTAIS

Acervos Particulares
Arquivo Público de Aracaju
Biblioteca Pública Epifânio Dória
Empresa Sergipana de Turismo
Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Instituto Tobias Barreto
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
Secretaria de Estado da Comunicação Social
Secretaria de Estado da Cultura
Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Universidade Federal de Sergipe

EDIÇÃO

Solisluna Design Editora
Enéas Guerra
Valéria Pergentino

Projeto Gráfico e Design
Valeria Pergentino
Elaine Quirelli

Créditos das fotos

Autor não Identificado – Direitos Retidos

Páginas: 144 (Foto C), 148 (Foto C),
156 (Fotos A e B) e 189

Acervo da Casa de Cultura de Estância
Páginas: 142, 143 (Foto A), 144 (Foto B)

Acervo da COHIDRO
Página: 102 (Foto C)

Acervo da EMDAGRO
Página: 100 (Foto A) e 101

Acervo da EMSETUR
Páginas: 21 (Foto B), 80 (Foto B), 82,
114, 130 (Foto B)

**Acervo da Prefeitura Municipal
de Aracaju**
Páginas: 90, 91 (Foto A), 96 Foto (B),
131 (Fotos B e C), 161 (Foto A)

**Acervo da Secretaria da Cultura
de Capela**
Página: 183 (Foto A), 185 (Foto B),
186 (Foto B)

**Acervo da Secretaria da Cultura
de Cedro de São João**
Página: 134 (Foto B)

**Acervo da Secretaria da Cultura e
Turismo de Canindé do São Francisco**
Página: 102 (Fotos A e D)

**Acervo da Secretaria de Ação Social
de Moita Bonita**
Página: 157 (Foto A e B)

**Acervo da Secretaria de Estado
da Educação**
Página: 50 (Foto F)

Autor Identificado

A.Vilela / EMSETUR
Página: 79 (Foto A)

Alejandro Zambrana / EMSETUR
Páginas: 28 (Foto A) e 70

**Alejandro Zambrana / Prefeitura
Municipal de Aracaju**
Página: 76 (Foto B)

Alfredo Moreira / SEBRAE
Páginas: 28 (Foto B), 50 (Foto A), 128
(Fotos A e B), 129 (Foto A), 140 (Foto
A), 172, 188 (Fotos A, B e C)

Amanda Melo
Página: 111 (Foto B)

Ana Lira – Flickr
Página: 63 (Foto A)

**André Moreira / Agência Sergipe
de Notícias**
Páginas: 73 (Foto A e C) e 148 (Foto A)

Antônio Alves do Amaral
Páginas: 34 (Fotos A e B), 50 (Foto G),
120, 127 (Foto B), 158 e 159

Antônio Carlos du Aracaju
Página: 97 (Foto A)

Antônio Júnior
Página: 176 (Fotos A e B)

Betinho Studio Fotográfico
Páginas: 46 (Foto A), 108 (Fotos A e B)
e 110 (Foto A e B)

César de Oliveira
40 (Foto A)

**César de Oliveira / Portal Photos
de Sergipe**
Páginas: 92 (Foto D), 146 e 147

César de Oliveira EMSETUR
Páginas: 16 (Foto A), 136, 137, 145,
178, 182 (Foto B) e 200

Clevertton Silva
Página: 72 (Foto A)

Cristiano Mendonça
Página: 185 (Foto A)

Cristiano Santana Flickr
Página: 92 (Fotos B e C)

Danielly Farias – Flickr
Página: 111 (Foto A)

Dijna Torres Secult
Página: 174 (Foto B)

Edel Ferreira
Página: 97 (Foto B)

Edinah Mary / SEIDES
Capa: Fotos C, D e E
Páginas: 14, 16 (Foto B) 18 (Fotos A, B,
C, D, E), 20, 23, 24, 26 (Fotos A, B, C),
28 (Foto C), 31, 35 (Foto B), 36 (Foto B),
48 (Foto B), 49, 50 (Fotos B, C e E), 71
(Foto A), 74 (Fotos A e B), 78 (Foto B),
93 (Fotos A e B), 115, 122, 130 (Foto A),
133 (Fotos A, B, C, D, E e F), 140 (Foto
B), 161 (Foto C), 162 (Foto A), 173 (Foto
A) e 175 (Fotos A e B)

Edson Araújo / SECULT
Páginas: 42, 58 (Fotos A e B), 62, 63
(Foto B), 69 (Fotos A e B), 73 (Foto B),
75, 77 (Fotos A e B), 86 (Foto A e B), 94,
95 (Fotos A, B, C e D), 170 (Fotos A e
B), 186 (Foto A), 187 (Fotos A e B), 190
(Foto B) e 194

Eduardo Almeida / SEPLAN
Páginas: 6, 22, 26 (Foto D), 29 (Foto B),
35 (Foto C), 48 (Foto C), 56 (Foto B)
88, 89 (Fotos A e C), 99 (Fotos A e B),
104, 112 (Fotos A e B), 148 (Foto B), 149
(Foto A), 150, 154 (Fotos A e B), 155, 161
(Foto D), 173 (Foto C), 176 (D) e 179

**Inventário das Manifestações Culturais
do Estado de Sergipe / SEPLAN**
Páginas: 40 (Foto B), 50 (Foto H), 76
(Foto A), 89 (Foto B), 91 (Fotos B e C),
92 (Foto A), 132 (Foto A), 144 (Foto A),
162 (Foto B) e 171 (Fotos B e C) e
173 (Foto B)

Janaína Santos / BANESE
Página: 160 (Foto A)

Johnny Oliva / SEPLAN
Capa: Foto B
Páginas: 26 (Foto E), 27, 35 (Foto A),
50 (Foto D), 81 (Foto A e B), 96 (Foto

A), 100 (Fotos B e C), 102 (Foto B), 103 (Foto A), 113 (Foto A e B), 130 (Foto D), 131 (Foto A, D e E), 134 (Foto A), 135 (Foto B), 163 (Foto A), 165, 171 (Foto A), 176 (Foto C), 177 (Fotos A e B), 188 (Foto D) e 191 (Fotos A e B)

Jorge Henrique / Agência Sergipe de Notícias

Páginas: 56 (Foto A), 66 (Foto B) e 72 (Foto B)

José Valtene dos Santos

Páginas: 183 (Foto B)

Juarez Silva / SEED

Páginas: 45 (Foto B)

Kin Guerra – Páginas: 103 (Foto B), 135 (Foto A), 149 (Foto B), 163 (Foto B)

Lúcio Telles / SECULT

Páginas: 98 (Fotos A e B), 119 (Fotos A e B), 124 (Fotos A e B) e 182 (Foto A)

Lúcio Telles / SEPLAN

Capa: Foto A

Páginas: 8, 12, 13, 30, 47 (Foto A), 60 (Fotos A, B e C), 61 e 65 (Fotos A e B)

Marcel Di Angelis / SEPLAN

Páginas: 48 (Foto A), 57, 71 (Foto B) e 127 (Foto A)

Marcel Nauer / EMSETUR

Página: 52

Marcel Nauer / Acervo Mamulengo de Cheiroso

Páginas: 47 (Foto B), 78 (Foto A)

Marcelinho Hora

Páginas: 2, 3, 5, 41, 143 (Foto B) e 184

Márcio Dantas / Agência Sergipe de Notícias

Contracapa

Páginas: 17, 64 (Foto A), 164, 168 (Fotos A e B) e 174 (Foto A)

Márcio Dantas

Páginas: Capa (Foto F), 29 (Foto A), 32, 33, 36 (Foto A), 37 (Foto A), 38 e 39 (Fotos A e B)

Márcio Garcez

Páginas: 68 (Fotos A e B)

Marco Vieira / Agência Sergipe de Notícias

Página: 123 (Fotos A e B)

Marcos Rodrigues / Agência Sergipe de Notícias

Página: 118 (Foto A)

Maykon Christian

Página: 118 (Foto B)

Poeta Jorge Henrique / Acervo do Colégio Estadual Manuel Messias Feitosa

Página: 87 (Fotos A e B)

Repaginação: **Edson Araújo**

Foto: **Lúcio Telles**

Página: 190 (Foto A)

Ricardo Espinheira

Páginas: 66 (Foto A) e 67

Thais Figueiredo / EMSETUR

Página: 21 (Foto A)

Vovô Monteiro

Páginas: 45 (Foto A) e 126

Wácton Silva / Prefeitura Municipal de Itabaiana

Página: 160 (Foto B)

Wellington Barreto / Agência Sergipe de Notícias

Páginas: 44 e 64 (Foto B)

Wellington Barreto / EMSETUR

Páginas: 80 (Foto A), 130 (Foto C), 132 (Foto B) e 161 (Foto B)

Relação dos participantes da mesa temática "Cultura, Desenvolvimento e Inclusão"

Neste item, relacionamos os participantes das Conferências Municipais e Territoriais do Planejamento Participativo que forneceram informações fundamentais à elaboração deste livro durante os debates da Mesa Temática "Cultura, Desenvolvimento e Inclusão". A contribuição dessas pessoas caracterizou o primeiro levantamento realizado e orientou a equipe da Universidade Federal de Sergipe na pesquisa de campo.

Território da Grande Aracaju

Aracaju

Alexandre Pereira Santana
Ana Maria Santos Dantas
Ana Paula Nascimento
André Iriz Sampaio M. Moyses
Antônio Correia
Benildes J. de Jesus
Caio Ebert
Carlos Alberto
Carlos Henrique
Cássia dos Santos Silva
Claudio Guimarães Mendes
Cleverton Paulino dos Santos
Cristiane Santos Ribeiro
Daniel Fernando M. dos Santos
Diana S. Gama
Edinelde Oliveira Santos
Elaine Marques da Silva
Eleonaldo do N. Santos
Eliane Ramos dos Santos
Eliene de Jesus Santos
Elinaldo do S. Filho
Eline Vieira da Silva
Elúzia de Souza
Euride M. Gomes
Euvaneide Pereira Nascimento
Fabio Roberto G. Pereira
Francielly Santos Silva
Genilson dos S. Martins
Geovan Carlos P. de Rezende
Gilvanda Alves Dantas
Gleide Pereira dos Santos
Ionara da S. Batista
Jackson Bruno G. Santos
Jaíra Calixto
Jamisson dos Santos

Janice Calixto S. Santos
Joana D'are C. Santos
João Paulo P. Santos
Jocelma Batista Santos
Jorge Lopes de Santana
José Carlos dos Santos Filho
Josefa D. Costa
Luiz Eduardo S. de Oliveira
Márcia de Souza Basto
Maria Auxiliadora dos Santos
Maria D. França
Maria de Fátima Santos
Maria Edenalva dos Santos
Maria Eliza dos Santos
Maria Isabel de Souza
Maria José de Deus
Maria Neuzice dos Santos
Marili Souza Bacelar
Marinalva Menezes S. Batista
Mauricio Santos de Jesus
Nadisson Rafael N. Bispo
Nailson Tiago Nunes Bispo
Pedro do Nascimento
Renê dos S. Soares
Rosa Maria do N. Silva
Rosemary Conceição de Santana
Sandra Lissa de Menezes
Sandra Maria da Silva
Suely Lucas Melo
Valdemar S. Silva
Valdera Gomes da Silva
Vandith G. de Oliveira

Barra dos Coqueiros

Ana Paula da Silva Oliveira
Antônio Genivaldo A. dos Santos
Bernadere Bispo Cruz
Carlos Henrique do S. Oliveira
Cícera Lucia S. dos Santos
Cilene Correia
Cledson Santos
Cleide Selma Bispo
Cleomar Santos
Cleverton dos Santos
Edeilton Teles Menezes
Edson Santos Teixeira
Elealdo Teixeira Felix
Eugênio Carlos da Silva
George Santos da Silva
Gilvanilde Maria Santos
Gloria Sena
Iolanda O. dos Santos

Jackson Teixeira Felix
Jaqueline Farias Santos
Jarlene da Cruz Santos
Jean Rodrigues dos Santos
Jéssica Silva L. Amorim
Jorge Souza dos Passos
Josenilton dos Santos Bispo
Josilene de Jesus Santos
Lea Maria Santos Salvador
Loayes Santos
Lourdes Santos de Jesus
Lúcia Rodrigues
Maria da Conceição R. Moura
Maria José L. Santana
Markues Anderson Souza
Milena Ramos dos Santos
Nivaldo dos Santos
Roberto C. Costa
Sabrina Bomfim de Oliveira
Salette Maria da Silva
Tatiane Alves dos Santos

Itaporanga D'Ajuda

Bráulia Lima
Denilza Viana Evaristo
Djaene dos Santos Santana
Elaine Maria Cortes Santos
Elenalda Ribeiro Santos
Jeane de Jesus
José O. Prado Soares
Josenilde de Jesus Santos
Josineide Viana Santos
Karolline Malta de Andrade
Luiz Santos Possidônio
Maria José Santos Alves

Laranjeiras

Acácia Aguiar dos Santos
Adriana Pinto Ribeiro
Ana Maria S. Barreto
Carlos Alberto Paiva Campos
Cleide dos Santos
Cristiano Batista dos Santos
Edinalva Batista dos Santos
Edleuza J. S. Campos
Gilda Santos Matias
Helenilda Acioli da Rocha
Iracilde Santos Gomes
Itelma B. da S. Campos
Jean Vieira da Silva
Joselito Bento dos Santos

Lenilde Santos Silva
Lenilson de Campos Cezário
Livia Borges Santana
Lucas Bezerra de Lima
Maria Cleide dos Santos
Maria de Lourdes da S. Campos
Maria Isabel dos Santos
Maria Ivone Santos Brota
Maria Rosildete dos Santos
Rosimeire S. Araujo

Maruim

Ana Cristina dos A. Santos
Ana Isabel dos S. Oliveira
Beldomiro Maciel
Carlos Alberto Rabelo
Charles Frederico O. Menezes
Clóvis Joaquim dos Santos
Edimundo Menezes Costa
Gilda S. Menezes
Gisélia Francisca dos Anjos
Givanilda Maria de Lucena Santos
Janima Silva dos Santos
Livia Maria L. Santos
Maria Guedes Alves
Maria Vilma Santos
Oswaldo Santos Prado
Rejane A. Santos
Rejane Francisco
Rita de Cácia Alcântara Melo

Nossa Senhora do Socorro

Amanda Maria F. dos Santos
Arlindina C. Costa
Belaine Rodrigues dos Santos
Cristiano da Silva Santos
Cristina Angélica dos S. Almeida
Edson dos Santos
Edson Santos Almeida
Eliane Silva de Santana
Eliene Cristine Chaves
Elinaldo dos Santos Júnior
Gildete Santos Souza
Gilmara Oliveira Gonzaga
Helenilton Oliveira Santos
Jenisson dos Santos Figueiredo
José Dionísio dos Santos
José Gelio Oliveira da Silva
José Horestes Bispo
José Ricardo dos Santos
Juliana Cristina
Karla Vanessa dos Santos
Kinos Dos Santos Silva
Lucas Campos dos Santos
Lucas dos Santos
Marcelo de Jesus A. dos Santos

Maria Aparecida Ferreira
Maria da Penha da Silva
Maria da Piedade C. Bispo
Maria do Socorro Xavier Silva
Maria Helena S. Oliveira
Maria Lindinalva dos Santos
Mariana dos Santos
Rosemary dos Santos
Taylane Barbosa dos Santos

Santo Amaro das Brotas

Adérico de Melo
Adriana dos Santos
Ana Lúcia Santana
Anastácio Barbosa Lima
Edemilson Santos Batista
Matheus Carvalho Nunes
Sílvia Regina Melo dos Santos
Valdir Corrêa dos Reis

São Cristóvão

Antônio Alves do Amaral
Ariosvaldo Nunes Santos
Carlos Alberto de Paula Bastos
Glariston dos Santos Lima
Gleidson de Andrade Santos
João Batista Santos
José Thiago da Silva Filho
Maria Aurelina dos Santos
Maria Cristina A. Santos
Núbia Oliveira Almeida
Stella de Freitas Silva

Riachuelo

Alessandra Aracanzo Félix
Américo Santos do Nascimento
Ana Erundina Souza Santos
Anai de Oliveira Santos
Analúcia de O. Santos
Andréa M. de Meneses Sousa
Belaniza Marinho
Carlos Alberto Santos
Edileuza Rodrigues S. Santos
Eneas Gabriel R. Moreira
Gicelma Santos de Oliveira
Gilca Maria dos Santos
Gildo de Oliveira Santos
Gilmar de Oliveira Santos
Gilvanete B. Santos
Givalda Maria dos Santos
Givanete B. Santos
Givanilde Almeida Santos
Helenice Moreira Santos
Herika Pereira de Araujo
Inêz Marques de Menezes Silva
Joana Angélica Vieira Santos

João Evangelista dos Santos
José Carlos Bezerra
José Demóstenes Oliveira Junior
Júlia Maria Moreira Silva
Kelly Cristina H. de Oliveira
Manoel Messias B. S. Hipólito
Márcia Verônica dos Santos
Maria Aparecida P. da Cruz
Maria Augusta de Oliveira Santos
Maria Cenira da Silva
Maria Cícera Cardoso Araujo
Maria Dalva da Piedade
Maria de Lourdes Neves
Maria do Carmo Silva Souza
Maria Emília Soares Costa
Maria Helena Santos
Maria Iracema Couto Bezerra
Maria Isabel S. dos Santos
Maria José de O. Santos
Maria José Ferreira dos Santos
Maria José Machado dos Santos
Maria Lúcia Santos Souza
Maria Renilde Oliveira Santos
Maria Selma dos Santos
Maria Valdineide dos Santos
Maria Vaneide dos Santos
Miraldete Vieira Matos
Paulo César A. De Oliveira
Priscila Teles Vicente
Regiane Guimarães de Santana
Rosângela dos Santos Oliveira
Rosecleide Santos
Rosilda Costa Moreira
Rute Filomena Santos da Silva
Silvina Moreira dos Anjos
Simonete Correia de Oliveira
Sônia da Silva

Território do Alto Sertão

Canindé do São Francisco

Acácia Aguiar Andrade
Acácia B. Lima Feitosa
Adelmo Manoel da Silva
Alcina de Albuquerque Teixeira
Antonio Santos
Bruno Freire Barbosa
Cícero Leonízio dos Santos
Clarise Huberto da Silva
Geonilda Nascimento Duarte
Grea Nascimento Duarte
Helena Juvendina Lisboa
Iara Oliveira do Nascimento
Jacira Venâncio
José Antônio Soares
José Rodrigues

Lígia Maria Avelino
Maria Auxiliadora Melo de Brito
Maria de Fátima Alves de Souza
Maria F. da Silva
Maria Gildevânia da Silva
Maria José Anabade Oliveira
Maria José Batista Lima
Maria José Messias dos Santos
Maria Telma Cabral Silva Lima
Nilza Maria da Silva
Noemia Bezerra da Silva
Rita dos Santos
Rosiane da Silva
Sílvia de Iliveira
Simônica Santos Silva
Tereza Raquel Carvalho Santos
Valdir da Silva
Vandete Batista Lima
Vera Núbia Avelino Santana
Zuleide Veríssimo Feitosa

Gararu

Aldo Martins dos Santos
Ana Suely de A. Santos
Anabel Alves França Santos
Aricleber Albuquerque Melo
Carlos Augusto Pereira Santos
Cláudia Manoela Silva Santos
Clédia Maria Matos Santos
Darla Rayane Santos de Carvalho
Edemilton Pinheiro Santos
José Geraldo M. dos Santos
Júlia Gomes dos Santos
Jussara de Jesus Passos
Kátia Albuquerque Melo
Maria Cláudia Damasceno Santana
Maria do Socorro Souza Santos
Marivaldo Albuquerque Melo
Meiriane Albuquerque Melo
Nicéia Araújo
Rosineide Silva dos Santos

Monte Alegre de Sergipe

Adriel Soares da Costa
Alison Alves da Silva
Ana Angélica Vieira de Melo Oliveira
Ana C. O. dos Santos
Antônio dos Santos
Ará Gomes da Cruz
Cícero Clácio dos Santos
Cícero Gomes de Souza
Débora Félix da Silva
Edilson Nunes Nascimento
Eliandro Campos Cardoso
Eloy Alves de Santana
Isabel Cristina dos Santos Silva

Ivo Adnil Silva
José Marcos Silva
José Robson do Nascimento
José Santos
Laís Marielma O. Santos
Luiz Carlos Noia de Melo
Manoel Vicente Filho
Maria Anita Garcia Araujo
Maria Aparecida P. Oliveira
Maria do Céu Vieira Santos
Maria José Feitosa da Silva

Nossa Senhora da Glória

Adeilde Lima Freitas Souza
Amilton Batista Santos
Clésio de Oliveira Canuto
Cornelito Alves dos Santos
Genivaldo Sales de Brito
Hugo Adriano dos Santos
Hugo H. de Souza
Italo Nogueira Barros de Freitas
José Alves dos Santos
José Edigenaldo Oliveira
José Francisco Pereira
José Ivaldo B. de Freitas
José Valmir de Souza
Josevania Almeida dos Santos
Manoel Santos Aragão
Maria dos Prazeres de Santana
Maria José Andrade
Maria José de Almeida
Maria Lenalda dos Santos
Maria Marta dos Santos
Maria Rezende Nunes
Miriam Amaral Santos
Reinha Oliveira Santos
Rosa Maria Santos Silva
Rosimeire Almeida Santos
Rosineide Souza Monteiro
Rosivânia de Oliveira
Sivaldo Mota Vieira
Valdenira O. Santos Souza
Wellington dos Santos
Wellington Rodrigues Santos

Nossa Senhora de Lourdes

Anselmo Santana
Benildes Ferreira da Silva Santos
Carlos Alberto dos Anjos
Gelsiana de Andrade Batista
João Carlos Santos
José André Oliveira
Josineide Barros da Silva
Luciana Souza Barros
Maria Elena Marques de Melo
Moraes Melo Cardoso

Regiane Ferreira Silva
Ricardo Santos Araújo
Tássia Amanda Rodrigues dos Santos
Vicente Batista dos Santos Filho
Walber Gonçalves Matos
Wilson dos Santos

Poço Redondo

Antônio Alberto P. da Silva
Edimilson Moreira Feitosa
Everaldo dos Santos Nazaré
Givaldo Machado Gois
Jamison Santana Santos
José Ailton Francilino
José Gilvan dos Santos
José Temístocles Caldeira dos Santos
Luiz José Neto
Marcos José dos Santos Nazaré
Maria Cristiane R. dos Santos
Maria das Graças de Oliveira
Maria Marta da Silva
Quitéria Gomes Pereira
Rafaela da Silva Alves
Rivaldo Andrade dos Santos
Sidney Feitosa Gouveia

Porto da Folha

Ana Paula da Silva
Cassiane de Sena Rezende
Cátia Lima dos Santos
Claudeane Alves de Oliveira
Cleynan Lima Santana
Edielton Vieira de Souza
Ednilson Vierira de Souza
Fabiana dos Santos G. Matos
Faulevilon Alves Moreira
Genilson Elias da Silva
Gileno Alves da Silva
Gilson da Silva Lima
Jéssica Laise dos S. Melo
Joel Barros de Oliveira
José André da Silva Matos
José Carlos da Silva
José Conceição Soares
Juliano Feitosa Costa
Luiz Carlos de Santana
Luiz Gonçalves Lima
Luiz Santos
Manoel Acácio Martins
Maria Ednalva dos Santos
Maria Ingrácia da Silva Couto
Maria Ivete dos Santos Aragão
Maria Luciene Braga
Maria Nazaré Acácio dos Santos
Marinalva de Souza Santos
Michele de Alcântara Santos

Michele Ferreira da Silva
Nmaria Ivoluzia Lima
Patrícia Delfino Lima
Roberto C. de O. Silva
Sara Marques Getirana Valença
Saulo Rafael Souza Santos
Sergiane Acácio dos Santos
Tamires Oliveira Couto

Território do Médio Sertão

Aquidabã

Aline Bomfim dos Santos
Aline Nascimento Lima
Alisson Alves Costa
Anderson Lima de Carvalho
Carlos Alberto Matos de Lima
Cláudio Santos Guimarães
Crislaine Mendonça Mota
Diana dos Santos
Elenilza Ferreira Lima
Elia Barbosa de Andrade
Eliene Fernanda da Silva Santos
Everton Vieira dos Santos
Evison Tedomiro dos Santos
Ewerton Santos de Andrade
Jaqueline Silveira
Jéssica Camila Santos Araujo
José Raimundo de Moraes Filho
Josiel José dos Santos
Josileide dos Santos
Kátia Maria Ferreira Santos
Keila dos Santos
Luiza Matos de Lima
Manoel Moura dos Santos
Maria de Lourdes G.Santana
Maria Jaelsa Vieira Silva
Maria Lucia Ribeiro
Maria Silva de Oliveira
Marizônia de Souza
Mayck Santos Ribeiro
Raimundo de Andrade Filho
Rodrigo de Oliveira Andrade
Sílvia Maria de Oliveira
Simone Leite Silva
Tiago Santos da Cruz
Vagna Keyth V. dos Santos
Wesley Vieira dos Santos

Graccho Cardoso

Acisa Priscila Lima Santana
Airlan Gomes dos Santos
Ana Cleide Dória
Andrezamikielly Pereira Melo
Clezimary do N. Santos
Deyse Jackeline V. dos Santos

Diogo Vieira Aragão
Eline Brunet Aragão Santana
Elizeu Veloso dos Santos Neto
Genson Aragão Mota
José Antonio dos Santos
José Leonardo Dória
José Ronaldo Aragão Santos
José Vandeilson Aragão
José Verionaldo Albuquerque
Lilian Silviane Santos
Luciana Ferreira da Silva
Maria Balbina R. de Matos
Maria Claudia Dória
Maria Elinalda dos Santos
Rumy Conceição Santos
Sandra Maria Santos
Tâmara Cristina V. dos Santos
Vanessa Cristina Ferreira Santos

Itabi

Antonio Carlos Fernandes
Bruna dos Santos Cruz
Daniel Andrade Resende
Iracema Menezes Conceição
João Alves dos Santos
José dos P.Santos
Márcio José de Souza
Marco Antonio Bispo da Silva
Maria Celeste Pereira Cardoso
Maria Helena da Cruz
Murilio Vieira de Sá
Rosilene E. de Oliveira
Rosineide Lima da Cunha Ferreira

Nossa Senhora das Dores

Cley Rui Oliveira Santana
Cley Ruy Oliveira Santana
Fabíola Ribeiro Batista
Fabricio Paixão S. de Oliveira
Fabricio Paixão Silva de Oliveira
Geovan Carlos Pinto de Rezende
Maira de J. Campos
Manoel Messias Moura
Manoel Messias Moura
Rafael Gomes Moraes
Rafael Gomes Moraes
Vera Lúcia S.Teles
Vera Lúcia Soares Teles

Território do Baixo São Francisco

Amparo do São Francisco

Adelaide dos Santos
Alisson dos Santos
Crisley dos Santos
Deyvid Ramos dos Santos

Dilton Dantas Pinheiro
Edison Luiz dos Santos
Edivan dos Santos
Edmilson Santos
Farley dos Santos
Harlyson Santos Vilarins
Jameline Lopes da Silva
Jardeson Felipe S. Dantas
José Adolfo Brito
José Fernando B. Santos
José Izaías dos Santos
Juliete Alves da Silva
Lucas Rodrigues Nunes
Marcelo Bomfim Martins
Marcia Tereza
Marciene Santos
Maria Aparecida Santana
Maria Gécica P. de Oliveira
Ranore Matias
Renato Pinheiro de Lemos
Rosilene dos Santos
Sandra Maria Muniz D. Farias
Sarah Monaliza V. de Andrade
Sérgio Rodrigues Dória
Soélia Muniz Dantas
Tatiane V. Siqueira
Tomaz de V. Batista
Valtomir dos Santos

Brejo Grande

Ana Alice Tavares dos Santos
André Gois Ferreira
Antônio Bomfim B. dos Santos
Carlos Eduardo Ribeiro
Claudeane Bispo
Clébson Monteiro dos Santos
Gefferson Pereira dos Santos
Golson Antônio Oliveira
Jaqueline dos S. Da Silva
José Acácio Rabeno
Julia Gonçalves Dias
Jussara C. Barreto
Luiz Dias dos Santos
Magno de Oliveira Barros
Rayra Santos de Oliveira
Samuel Tavares dos Santos
Valdenilson do N. Palmeira
Valter Ferreira Lima

Canhoba

Aerton Tôrres Rocha
Aparecida V. de Matos
Artana Conceição F. Divino
Claudia M. dos S. Guimarães
Claudinete dos S. Torres
Deorizando T. Oliveira

Diogo Santos Sales
Eanes Cardoso B. Neto
Edenilze Salviano de Matos
Edivan Sequeira Chagas
Enalda S. dos Santos
Iris Regina M. dos Santos
Jorge Luiz S. Silva
Lucélia dos Santos
Lucienir Freire Melo
Marcos Paulo C. Lima
Maria Aparecida V. Soares
Maria Neuza Santos
Maria Núbia de M. Chages
Maria Zenilde Teodora Andrade
Miriam Rodrigues da Silva
Norma Tavares Lemos
Sheila Vieira Santos
Suleni Paulino dos Santos
Vânia Maria de Oliveira
Vilma França F. Rodrigues
Weverton Santos de Matos
Xifranze Santos

Cedro de São João

Alex Santos A. de Cerqueira
Ana Amélia O. Santos
Antônio Batista do Nascimento
Cícero Ferreira
Davi Barbosa de Melo
Genilson Pereira Santos
Girlandia Caldas Silva
Givânio Gonzaga Brito
Igor Freire Nunes
Jane Freire Santos
Josivânia Silva Santos
Maestrelli de Lizandra Silva
Magda Oliveira R. Costre
Marcos Antônio L. da Silva
Maria Cerene Doria
Maria Clara I. A. Melo
Maria Eunice Ramos
Marilene dos Santos
Marinalva Barbosa Moraes
Sindsey Oliveira Melo
Valeria de Abreu S. de Gaza

Japoatã

Agnaldo M. da Silva
Aldair Bezerra Lemos
Alisson dos Santos
Anderson Barros Silva
Antônio Carlos L. Silva
Ariane Rocha
Carlos Cezar R. Silva
Clayton Mendes Santos
Diva Maria Rodrigues

Edileuza dos S. Barros
Edson Ramos Alves
Emerson Wlisses L. Gomes
Fábio dos Santos
Francisco C. E. Santos
Ivete Ramalho de Souza
Jailza Bispo Santos
Jhonata Henrique L. Santos
John M. Bispo Silva
José Francisco dos Santos
Joseilton Santos de Araujo
Kadiane Cristina S. Silva
Kadjars Eugênia S. Silva
Keli Cristina da Silva
Laudete Santos S. Rita
Lúcia Helena da Silva
Luiz Henrique S. dos Santos
Margarete Silva
Maria da Conceição C. Santos
Maria damiana L. S. Lisboa
Maria Ednalva Barros
Maria José da S. G. Henrique
Maria José dos S. Siqueira
Maria Solange dos Santos
Meire Helena S. Almeida
Paulo Ricardo dos Santos
Rafael N. Santos
Rinaldo Santos Silva
Robson Augusto S. Vieira
Rodrigo dos Santos
Rominique R. dos Santos
Rosilene Domingos
Terezinha M. dos Anjos
Thiago dos Santos Irindade
Vera Maria da A. Carvalho
Vitor Rafael D. Santos
Wysla da Costa Silva

Malhada dos Bois

Alana Gomes Moura
Ana Elizabethe A. Dória
Angela Maria da Silva
Ayslon P. Junior
Dayane Aparecida Santos
Elizanio dos Santos
Fernando Aguiar Moura
Flávio Gomes Santos
Gilze Aguiar Moura
Jairo Marques S. Gomes
Jeilza Feitosa
José Gomes Ponte
Manoel Gomes Júnior
Manoel Messias S. dos Santos
Maria M. Santos
Maria Neides V. Moura
Nilmara Gomes Moura

Samuel Pinheiro da Silva
Valdirene Santos Muniz

Muribeca

Analugraci Santos Gonçalves
Andresa Silva da Cruz
Eksele Matos Santos
Ivone Lima de O. Leite
Leônia da Silva L. Souza
Luizete Lima Santos
Maria Eunice F. Santos
Marta Gonçalves de Matos
Roseli Conserva dos Santos
Salon Amaral Figueiredo
Vagna Veloso Andrade

Pacatuba

Adriana Pinheiro dos Santos
Alcy Santos Silva
Aline Rodrigues Santos
Anderbal Silva Santos
Antônio Martins
Carlos Eduardo S. Santana
Carlos Rodrigo S. Souza
Edirene Dos S. Monte
Eduardo Azevedo Prudente
Elizabeth Azevedo de O. Vieira
Esrael dos Santos
Fábio Luiz de Carvalho
Fernando dos S. Silva
Flávio Rodrigues Ferreira
Gilton Santos Silva
Glécia Bispo S. Souza
Janilson F. dos Santos Ramalho
João Autran C. do Nascimento
Joaquim Melo Santos
José Adriano dos Santos
José J. Melo dos Santos
José S. de Almeida
Josivaldo da Silva
Manoel A. dos Santos
Maria Adelma G. de S. Francly
Maria de Fátima Santos
Maria Luzia de Oliveira
Marisa Batista da Silva
Mauro da Silva Monteiro
Micherlângela Conceição Lima
Rosângela Matias de Jesus
Rosiana Bezerra dos Santos
Sandra Santos R. Melo

Propriá

Alan Santos Costa
Antônio José de Oliveira
Antônio Xerife
Clevânip Gomes Santos

Cristiano P. Lima
Edigleise de O. Dos Santos
Edjênio F. da Silva
Erivaldo V. dos Santos
George dos Santos
Gil Dantas
Iza Maria dos Santos
José Rinaldo S. da Silva
José Wilson N. dos Santos
Kaline da Silva Santos
Kléia Figueiras da Silva
Luciene dos Santos
Marcos Antônio dos Santos
Marcos Antônio S. Bezerra
Maria da Conceição V. dos Santos
Maria de Fátima S. Santos
Maria Elisabete Nunes
Maria Luciene Bomfim
Martinho José da Silva
Meiramar E. Feitosa
Michel Luiz C. de Gomes
Sâmara T. dos Santos
Silvania Maria P. Souza
Sônia Santos Pontes
Terezinha Mariano
Widson Melo Santos
Wilson Torres Silva

Ilha das Flores

Carlos B. Santos
Clésio Pereira dos Santos
Dalvani Fernandes
Ednaldo Pinheiro Lemos
Eduardo J. de Brito
Elis Morgana S. de Oliveira
Fernanda Cravo de Melo
Leonilton Santos Oliveira
Lucia dos Santos
Maria da Conceição Santos
Maria Iranici Santos
Neiandersoon P. dos Santos
Renata da C. Cravo de Melo
Selma Maria dos Santos
Stella P. Brito
Vanusa da Silva Viera
Viviane dos Santos

Santana do São Francisco

Arielenes de França Barroso
Daniela Santos
Dyeggo de Oliveira Passos
Geovan Carlos P. de Rezende
Jodson Costa de Souza
Luciana da Cruz Gomes
Maria Edilene dos S. Alquino

Maria Patricia dos Santos
Roseane Freitas da Silva
Wellington dos Santos
Wendel Santana Barbosa

Telha

Aranes da Mota Freire
Bruno Barbosa de Melo
Daniel Barboza Vieira
Débora Vieira Costa
Eduarda dos S. Freire
Eranio Vieira
Everton Mota Silva
Ginaldo de Oliveira Lima
Gracilienne Alves de Melo
José Nunus Santos Filho
Karlinda Marcelina de J. Brasida
Lilian Freire
Maria José dias Freire
Ray da Graça Vieira
Ricardo dos Santos
Suziana dos Santos
Tenison de Oliveira Vieira
Wendel Barbosa de Souza
Williane Oliveira Vieira

São Francisco

Aldimary Cardoso Santos
Anaíza Nascimento Santos
André Alves dos Santos
Beive Bezerra Braga
Cícero Ferreira
Cina Mércia S. Nascimento
Claudeane Santos Bispo
Claudenês Santos Bispo
Claudio José A. Bispo
Diogo Souza Nascimento
Douglas dos Santos
Eduardo Nascimento
Eduilton Vieira Araújo
Eliane Maria da S. Gomes
Elizabeth Nascimento Santos
Géssica Santos Araújo
Jailson Santos Menezes
Jandira Graziela S. Araújo
João Victor S. O. Silva
José Olímpios dos Santos
Klediane Silva Santos
Laís Santos Araújo
Lildete Santana Santos
Lucineide Rodrigues Santos
Maria Alice E. Santos
Maria Jaqueline Moura
Maria José A. da Cruz
Maria Rosa C. Santos
Maria Rosa N. Santos

Nara Regina Araujo Santos
Nara Regina F. dos Santos
Nilson Oliveira Trindade
Rosângela Vieira Araújo
Roseane de Souza
Thiago Ferreira
Tiago dos Santos
Viviane Santos
Willekeson Nascimento

Território do Sul Sergipano

Araúá

Carla Gualberto dos Santos
Daniela de Menezes Celestino
Edinaldo dos Santos
Edjane Ribeiro Santos Rodrigues
Jaime Monteiro de Farias Júnior
Jaqueline Evangelista Santos
Jazon N. da Silva
João Luiz dos Santos
Joelma Lacerda Santos
Josefa Marta A. dos Santos
Josefina de Oliveira
Manuela de Jesus Santos Martins
Maria Aparecida Nascimento
Maria Josefa de Jesus
Maria Rosana da Silva Barbosa
Mônica Rodrigues da Silva
Nivalda Bispo dos Santos
Verônica Almeida dos Santos
Verônica Cristina D. dos Santos
Zilvanda Santos Santana

Boquim

Aloísio Santos
Ângela Maria S. Passos
Arlete Rejane Andrade Oliveira
Everaldo Freguesia dos Santos
Jailma Santos Mendouça
José Costa de Santana Santos
Maria Auxiliadora Campos
Maria do Carmo N. Santos
Maria José Souza Chaves Menezes
Solenilton O. Lima
Vânia Maria de Souza Borges
Wellington dos Santos

Cristinápolis

Adalberto Domingos Fortuna
Adriana Leal de Jesus
Ana Cláudia Gonçalo
Ana Lucia Souza da Silva
Ana Rita F. de Carvalho Silva
Andréa Silva Dias
Antônia Maria Rodrigues Santos

Clécia Rogéria Santos Gonçalves
 Cristiana dos Santos
 Dionete Vieira dos Santos Lima
 Ducinaldo dos Santos
 Edimario Santos Silva
 Edlaine Quintela Guimarães
 Elielma Quintela Guimarães
 Estefânia Ferreira Dias
 Fabio do N. Santos
 Francisco de Assis do N. Santos
 Francisco de Assis Souza Filho
 Jeovana de Jesus Santos
 Joaldo Lima de Souza
 José Conceição da Silva
 José Paxão Araujo Lima
 Josefa Alves Freire
 Josefa Sirlene Alves de Jesus
 Layse Souza Silveira
 Luciene dos Santos
 Lucimar Coutinho França
 Luis Amilton de Oliveira
 Luzia Lisboa dos Santos
 Macela Soares de Menezes
 Marcos Paulo da Conceição Santos
 Maria Aparecida Carvalho dos Santos
 Maria Aparecida Paixão Santos
 Maria da Conceição R. de Carvalho
 Maria Ferreira da Silva
 Maria José Cardoso Neta
 Maria Rita de Jesus Viturino
 Maria S. P. de Jesus
 Maria Suzana O. da Silva
 Marineide dos Santos
 Marta Soraia Marciano do Nascimento
 Martha Suely Santos de Cerqueira
 Maurício Liberato dos Santos
 Mônica Trindade Coutinho
 Oacir Alves dos Santos
 Raimundo Carlos dos Santos
 Rayane Maria Santos Fontes
 Rivania Rocha
 Sheila Micaela da Silva
 Tânia Angélica Vita
 Telma Maria D. Guimarães

Estância

Alisson Barreto Santos
 Antônia Márcia de Souza Silva
 Antônio Batista Assunção
 Antônio Batista Neto
 Cláudia Ferreira Rocha
 Dalva
 Deise Santos do Nascimento
 Deivesson de Sousa Lima
 Dislan D. Melo Santos

Fernanda Barreto de Freitas
 Fernanda Deise S. Daniel
 Flávio Luiz Garcia Santos
 Gledson Rony Santos Fonseca
 Hayanna A. R. Laves
 Isis Lessa dos Anjos
 José Augusto de Jesus
 José Carlos F. de Andrade
 Jossé Wellington F. Nascimento
 Josué dos Santos
 Juliana Leite Coelho
 Katiana Santana de Jesus
 Laila Carlindo C. Santana
 Luiz Carlos Alves dos Santos
 Luiz Carlos dos Santos
 Lunalva Oliveira
 Magno Luiz de Melo Bispo
 Magnoly da Costa Rodrigues
 Maisa S. Wanus
 Manoel M. M. Santos
 Marcel Felipe Lima de Menezes
 Márcia Ramos de F. Rodrigues
 Marcos Reimundo Menezes Santos
 Maria Bethânia M. Calasans
 Maria Raimunda Santos Carvalho
 Marta Monteiro dos S. de Jesus
 Michele Santos Costa
 Natházia de A. F. Reis
 Nyria Zafira S. Silva Batista
 Oscimara de Oliveira Santos
 Priscila Alcântara dos Santos
 Rilda Adriana A. de Oliveira
 Ronaldo Nascimento Medeiros
 Sabrina Batista Silva Costa
 Silvania Dias Ramos dos Santos
 Symone Silva de Menêzes
 Tereza Cristina Menezes Macedo
 Vagno de Andrade Souza Santos
 Vaneide Santos Santana
 Viviane dos Santos
 Wesley Luiz do Nascimento

Indiaroba

Aparecida dos Santos Bispo
 Danielle Santos de Jesus
 Erielmo Elonis dos Santos
 Givaldo Alexandre de Almeida
 José Antônio dos Santos Bispo

Itabaianinha

Erlanga de Jesus Santos
 Fábio Alves de Santana
 Fernando Lins de Carvalho
 Jadson Lima dos Santos
 Joselito Nascimento
 Leziane Santos Araújo

Lourival Ribeiro da Costa
 Maria Evania dos Santos Dantas
 Maria Gleiciane R. Moreira Alves
 Mariádilo M. Vieira
 Oderlei Valverde Silva Dias
 Ubaldo Batista dos Santos Júnior

Pedrinhas

Clayton J. dos Santos
 Denise Santos Gois Santana
 José Fernandes Menezes
 Josivânia Rodrigues S. Santana
 Marcos Paulo Carvalho Lemer
 Maria A. Fonsêca
 Maria de Fátima dos Santos
 Maria José Gois dos Santos
 Maria Rosimeire Batista Santana

Salgado

Adelmo Neto dos Santos
 Alisson Oliveira da Silva
 Darly Marques Andrade
 Elenice da Silva Catete
 Everton dos Santos Silva
 Fábria Cristina de Lima
 Gisleide Santana Santos
 Hugo D. de Santana Nascimento
 Izanildes Oliveira Matos
 Javânia Wilza da S. Santos
 Jivaneide Tavares Lima
 Joaldo Ribeiro Santos
 José Luciano do Nascimento
 José Matos Filho
 Josefa Railma dos Santos Souza
 Josefa Santana Anjos
 Josefa Sheila de Jesus Ribeiro
 Josilene Alves de Souza
 Juliana Santos Rodrigues
 Kercia Santos Batista
 Lais Assis Santos
 Laurinete Conceição Santos
 Luciana Santos Fraga
 Maria da Paixão Batista Rodrigues
 Maria de Fátima R. Santos
 Maria Filomena Barbosa
 Maria Isabel Freire Lopes
 Maria Martins Felix
 Mariza Matos Moreira
 Miriam Silva Santos
 Olga Alves Santos
 Rodrigo Lisboa de Andrade
 Rogéria Lírio dos Santos
 Silvana Bispo dias
 Zenaide Caetano dos Santos

Santa Luzia do Itanhi

Alane Santos de Jesus
Edivaldo dos Santos de J. Martins
Eliege Paiva Silva
Givaldo Sena dos Santos
Ivanete de Souza Alves
Janete Nascimento Santos
José Fonseca Costa
José Wilton
Maria Dalva Ferreira
Maria Daniana Santana Passos
Maria Francisca de Jesus
Maria José dos Santos
Maria José Teodozio Santos
Maria Santana de Jesus
Maria Valdeci Teodozio Santos
Marília da C. Cavalcante
Patrícia Maria dos Santos
Roberto Amaro da Silva
Vanessa Santos de Jesus
Vera Lúcia Donato de Carvalho
Zélia Alves da Conceição

Tomar do Geru

Adriana de Jesus Souza
Carlos Maciel Santos
Claudivanio de Jesus da Silva
Daniela de Jesus Silva
Edeleide V. dos S. Guimarães
Edson de Oliveira dos Santos
Flávia Guimarães de A. Santos
Fransnilton Viana Santos
Germônica G. de Araújo
Givanilda de Jesus Costa
Jeferson de Moura Souza
João Antônio Soares Jesus
Jocivanio R. dos Santos
José Domingos dos Santos
José E. Vieira Araújo
José Jailson J. Oliveira
Josefa Cícera de M. Viana
Josefa Lima dos Santos
Marco Paulo L. de Oliveira
Maria Jucilene Santos Rocha
Maria Solange dos Santos
Maria Valdirene C. Santos
Patrícia Kelle da Silva Lima
Paulo César R. Santos
Raimunda Constantina Santos
Raimunda Costa Santos
Thiago dos Santos Santana
Walfrania F. dos Santos Araújo

Umbaúba

Adilça Fernandes Chaves
Ana Maria Cardoso dos Santos

Angelina Ferreira dos Santos
Antônia da Silva Santos
Antônio Carlos de Oliveira
Audilene Rocha dos Santos
Austogesilo Ramos dos Santos
Carla Cynara Mota Lima Guimarães
Carla Mailza Costa Ribeiro
Carla Maria Souza Santos
Carlos André Araújo Menezes
Carlos Eduardo
Carlos Eduardo Guimarães Ribeiro
Cássia Oliveira dos Santos Ribeiro
Cláudia Jane da Souza Ribeiro
Cleide Aparecida Souza Guimarães
Crislan Santos Ramos
Dacio José Silveira Silva
Deivid dos Santos Lima
Delvandro Cruz dos Santos
Dermeval Dionízio dos Santos Bomfim
Dijalma Martins de Oliveira Souza
Dilma Moreira de Oliveira
Ecílio Rodrigues da Conceição
Edgar dos Santos
Edgenal dos Santos
Eláine Lailla do Nascimento Lima
Eliane Bispo do Carmo
Elisângela Souza Lima Santos
Elton Guimarães Carvalho
Ezequias dos Santos
Fábio Guimarães Ribeiro
Flávia Alves de Souza Carvalho
Francisco V. dos Santos Viana
Genara Luzia Pereira
Gilza dos Santos Dias
Givaldo Ferreira Lima
Graciene da S. Nascimento
Ilenilton Silveira Amaro
Iranil Dantas da Gama
Irene Fernandes Rodrigues
Ivana Maria Andrade Vilanova
Ivanete de Jesus Clemente
Janaína Aparecida Santos Félix
José Adilson de S. Santos
José Evangelista dos S. Filho
José Gomes do Nascimento
José Honorato Conceição Santos
José Jilson dos Santos
José Leilton de Andrade
José Luis de Jesus Santos
José Ronaldo de Oliveira
José Walter H. dos Santos
Josefa Alves de França
Josefa da Silva Santos
Josefa Eduleuza Souza Santos
Josefa Eudes N. Santos
Josefa Lindisônia de Farias

Josefa Pinheiro dos Santos
Josefa Santana Fontes
Josefa Silveira Soares
Josefina de Jesus Santos
Josineide F. de Oliveira Santos
Juliana Liberato Ramos
Júlio César Oliveira Ramos
Jusária A. de Aragão
Juvanira Santos do Carmo
Juvenal Ramos
Laudeci Silva da Conceição
Laudice Silva da Conceição
Lucicléia Alves Lima
Luciene Bispo Guimarães
Lucineide Guimarães dos Anjos
Maiara Santana dos Santos
Manoel Messias dos Santos
Manoel Vieira de Menezes Filho
Maria Carolina dos Santos
Maria Célia Barbosa Costa
Maria Cristina de Jesus Bomfim
Maria Edielda S. Medeiros
Maria Franciely dos Santos
Maria Iraildes dos Santos
Maria Isabel Eleutério Cardoso Silva
Maria José B. de Farias
Maria José de Souza Reis
Maria Lúcia Carvalho Santos de Jesus
Maria M. Barreto Santos
Maria Neta A. dos Santos
Maria Rosângela Alves dos Santos
Maria Sônia F. Ribeiro
Marileide de Jesus Lima
Marisa Faria dos Santos
Marivaldo de Jesus Rodrigues
Maxsual Fernandes Oliveira
Moisés Augustinho dos Santos
Nadja Batista de Carvalho
Nathan de Sousa Reis
Nivaldo Correia de A. Santos
Noeme Barreto L. dos Santos
Raimunda M. da Silva
Regiane Fernandes dos Santos
Renata Amaro Inocência
Rosimeri R. dos Santos Nascimento
Sabrina M. dos Santos
Samuel Nunes dos Santos
Sérgio Roza dos Santos
Sílvia Rejane Trindade Menezes
Valdemir Cordoso Silva
Valdemira B. dos Santos
Vívian Ribeiro dos Santos
Viviane Souza Gomes
Walter Silva Cardoso Júnior
Wilson Cardoso Silva
Wiltom de Jesus Santos

Território do Agreste Central

Areia Branca

Andréa de Oliveira Fonseca
Everaldo José de Souza
Givaldo C. de Oliveira
Gláucia Silva de Oliveira
Isailde de Oliveira
Ivanilde Sales dos Santos
José Adilson de Almeida
Juliana Messena
Lucas Fontes Lima
Lurdes Nunes de Oliveira
Marcelo José Dias
Maria Bernadete T. Santos
Maria Dilma B. Santos
Maria Hosana dos Santos
Nailene A. L. Ribeiro
Nilton Marcelino F. dos Santos
Verônica O. Nascimento

Campo do Brito

Adelson Souza Júnior
Antônio Carlos Almeida Fonseca
Givaldo Francisco dos Santos
Lucivânia de Oliveira
Margarida Francisca de Lisboa
Marivalda da Cruz
Suelena de Lima Leal
Tatiane da Purificação Almeida
Valquíria Almeida da Silva

Carira

Carla de Sena Anunciação
Denilson Carlos dos Santos
Denys Helder Monteiro
Denyson Macelio Monteiro
Edimeude Nascimento
Elisabeth Silva S. Bispo
Euniro Mario dos Santos
Irineza R. dos Santos
João Hélio de Almeida
José Frede Góis
José Resende dos Santos
Josefa Inez Basto
Joseilde Maria B. Lima
Lucineide Maria dos Santos
Marco Antônio O. Nascimento
Marineuza S. da Mota
Severino dos Santos

Frei Paulo

André Lucas N. de Oliveira
Andressa Nascimento de Oliveira
Bruno de O. Corrêa Dantas
Carlos André A. Feitosa

Edimaria B. da C. Costa
Eliane Dantas de Oliveira
Francisco Carlos de Jesus
Gilson Joaquim dos S. Júnior
Jaime Santos
Jaque Pereira dos S. Menezes
Jazilda de S. O. dos Santos
Jeffeson Costa dos Santos
José A. B. Costa
José Jerffeson da C. Oliveira
José Nilson Pereira de Souza
José Wanderley N. Filho
Josefa Alves S. dos Santos
Josefa Nascimento de Oliveira
Juliano dos Santos
Juvenilson Lima Menezes
Luiz Lima Ferreira
Narlete Santana da Mota
Susiclay de Oliveira Santos

Itabaiana

Adriana Ferreira Farias
Adriano Bispo
Anderson dos Santos
Aricela dos Santos Lima
Bruna de C. Souza
Carla Patrícia da Silva Nonato
Carlos Henrique dos Santos
Climene Passos do Nascimento
Creuzia dos Santos Andrade
Dayseane Lima da Costa
Denise de Jesus Passos
Edicleide Cardoso dos Santos
Edilene Lima de Oliveira
Ednalva Barros dos Santos
Eduardo A. Prudente
Eliana dos Santos
Elivânia V. Santos
Emília Menezes Rezende
Geovânio dos Santos Andrade
Gilza Lima S. de Jesus
Giselma Dantas
Ilma da Silva Borges
Israel Santos da Silva
Jacquiciêne Leal Meneses
Jeane da Silva O. Cunha
João Fonseca de Siqueira
José Bomfim Silva
José Carlos Bispo
José Dácio de Jesus
José Roberto dos S. Menezes
Josenilde Andrade Silva
Josinara Sobral de Oliveira
Josivalda de Souza Santana
Luciana Costa L. Rezende
Luís Eduardo de Jesus

Luzinete dos Santos Góis
Maria Augusta de Santana
Maria Auta do Nascimento
Maria de Lourdes L. de Jesus
Maria Edilene Santos
Maria Ione da C. Santos
Maria José dos S. Carvalho
Maria Nelma S. Oliveira
Maria Osana de Oliveira
Mário Cavalcante W. Filho
Mônica O. Lima Santos
Nicea Mendonça Araujo
Nicélia do Nascimento Santos
Noelita Gomes dos Santos
Regina Helena dos Santos
Roseli Brito Santos
Silvana dos Santos
Silvana Mercia S. Lima
Simone Santos M. Motta
Valdson Santos de Jesus
Vaneide Souza O. Barreto
Vanusa dos Santos
Viviane Ramos dos Santos
Wesly Vieira Santos

Macambira

Ana Izabel Genes dos Santos
Anderson Santana Fontes
Antônia Carvalho dos Anjos
Cláudia S. Vasconcelos
Danilo Missael dos Santos
Edna Meireles de O. Costa
Elessandra Oliveira Teles
Elisângela Santos de Jesus
Ita Anderson Passos Lima
Jacilene Santos de Castro
Jocimar de Jesus Santos
Josefa Simone Nunes de Jesus
Lydiane Oliveira de Jesus
Marcelo de Sousa Passos
Marcos Paulo Carvalho Lima
Maria Adriana de J. Souza
Maria Aparecida S. Bernades
Maria Bernadete Mendonça
Maria Clara G. dos Santos
Maria Das Graças dos Santos
Maria Socorro V. Andrade
Marinalva de Jesus Santos
Renilde Gonzaga Fontes

Malhador

Ana Angélica dos Anjos
Diougo Rafael M. dos Anjos
Fernando J. Leite
Jacira Vieira dos S. Oliveira
Jessi Kallene A. dos R. Santos

José Ginaldo dos Santos
Lucicleide dos Santos
Maria Aldeci de A. Lima
Maria Campos
Maria da Silva Menezes
Maria Edvânia Santos
Maria Helena dos R. Santos
Maria Josenir de A. Santos
Odeler Santos de Rezende
Paulo Glenison de Oliveira
Rosicléia Santana de Menezes
Valter Rubens G. de Lima

Moita Bonita

Andréa de Oliveira Cunha
Andréa Menezes da Trindade
Antônio Francisco Fiel
Catarina Barbosa
Conceição B. S. Nascimento
Daniela Góis da Silva
Gene de Souza Barreto
Ir. M^a Cristina de Souza Lima
Jackeline Teles dos Santos
José Alenilson de Góis
José Anselmo de Farias
Mônica Luzia C. Menezes

Nossa Senhora Aparecida

Agliede Resende L. da Silva
Ângela de Jesus Pereira
Antonio de Barros
Bernadete Pereira Lima
Bruno Natan S. Lima
Carlos Wendel S. Barbosa
Creunice Ferreira Lima
Creuzisse Dantas
Daniele Lima Santana
Deusa de B. Dantas
Eliene Maria de Almeida
Eurice dos Santos
Fátima Meneses Oliveira
Fernanda Iris Lima Santos
Gilmara Santana Santos
Gisselma Oliveira Lima
Hiane Santos Moura
Ingrid Nayara S. Santos
Jaci Bento S. Barreto
Joanna Kayane S. de Santos
João Carlos dos Santos
John Lennon de J. Silva
José Gilvan Freitas
José Reginaldo Barreto
Joseana Silva
Josefa Irani de A. Santos
Josefa Lima de Santana
Josefa Maria O. Almeida

Manuel Benicio O. Neto
Manuel Bomfim Oliveira
Manuel Sousa Fernandes
Maria Aparecida S. dos Reis
Maria Barros D. Silva
Maria Delma da Mota
Maria Do Carmo de Lima
Maria Dos Prazeres B. de Jesus
Maria Lúcia Elma de Santana
Maria Nicelma S. Barbosa
Maria Odete dos Reis
Maria Rivaneide S. Bento
Maria Santos A. Lima
Maria Selma B. Santana
Maykon Carlos Lima
Nayara Santos de Almeida
Patrícia Alves Barros
Renato Santana de Jesus
Rosália Almeida dos S. Santana
Rute Nascimento Oliveira
Valdileide Oliv. L. dos Santos
Vanusa Oliveira L. Barbosa
Victor José B. dos Santos
Vilma Pereira de Góis

Pedra Mole

Acácio Antônio S. Costa
Adriana B. dos S. Souza
Ana Selma dos Santos
Brisa Cristina Calman
Dorcas Nadja dos Santos
Edilene S. Rocha Santos
Edivania Pereira dos Santos
Edjânia Soares da Conceição
Elenilde G. dos Santos
Elielza dos Santos Hora
Evanilson Souza Conceição
Fabiane dos Santos
Fabio Santos de Oliveira
Gelson Alves de Lima
Gesilda O. S. da Conceição
José Américo de Souza
José Edivaldo dos Santos
José Fernandes B. dos Santos
Josefa Vanderleia da Conceição
Lady Daiane S. Oliveira
Leide Celma S. Oliveira
Marcela Santos Souza
Maria de Lourdes Santos
Maria de Lourdes Soares
Maria Difatima de J. Nascimento
Maria Livia Francisco
Rosângela F. Andrade
Solange Alves S. de Jesus
Suzana dos Santos Soares
Terezinha Viana C. dos Santos

Pinhão

Antônio Fraje de A. Neto
Dara Nunes de Sá
Edson Fernandes Souza
Ioga de Jesus Santos
Joelma de A. Andrade
José Antônio S. Oliveira
Marcelo Luís
Maria Aparecida V. Silva
Marília Gabriela C. Lima
Nelson G. da Cruz Júnior
Romualdo Bispo dos Santos

Ribeirópolis

Áfia Leite Nascimento
Alcilânia Rezende de Santana
Geovan Carlos Pinto de Rezende
Gilvani da Cunha
Kátia Menezes de J. Santos
Maria Jocilêne Barreto
Maria Solange Santos
Marineusa Santos M. Lima
Odair José da Silva
Valdilene Feitosa Santos
Valdir Passos Santana
Verônica Menezes de Lima

São Domingos

Andreia J. Santana
Bernadete Cardoso dos Santos
Edineide de Jesus
Ivanilde dos S. Oliveira
Joanita R. da Silva
Joelma de Jesus Batista
Jona Bispo de Vasco
José Adeilson de Jesus
Josefa Edilma de J. Paixão
Josina de J. De Góis
Josinete do E. Santo Batista
Jusilene Batista dos S. Moraes
Leilane da Paixão Silva
Lenilce de Jesus
Lindanalva M. da Silva
Lucineide Pereira Alves
P. Benjamim
Paulina Lima dos Santos
Rose Vânia da Silva
Soolton Santos Mendonça
Vandicléia Jurema Santana

São Miguel do Aleixo

Adelson Souza de Jesus
Amanda Santos de Jesus
Ana Célia Vieira Santos
Ana Paula Mendonça Meneses
Anderson de Jesus Alves

Carlos Henrique Paes
Clarice dos Santos de Jesus
Diego Souza Santos
Edivaldo Gomes de Rezende
Flavia das Graças Fonseca
Francielle Vasconcelos
Israel Santos Souza
Jaqueline Santana dos Santos
Luam de M. Rezende
Magna Lima da Cruz
Márcio José Ferreira
Maria de Fátima Silva
Maria Isabel de Jesus
Maria Lenira dos Santos
Michelle Santos Freitas
Mileise Santiago Soares
Simone Meneses S. Amaral
Teresinha da G. Oliveira

Território do Centro Sul

Lagarto

Adriel Correia Alcântara
Andréa Silva de Santana
Carlos André Nascimento Santana
Carlos Vinícius M. Monteiro
Dinalva Lopes dos Santos
Dulcilene dos Santos Almeida
Edgleison de O. Santana
Enoque Araujo
Erivaldo Sobrinho de Oliveira
Evandro O. Santana
Flávio Henrique do Nascimento Oliveira
Francisco André M. Santana
José Edvzon da S. Melo
José Simões Santos Junior
Marcos Aurélio S. Bastos
Maria Augusta dos Passos
Maria Oliveira Santos
Marlilton dos S. Nascimento

Poço Verde

Antônio Oliveira França
Denilson Santos Da Silva
José Araujo De Santana Filho
José Jean Dos Santos Filho
José Luciano Araujo
Manoel Das Virgens
Maria Aparecida Andrade De Oliveira
Rosilene Alves Barbosa
Toni Landi Anselmo A. Dos Santos

Riachão do Dantas

Acácia Maria dos Santos Silva
Cláudia Francisca de Oliveira

Clenia Fonseca Matos
Cleone Santana Santos
Eliana Santos C. de Andrade
Gislene Fonseca Dias
Guiomar Bruno dos Santos
Joelson Batista dos Santos
José Messias Souza
Joseane Gonçalves de Souza
Josefa Araujo dos Santos
Josefa C. de Jesus
Josefa Rareli de O. Souza
Josefa Souza S. da Conceição
Josineide de Souza Oliveira Santos
Keila Maria P. Pereira
Lídia Maria da Silva Freire
Lindinete Costa dos Santos
Maria Aparecida M. dos Santos
Maria da Conceição B. de Gois
Maria Gorete Almeida Figueiredo
Marlucia de Santana
Nívia Costa Reis Gonçalves
Rita de Cássia A. F. Lima
Roberto Santos Silva
Rosilda Alves do A. Dória
Rosivania Borges
Sandra Rosália de O. Santos
Sidiclei Fonseca Laves
Sueli S. R. Freire
Tereza Araujo da Silva

Simão Dias

Ana de Jesus Santana dos Santos
Ana Maria Andrade M. Santa Rosa
Ana Maria M. de Souza
Antônio Santa Rosa do Rosário Neto
Audenea Nunes da Mota
Creusa Alves Batista
Edivânia Santa Rosa Nunes
Fransual Alves dos Santos
Isabela de Castro Santos
João Francisco Santos Araujo
José Adérico Cruz do Nascimento
Josefa Marleide C. Santos
Joseilda Ferreira de Almeida
Lucivânia Souza Santos Oliveira
Maria de Fátima Andrade
Maria de Souza Menezes
Thiago Araujo dos Santos
Uilma Santos Oliveira
Vânia Maria dos Santos

Tobias Barreto

Anacléia Luz de Carvalho
Daniel Conceição Oliveira
Equiton Silva Menezes

Fábio Ribeiro dos Santos
João Paulo C. de Jesus
José Clailson do Vale Santos
José Edson Alves Guimarães
Josenilson Bispo dos Santos
Leandro Pereira da Silva
Maria Betânia A. Araujo Souza
Maria Vitor de Macedo
Matias Bendito dos Santos
Renivaldo Valença da Costa
Seramiza S. Fontes
Sílvia Carolina Garcez
Valderlam Lima Souza

Território do Leste Sergipano

Capela

Aneline de Melo Sobral
Antônia Regina C. da Silva
Cléssio Alves Lima
Edriana Silva Santana
Eleonaldo do Nascimento Santos
Gedivalda dos Santos
Ivanildo Gonzaga dos Santos
Josemir Menezes Ribeiro
Maria Lourdes Silva Santos
Méiriam Alaíde da Silva Santos
Robson Ferreira Santos
Rosa Cecília Lima Santos
Wellington dos Santos

Carmópolis

Ademar Souza Teles
Alexandre de Santana Magalhães
Arlene Ribeiro Teles dos Santos
Dennilton dos Santos
Elaine Santos da Cruz
Jussara Soares Souza
Márcia Cristina Santos Melo
Saany Amancio de Laencar

Divina Pastora

Alice Maria dos Santos
Cristiana dos Santos
Dalva Maria Ferreira Maciel
Deivison Wilson Santos Lima
Jaslene Bispo dos Santos
John Carmo dos Santos
Joselita dos Santos
Josilene Oliveira dos Santos
Maria da Paixão Souza de Jesus
Maria de Lourdes Santos Lima
Maria Pastora dos Santos Dantas
Nadja Maria Veríssimo
Paulo César
Sandra Carmem de Oliveira

Valdi Santos Silva
Valdice Santos Nunes
Vânia Santos Bomfim

General Maynard

Danilo dos Santos
Givalda Silva S. Costa
Hingride Silva Santos
José Carlos de Jesus
José Hunaldo Lima de Almeida
Josimar Santos Costa
Lucivania S. da Silva
Maria Tatiane de Almeida
Mayra Rocha Santos
Priscila dos Santos
Valdenoura F. dos Santos

Japaratuba

Gilberto dos Santos
Iolanda de Oliveira Santos
José Barreto de Sobral Junior
Karoline Ketilin M. Souza
Lucas dos Santos Andrade
Maria Roselita dos Santos
Silvestre Ferreira
Sonaley dos Santos
Sones Alberto do Nascimento
Valdir dos Santos
Walas de Oliveira da Conceição
Wellington dos Santos

Pirambu

Acácia Dias da Cruz
Américo A. B. S. Junior
Dayse Aparecida dos Santos Rocha
Deividson Bispo Santos
Diego Oliveira da Costa
Diego Vieira dos Santos

Edielma dos Santos
Eliane Santos Vieira
Geilton da Silva Bezerra
Geovan Pinto de Rezende
Geraldo dos Santos
Gevaldo dos Santos
Gilmara Silva Santos
Jean Carlos dos S. Cruz
Jideilton de Oliveira Lima
José dos Santos
Joseilde Sabino Santos
Josivaldo Rocha Cruz
Lívia Paixão dos Santos
Luiz Teles
Manoel dos Santos
Raquel de Andrade
Rosineide dos Santos
Tânia Teles da Costa
Tereza Neuma M. Cariri

Rosário Do Catete

Ana Cláudia S. de Lima
Carlos Alberto dos Santos Ferreira
Claudivânia Santos Costa
Elberty Carlos F. dos Anjos
Elisângela T. de Oliveira
Irani Santos
Ivonete Lopes
Jailton José dos Santos
Jaira Lute da Silva
Jamisson José Mendes dos Santos
Janaina dos Santos
Joany de O. Santos
João Santos
Joelma dos Santos Neves
Josenilton Filho
Kelly Cristina Lisboa
Kesley Dieriche Santos

Maria Ceilma Assis
Maria Cilane R. do Nascimento
Maria Eliza F. dos Anjos
Maria José dos Santos Anjos
Maria Selma Garção
Maria Suzirlane F. Santos
Marlene F. Sotero de Oliveira
Marluce Maria F. de Arruda
Michelle Santos
Moises Derreira
Rosely Santana Leal
Severina Maria Inácia Conceição
Sintia Gardênia dos Santos

Santa Rosa de Lima

Claudionisio Santos Leite
Fábio Santana Santos
Gabriela dos Santos Arcanjo Silva
Ivanildo Gonzaga da Silva
José Ivan Santos de Jesus
Manoel Messias dos Santos
Marcelle Campos
Marcos Paulo C. Lima
Maria José dos Santos
Maria Rosely O. Santos
Valdinete Freire de Araujo

Siriri

Andressa dos Santos
Camila de Jesus Santos
Cláudia Michelle O. dos Reis
Cláudio Moraes Vilanova
Maria Auxiliadora de Melo
Maria de Deus de Jesus
Maria de Lourdes P. Silva
Maria Dilma Neri da Cruz

Relação dos entrevistados durante a Pesquisa de Campo

Neste item, relacionamos as pessoas que foram entrevistadas durante a pesquisa de campo que objetivou aprofundar o conhecimento acerca das principais manifestações culturais de Sergipe.

Território da Grande Aracaju

Aracaju

Ana Badyally
Antônio Soares de Freitas
Emanuel Vasconcelos Serra
Everlane Moraes
Isaac Enéas Galvão
Ivanira Lemos Dória
Jácome Góes da Silva
Jorge dos Santos Rocha
José Messias do Nascimento
José Roberto Freitas (Beto Pezão)
Luís Alberto Santos de Jesus
Luiz Carlos Nunes Santos (Blek Malé)
Marizete Silva Lessa
Silvane Santos Azevedo
Vinícius Viana Araújo
Waldoilson Santos Leite

Barra dos Coqueiros

Bárbara Dias
Iolanda Oliveira Dos Santos
Josenilton dos Santos Bispo
Leo Andrade
Lúcia Rodrigues
Maria Celina Ferreira da Silva
Roberto Calazans Costa

Itaporanga D'Ajuda

Edson dos Santos (Seu Dica)
Elaine Maria Cortes Santos e Silva
Juares Pinheiro
Luiz Santos Possidônio
Robson Santos Silva (Mister Silva)
Wesley Santos Pereira (Nem)

Laranjeiras

Antônio Carlos dos Santos
Bárbara Cristina dos Santos
Efigênia Maria da Conceição
Givalda Maria dos Santos Bento
Maria de Lurdes Santos

Maruim

Jair Dórea Santos
Joaquim dos Santos

Luiz Eduardo Bittencourt da Silva
Maria Eunice de Andrade Santos

Nossa Senhora do Socorro

Adelson Santos
Damião Ancelmo Neres
Denilton Selmo Sales
Francina Oliveira Santos
George de Oliveira Santos
Maria Helena Aragão
Roberto Wagner Santos Cruz (Betinho)
Rosival Teles do Nascimento
Valdemir Oliveira dos Reis

Riachuelo

Ana Cristina Guimarães
Gildo de Oliveira Santos
Helena Tourinho
João Batista Santos
Maria José de Oliveira

Santo Amaro das Brotas

Anastácio Barbosa Lima
Maria Celestina de Oliveira

São Cristóvão

Aloysio Araújo
Caridade da Fonseca e Matos
Jorge dos Santos
José Thiago da Silva Filho
Luzinelma Pereira de Oliveira (Nilma)
Maria Passos dos Santos
Marieta Santos (D. Marieta das Queijadas)
Neide Quitéria Silva
Nelson Polito Santos Filho
Sílvio Corado de Amaral
Sócrates de Andrade Prado
Vânia Dias Correia

Território do Alto Sertão

Canindé do São Francisco

Acácia Aguiar Andrade
José Antônio
Maria São Pedro Gomes “Dulcinéia”
Tereza Raquel Carvalho Santos
Veranúbia Avelino Santana

Gararu

Beatriz Cruz dos Santos
Carlos Augusto Pereira Santos
Djenal Vieira Silva
Júlia Gomes dos Santos

Kátia Albuquerque Melo
Niceia Araujo
Socorro Albuquerque de Oliveira

Monte Alegre de Sergipe

Alisson Alves da Silva
Antônio Geraldo dos Santos Oliveira
Maria Aparecida Silvestre Correia
Walfran Lima Souza

Nossa Senhora da Glória

Antônio Lima de Santana
Aselmo Andrade Dantas “Aselmo Correia”
Francisco Paixão “Chico paixão”
Jorge Henrique Vieira Santos
Josefa Alice de Andrade Oliveira “Janete”
Maria Aparecida de Souza Santos
Maria da Conceição dos Santos
Maria de Oliveira Barreto
Miriam Amaral Santos

Nossa Senhora de Lourdes

Anselmo Mota de Santana
Antonio Cardoso dos Santos
Augusto Alves dos Santos
Benildes Ferreira da Silva Santos
Luzinete Ferreira dos Santos

Poço Redondo

Alcino Alves Costa
Anderson Henrique Ventura
Artegenos dos Santos “Geno Vito”
Janisson Santana Santos
Jeane Vieira
José Lemos
José Lemos
Josefa Maria Conceição (Vânia)
Maria Domingas dos Santos Neto
Maria Lídia Cruz
Mestre Tonho
Rafaela da Silva Alves
Raimundo Eliete Cavalcante
Rivaldo Andrade dos Santos “Galego”
Rogéria Gomes Dantas
Salvio Pereira de Oliveira

Porto da Folha

Dona Francisca
Erinaldo Delfino da Silva
Maria da Conceição Bernardino
Maria Helena Cardoso Farias “Bilenga”

Território do Médio Sertão

Aquidabã

Carlos Alberto
Claudiney Silvio Gomes de Oliveira
Erlene Gonzaga de Andrade
Maria Augusta Melício Santo
Maria de Lourdes dos Santos
Raimundo de Andrade Filho
Rigley Ribeiro
Terezinha Souza Moura

Cumbe

Eliezer José dos Santos
Gladson Rodrigues dos Santos
Maria R. de Siqueira
Marieze Menezes Santos

Feira Nova

Maria José da Conceição
Maria José da Silva Santos

Graccho Cardoso

Ana Luiza Nunes Mota Santos
José Verionaldo Albuquerque
Rivanete Alves dos Santos
Valdinete de Deus Santana

Itabi

Acácia Cristina Souza
Aclecia de Oliveira Santos
Wilenburg Vieira de Souza

Nossa Senhora das Dores

Adenilson Marcos dos Santos (Liliu)
Amilton Alves de Andrade
George José Xavier
João Paulo Araújo de Carvalho
Manoel Messias Moura
Maria Ana Oliveira Santana (Marita)
Natália Pinheira dos Santos
Rosa Angélica de Andrade
Terezinha B. dos Santos (D. Terezinha)

Território do Baixo São Francisco

Amparo do São Francisco

Edmilson Santos
Jorge Alves Siqueira
Marilene Santos
Orlando Francisco dos Santos
Sandra Mara Muniz Dantas de Farias

Brejo Grande

Jocelice Luiz dos Santos
José Carlos dos Santos Ferreira

Manso Pinheiro
Maria Dias Ferreira

Canhoba

Aritana Conceição Ferreira Divino
Leôncio Rocha
Maria Zenilde Teodoro Andrade
Xifronese Santos

Cedro de São João

Claúdia Maria do Nascimento Melo
Gileno de Jesus
José Carlos Santos “Cacau”
Juraci Ramos Rocha Filho
Luiz Nunes Santos
Maria Nazareth Alves

Ilha das Flores

Dália Nascimento dos Santos
Francisca Maria Pereira Matias
Joélí dos Santos
José Roberto dos Santos
Rildo dos Santos

Japoatã

Marcelo Santos Gomes
Maria do Carmo dos Santos
Moisés Lopes
Selma Maria Ferreira Santos

Malhada dos Bois

Ariosvaldo José dos Santos
Maria Neuma dos Santos Nascimento
Maristela Ferreira da Silva
Mônica Almeida dos Santos

Muribeca

Cricia Silva
José Bonfim Filho
Lady Kelly Pereira Matos
Maria José Silva
Wnaldo Santos

Neópolis

Fábio Augustinho Pereira
Jorge Ribeiro dos Santos
Luciano Feitosa Rafael
Maria José Santos
Mariza Soares dos Santos Vieira

Pacatuba

Arisvaldo Vieira Mello
Cleonaldo
Domingos Ferreira
João Altran
Maria Isabel Santos Santana

Robson dos Santos
Sergio Gomes
Suziane dos Santos

Propriá

Antônio José de Oliveira
Erasmus Rodrigues Teixeira
Felipe Moura da Silva
Martinho José da Silva

Santana do São Francisco

Fernanda da Silva Vasco
Roberto Batista Cruz
Rubenice Silva Pereira
Wilson de Carvalho (Capilé)

São Francisco

Claudenês Santos Bispo
Francisco Graciliano da Silva
Manoel Euclides Santos
Maria de Fátima dos Santos
Robério Rocha de Araújo

Telha

Ângela Maria Luiz Diniz
Josenaide Alves Graça
Karla Marcelina de Jesus Brasida
Neudo Sergio

Território do Sul Sergipano

Araúá

Jaime Monteiro
Maria Alves da Silva Andrade
Raimundo dos Santos

Boquim

Bernadete
Iolanda Chagas

Cristinápolis

Carlos Alexandre S. Andrade (Jacaré)
Raimundo Carlos dos Santos

Estância

Adnilson da Conceição
Cremildes Almeida Santos
Dionízio de Almeida Neto
Jolira Miguel dos Santos
José Pereira do Nascimento (Zé de Ló)
Maria Judith Melo Andrade
Valdivino Menezes Neto

Indiaroba

Cosme Amaninho dos Santos
Francisco José Alves Santos

Valdenice dos Santos
Winiston Antônio Ramos de Almeida

Itabaianinha

Ana Maria Borges Moraes
Cleidiene Batista da Silva
Manoel Alves de Oliveira (Nezinho)

Pedrinhas

Bartolomeu Vieira Lima
Evaldo Ribeiro dos Santos
Luis Anselmo Barbosa dos Santos
Maria de Jesus Santos
Raony Freitas do Nascimento

Salgado

Laurinete Conceição Santos (Laura)
Márcia Oliveira Reis dos Santos
Pedro Vicente dos Santos
Rodrigo Lisboa de Andrade

Tomar do Geru

Claudete Maria dos Santos
José Alves
José Joelson Oliveira Santos
Manoel Maciel Mendes dos Reis
Miraldina de Souza Fonseca
Ronilson Guimarães de Oliveira
Rui Barbosa Leal

Umbaúba

Antônio Cirilo de Oliveira
Elizeu de Jesus Souza
Givanilde de Jesus Santos
Ricardo Batista de Carvalho

Território do Agreste Central

Areia Branca

Alailson Gois Alves
Everaldo José de Souza
Fábio Santos da Hora
Isabel Cristina Santos
Izabel da Silva Mesquita
José Aloísio Oliveira
Marcelo José Dias
Maria Djalma Dias Ribeiro
Maria Lúcia dos Santos Ferreira

Campo do Brito

Caetano Bispo da Silva
Givaldo Francisco dos Santos
José Barbosa da Conceição
Valmir dos Santos

Carira

Djanira Maria Bispo
Francisco Sales da Conceição
Hélio de Almeida
José Augusto da Costa
Maria Inês Correia dos Anjos

Frei Paulo

José Alves de Oliveira
Josefa Ana Dilma dos Santos
Luiz Lima Ferreira
Marivalda Lima Souza
Senhor Dadá

Itabaiana

Domingos Alves
Elivânia Vieira Santos
Erickson Carvalho
Helena Meneses
Jailson Deniz
José Adenilson
Maria José Santos de Jesus
Maria Rosa de Santana
Wanderlei de Oliveira Menezes
Zé de Biela

Macambira

Alexandre Messias do Alto
Ito Anderson Passos Lima
Maria Valdira Santos Batista
Miguel Santana
Rosidete Francisca dos Santos

Malhador

Carlos Alberto dos Santos
Diogo Rafael Menezes dos Anjos
José Paulo dos Santos

Moita Bonita

Cristiane de oliveira Barreto
Jorgevânio Menezes de Lima
Marcos da Luz Oliveira
Maria Creuza da Silva Santos

Nossa Senhora Aparecida

Genivaldo Lima
Gidenilson Barreto da Silva
Gilberto dos Santos
Giséria Bonfim Santos (Nêga de Gerson)
Maria Adriana Oliveira Santana

Pedra Mole

Acácio Antonio Santos
José Aloísio dos Santos
Noel Monteiro dos Santos
Rivaldo de Souza

Pinhão

Aparecida Batista dos Santos Andrade
Clabio Vieira
Marcelo V. de Andrade Oliveira
Osvaldo Batista Souza

Ribeirópolis

Cristiane Bispo
Genivaldo Santos de Jesus
Laudice Mendonça Mota Guedes (Ivone)
Ledicelma Santos Oliveira (Dona Leda)
Lucivalda Sousa Teixeira e Dantas
Valdir Passos Santana
Valéria Santana

São Domingos

Ivo Roberto Pinto
Jose Carlos dos Santos Santana
Josefa Lima Santos

São Miguel do Aleixo

Anderson de Jesus Alves
Antonio Gomes de Rezende
Dário dos Santos Rezende
Diego Souza Santos
Flavia das Graças Fonseca
José Alves da Fonseca (Zé das Graças)
José Maleivan Santos de Freitas

Território do Centro Sul

Lagarto

Andre Barbosa de Santana
Aristides de S. Libório Sobrinho
Assuero Cardoso Barbosa
José Leonardo de Jesus Santos
José Ricardo Carvalho Silva
Padre Raimundo Diniz

Poço Verde

João soares de Jesus – João Giló
Maria Alves Santana
Maria Madalena Vicente
Raimunda de Jesus Santos

Riachão do Dantas

Dernival Cândido dos Santos
José Renilton Nascimento Santos
Josefa Barbosa Alves
Josué Gonçalves dos Santos
Maria Anelia Batista de Santana
Ubiramara Ventura da Silva

Simão Dias

Austecolino Ferreira Bonfim (Dr. Ciência)
João de Souza da Cruz
Josefa Santos de Jesus
Marcelo Domingues de Souza
Maria Izabel Ribeiro
Ricardo Rocha Santana
Rosemberg Silva Batista

Tobias Barreto

Antônio de Oliveira Silva (Virman)
Eunice da Gama Ribeiro
Fábio Ribeiro dos Santos
Josafá Alves dos Santos (Mestre Bahia)
Josivânia Meneses de Melo
Marcus Vinicius de Matos Souza
Margarida Araujo Bispo

Território do Leste Sergipano

Capela

Carlos Lúcio de Melo
Evânio Oliveira Andrade
José Pinto Meneses Filho
Márcio Fabiano Santana de Melo
Maria Nilza Santos
Maria Zuleide Moura
Tereza Maria Cabral

Carmópolis

Alexandre Santana Magalhães
Dennilton dos Santos
Idelfonso Cruz Oliveira
José Francisco Mota de Assis

Divina Pastora

Alzira Alves Santos
Flávio Augusto Santos
Maria Das Graças Dos Santos
Washington Luiz De Souza

General Maynard

João Batista dos Santos (Batistinha da marcação)
José Carlos de Jesus Santos
Maria Madalena de Assis Silva

Japaratuba

Dênis Américo Corrêa dos Santos
Edinei Arnon dos Santos Andrade
Edson Mota
Eduardo Carvalho Cabral
Guilherme Julius Zacarias de Melo
João Batista Rocha Santos
José Joaquim dos Santos
Magnólia Góis Menez
Manoel dos Santos (Seu Nêgo)
Marilene dos Santos
Pedro dos Santos

Pirambu

Agnaldo dos Santos Silva
Jaci Rosa Santos
Luiz Teles da Silva
Maria dos Santos Sales (Dona Nazilde)
Neuzice Santos

Rosário do Catete

João Vieira dos Santos
Luzinete de Jesus
Maria Isabel Conceição dos Santos

Santa Rosa de Lima

Aliella Luzarte da Silva
José Francisco de Oliveira
José Valmir Meneses
Lindaure de Jesus
Maria Lúcia Corrêa
Maria Rute de Santana
Mazilde Santos de Oliveira

Siriri

Iolanda Nogueira da Silva
José Edno Gomes dos Santos
Maria do Carmo Santos
Telma Guimarães Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sergipe : cultura e diversidade / [organizadora]
Maria Lucia de Oliveira Falcón. -- Salvador, BA :
Solisluna Design Editora, 2010.

Vários colaboradores.
ISBN 978-85-89059-29-9

1. Arte - Sergipe 2. Cultura popular - Sergipe
3. Diversidade cultural - Sergipe 4. Festas
folclóricas - Sergipe 5. Sergipe - Descrição
I. Falcón, Maria Lúcia de Oliveira.

10-07141

CDD-306.098141

Índices para catálogo sistemático:

1. Sergipe : Brasil : Cultura popular :
Sociologia 306.098141



Este livro foi editado em junho de 2010
pela Solisluna Design e Editora.
Impresso em papel couché 150g/m².
Impressão Gráfica Santa Marta.
Aracaju, Sergipe, Brasil.



ISBN 978-85-89059-29-9



9 788589 059299